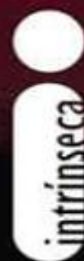




Grégory Samak

# O LIVRO SECRETO

  
intrínseca

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Grégory Samak  
O LIVRO  
SECRETO

TRADUÇÃO DE JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © Flammarion/Versilio, 2014

TÍTULO ORIGINAL

Le Livre Secret

PREPARAÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Luís Ulhoa

DESIGN DE CAPA

Davide Nadalin

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-861-4

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA

Hoefler

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

1

I. Rex

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

II. Tremendae

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

### [III. Majestatis](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[Fim](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)



*Para Louis-Elias, Raffaele e Stéphanie*

“Avanço com a confiança de um sonâmbulo  
pelo caminho que a Providência traçou para mim.”

# 1

*21 de dezembro de 1943*

O menino moveu seu cavalo branco para G3. Nesse instante, percebeu que necessariamente sofreria xeque-mate dali a duas jogadas. Aquele era, porém, o único movimento possível. Inevitável. Outras pessoas, mesmo mais velhas, teriam chorado ou deixado transparecer alguma emoção, mas ele ficou impassível, olhando fixo, à beira da hipnose, para o gélido brilho azul nas órbitas do adversário.

Usando um sobretudo marrom, o oficial deu um sorriso torto. Depois cuspiu no chão coberto de neve, aos pés dos guardas e detentos, o líquido negro proveniente do tabaco que mascava.

Havia três jogadas o soldado já sabia que ganhara a aposta...

Com um gesto repleto de arrogância, o homem avançou três casas com sua rainha, até H3.

Xeque.

O menino sentiu um nó na garganta. Uma onda de pavor passou pelos olhares dos espectadores — tanto os que pertenciam à raça dos senhores quanto à dos sub-homens ali detidos — que começavam a perceber o desespero da situação.

Apesar de tudo, o menino se esforçava para encontrar uma saída. Porém, não havia nenhuma, e seu rosto ficou lívido.

— Jogue! — berrou o soldado.

O menino se sobressaltou. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Jogue! — repetiu o homem, furioso.

Então, o menino avançou nervosamente seu rei: a única e fatal possibilidade.

Com a intenção de prolongar o efeito, o soldado nazista disfarçou sua satisfação. Aprumou-se na cadeira e, com uma lentidão calculada, posicionou sua rainha diante do peão branco na casa G5.

Xeque-mate.

Sem que nem sequer precisasse dar a ordem, seus homens se aproximaram do menino. Conforme o combinado, eles o imobilizaram e o forçaram a espalmar a mão direita em cima da mesa. A criança implorou, tentando em vão escapar de seu destino, mas ninguém interveio.

O mais imponente dos dois guardas pegou uma grande faca de aço com lâmina cega. A pequena presa gritou e se debateu feito um cão raivoso. O predador se deleitava com a vitória. Pegou mais tabaco e enfiou na boca sem desviar os olhos da cena.

Sem hesitar, apoiando-se na beirada da mesa, o homem com a faca cortou o indicador direito do menino, decepando a carne e quebrando o osso.

O tabuleiro de xadrez de mármore claro foi manchado por um grande jato de sangue vermelho-vivo.

As testemunhas da cena se dividiram entre sarcasmo e náusea, enquanto os gritos de dor do menino ressoavam por todo o campo número 1.

Ouviu-se ao longe a rajada de metralhadora de um enésimo pelotão de fuzilamento que mirava uma família já desgastada pela interminável viagem...

E o dedo cortado rolou no chão, sendo disputado com uma voracidade assustadora pelos cães, bem no meio do pátio enlameado e fétido do campo principal.

**I**

---

**R<sub>EX</sub>**

## 2

### *Primeira metade do século XXI* *Viena – Áustria*

Elias era um homem solitário. Tinha seus hábitos, pequenas manias insensatas, como a maioria das pessoas de sua idade, e a vaga impressão de não ter vivido de modo suficientemente intenso. Dedicava um cuidado minucioso à arrumação de seus pertences pessoais. Em seu guarda-roupa, as camisas ficavam perfeitamente alinhadas e impecáveis, os sapatos eram organizados por cor e lustrados com uma atenção aos detalhes quase obsessiva.

O velho também tinha um lado misterioso. Nos momentos importantes de sua vida, ele repetia de forma inconsciente o mesmo ritual: o de mexer silenciosamente os dedos da mão direita como se tocasse um piano imaginário que só ele via.

E, mesmo mais de trinta anos após a morte de sua esposa, ele nunca havia conseguido abandonar o hábito de pôr a mesa para dois.



Elias Ein era seu nome. Vinha de uma grande e antiga família judaica do Leste Europeu, mas sua linhagem já pertencia ao passado: desaparecera completamente no fim da guerra.

Elias e Yélèna, sua irmã, eram atualmente as duas últimas pessoas carregando aquele sobrenome. Dois filhos, sem descendência, agora assolados pela velhice.

No início do século XXI, só lhes restava uma vaga lembrança do que seu pai e o pai de seu pai outrora lhes contara; ecos longínquos de uma idade de ouro ultrapassada.

Mas Elias também guardara outro vestígio daqueles tempos: uma velha caixinha de música, que ele apreciava mais do que tudo. Ganhara de presente da mãe na infância.

A caixa era de madeira de cedro incrustada de madrepérola. Dava-se corda ao mecanismo, que ficava escondido em um fundo duplo, com a discreta manivela de aço na lateral. Mesmo após muitos anos, ainda tocava perfeitamente a célebre melodia de Rachmaninoff, a *Rapsódia sobre um tema de Paganini*, opus 43. Era sua música preferida.

A herança de Elias se resumia ao simples conteúdo daquela caixa. Sob a tampa xadrez, havia um espaço interno coberto por veludo roxo desbotado, grande o bastante para guardar os tesouros do velho: três fotos de família com os cantos dobrados, uma aliança de ouro, cartas e uma pistola Luger que não funcionava mais.

Elias herdara a arma do pai. Ele a guardava como se fosse uma relíquia, em memória das horas terríveis que seus entes queridos haviam vivenciado.

Não entendia nada de política. Aliás, não era uma pessoa sociável. Sua natureza selvagem passara a predominar definitivamente quando ele tinha trinta e três anos, idade em que perdera Anna, sua única esposa que nunca lhe dera filhos. Era dela a aliança guardada na caixa há mais de trinta e cinco anos.

Ao longo de todo esse tempo que passou em Viena sendo funcionário da Meyer, uma grande empresa de seguros, ele exerceu seu trabalho escrupulosamente, dia após dia, sem se meter em confusão.

Parecia ter cumprido seu destino de homem simples e discreto. E, vendo-se à beira de seu septuagésimo aniversário, tudo que ambicionava era afastar-se daquela cidade para desfrutar sua aposentadoria em paz e aguardar — o máximo de tempo possível — o momento em que seu corpo enfraquecido, por fim, o trairia, e a morte o levaria.

Respondeu a um anúncio imobiliário. Um corretor vienense de Rainergasse oferecia, por um bom preço, uma casa sóbria na Alta Áustria, em Braunau am Inn mais exatamente, uma pequena cidade localizada na fronteira austro-alemã.

Era verdade que o lugar ficava abafado no verão, desagradável no inverno, mas a região era cercada por vastos bosques, propícios para passeios solitários.

Além disso, a residência tinha alma. Ela datava, pelo que lhe disseram, de mais de dois séculos: era o antigo lar de um aduaneiro e contava com uma fachada ocre e várias janelas de moldura branca. Afastada da cidade, a casa parecia desafiar os anos. Uma faxineira devia ter passado horas tentando deixá-la apresentável. Mas não conseguira disfarçar o desgaste dos vernizes e dos painéis. Por comodidade, os móveis de época foram cedidos com a casa.

O local tinha seis cômodos, pelo menos de acordo com o anúncio. No mezanino, a cozinha era mobiliada com uma mesa de madeira maciça e um velho fogão a carvão. Ao lado, ficava a pequena sala onde Elias logo colocara uma poltrona de veludo marrom e uma estante de livros, ambas trazidas de Viena. A outra sala, que servia de sala de estar, era maior e tinha paredes revestidas com painéis de madeira entalhada.

No primeiro andar havia dois quartos. Elias escolhera o mais espaçoso, deixando o outro desocupado. Os quartos eram interligados por um banheiro com azulejos gastos e torneiras lascadas. Ainda dava para sentir vagamente a presença de uma família que Elias imaginava austera, porém digna...

Remota e de aparência comum, a singular construção escondia uma natureza profunda: era, na realidade, um lugar repleto de lembranças e com um passado memorável. Seu interior era caloroso, mas apenas aqueles que se davam o trabalho de olhá-la verdadeiramente conseguiam perceber isso.

Por essa razão a casa lhe agradara: no fundo, era como ele...



### 3

Elias já tinha encerrado as últimas formalidades com relação à sua mudança. Também encontrara, em pouco tempo, uma empregada. Uma mulher severa, tipicamente austríaca, que se chamava Renate Polster.

Ela era uma faxineira de uns cinquenta e tantos anos, feia e intimidante, mas formidavelmente eficaz.

Ficou combinado que Frau Polster, como era conhecida na região, começaria a trabalhar dali a dois dias.



Estavam em setembro. Mais do que nunca, a cidade de Braunau parecia adormecida.

Elias decidiu passear pelas ruelas durante uma tarde qualquer, e foi por esta circunstância que sua atenção se voltou para um pequeno antiquário isolado, obscuro e empoeirado. Parecia deserto. Na vitrine, um objeto particular, que reinava lá dentro em um velho mostruário de madeira, o atraiu.

Ao se aproximar, ele pôde observar todos os detalhes daquele antigo tabuleiro de xadrez talhado em mármore claro e revestido de ébano.

Parecia vibrar na penumbra.

A porta estava entreaberta, e Elias esgueirou-se para o interior da loja. Ninguém se manifestou.

Ele percebeu que as peças estavam em ação: suas posições indicavam uma partida em andamento, um jogo avidamente disputado, e as pretas levavam vantagem.

Num gesto bastante desafiador, ele estendeu a mão na direção do rei branco.

— E por que o senhor acha que é a vez dos brancos jogarem?  
— interrompeu bruscamente uma voz grave, vinda do além.

Ele estremeceu. Avistou no fundo da loja duas manchas luminosas com reflexos opala, o brilho de um olhar fixo nele.

Elias não respondeu.

Sentiu o desconhecido avançar em sua direção. Uma silhueta surgiu diante de seus olhos. Um verdadeiro personagem antigo o encarava. Um patriarca, uma espécie de esfinge que espreitava ali, como se montasse guarda em frente à porta de algum templo secreto.

Elias tentou não deixar transparecer sua surpresa e, após um breve silêncio que lhe permitiu recuperar o sangue-frio, disse:

— É uma belíssima peça, não é?

— Belíssima, sim — confirmou o velho —, para um verdadeiro conhecedor de xadrez. Para os confidentes do rei, para os que têm consciência de que xadrez é uma disputa que às vezes pode nos fazer perder a vida...

Prudente, Elias mais uma vez esperou um instante antes de fazer a pergunta:

— Qual é o preço?

— Não está à venda...

— Posso perguntar por quê?

Como se falasse consigo mesmo, o patriarca murmurou:

— No dia em que essa partida terminar, aí, sim, poderei me desfazer do tabuleiro.

Elias virou-se de frente para o homem desconhecido. Ao avistá-lo por completo, o antiquário pareceu intrigado.

— Nós já nos encontramos em algum lugar? — perguntou.

— Acho que não.

— É mesmo? Bem, o senhor não respondeu à minha pergunta...  
Por que achou que estava na vez dos brancos?

— Por uma questão de lógica — afirmou Elias. — Dedução matemática, inclusive, diria. Os brancos estão a quatro jogadas de

colocar o rei em xeque, acho até que posso recriar os movimentos da partida de trás para a frente.

O homem ficou sem palavras por um instante, mas em seguida confirmou:

— Na verdade, o jogador preto está aguardando o próximo movimento do adversário há... mais de oitenta longos anos.

— Pois então! — exclamou Elias ingenuamente. — Acho que não vou poder comprar o tabuleiro tão cedo...

O desconhecido deu mais um passo em direção à luz, como se pretendesse observar Elias melhor.

De repente, os olhos claros do misterioso antiquário se arregalaram e, reprimindo uma forte emoção, ele disse com a voz frágil:

— Sof, me chamo Gustav Sof.

— Prazer em conhecê-lo. Sou Elias Ein, mas pode me chamar só de Elias.

E os dois homens se cumprimentaram encarando-se.

— Herr Sof — retomou Elias com educação —, fique com meu cartão. Caso essa partida termine algum dia, quem sabe eu possa lhe oferecer um bom preço...

— Obrigado — respondeu de modo mecânico o velho comerciante, pensando em outra coisa.

Quando Elias estava prestes a sair, Sof o chamou:

— Com licença, Herr Ein, na verdade eu gostaria de lhe fazer uma oferta...

Elias assentiu.

— Eu estaria disposto a lhe dar o tabuleiro de presente... — revelou Sof. — É uma peça única, o senhor sabe... contanto que... aceite terminar essa partida... jogando contra mim. O que acha?

— Bem, eu acabei de me mudar aqui para Braunau... Eu não recusaria um pouco de companhia. Então está combinado! Vejamos... amanhã à noite?

— Muito bem! Até amanhã — concluiu Sof. Depois observou Elias Ein voltar devagar pelos meandros da calçada, parecendo pensativo.

## 4

Fazia sete dias que Elias se mudara para Braunau, e boa parte de seus pertences continuava dentro das caixas amontoadas na entrada da residência.

Elias não demorara para comprar a casa. Só a havia visitado uma vez, por isso, não ficou muito surpreso quando, durante a arrumação, notou que atrás da escada no mezanino havia um cômodo cuja existência ele desconhecia. Ali se encontrava um antigo quarto de criança, um quartinho azul.

Ficou surpreso com o bom estado de conservação do lugar. Diferentemente dos outros cômodos, aquele parecia ter atravessado os anos sem sofrer qualquer deterioração. Porém, segundo o corretor de imóveis, ninguém ocupava o local havia muito tempo.



Eram onze horas da manhã, mas, de repente, Elias sentiu um grande cansaço, que logo atribuiu à mudança. Sentou-se um instante na cama infantil abandonada em um canto do quarto.

Fechou os olhos por um breve momento. Foi então que, sob o efeito de uma sonolência sem dúvida causada pela idade, ou talvez pela ironia do destino, sua mão deixou a bengala cair nas tábuas oblíquas do assoalho.

Elias foi surpreendido pelo som incomum da bengala rolando pelo chão.

O velho continuou deitado, mas seu olho direito se abriu lentamente para observar as ripas de madeira naquele ponto.

Nesse momento, notou um remendo que revelava a localização de uma antiga abertura.

Curioso, levantou-se com uma agilidade espantosa para analisar mais de perto aquela marca.

Ele moveu com dificuldade a pequena cama, empurrando-a para junto da parede do quarto, deixando o velho alçapão totalmente desobstruído. Contudo, não havia nenhuma argola ou alça visível. Elias pegou sua bengala e tentou usá-la como alavanca.

Com um barulho de rachadura, a madeira acabou cedendo. O buraco revelou uma monumental escada de pedra, que sumia em direção à escuridão.

Dando passos hesitantes, Elias desceu os inúmeros degraus no breu, com a sensação de estar se enfiando numa adega muito profunda no subsolo da casa. Encontrou um amplo local completamente sem luz, que fazia eco como uma catedral subterrânea.

Tateando, agarrou um velho lampião suspenso em uma viga. E, quando a chama de seu isqueiro acendeu o pavio, Elias se deu conta de que acabara de entrar no lugar mais extraordinário que já tivera oportunidade de ver em toda a vida.

## 5

A luz fraca do lampião revelou os contornos de uma sala monumental da qual partiam e para onde retornavam, em dois andares, corredores circulares simétricos. Elias parecia estar numa imensa biblioteca de dimensões irreais. Incontáveis fileiras de livros, todos com uma suntuosa encadernação em couro nobre e rigorosamente idênticos, ocupavam as paredes a perder de vista.

A sala formava um perfeito quadrilátero, com um pé-direito altíssimo. No centro havia uma antiga escrivaninha e uma cadeira de madeira simples. As paredes dos corredores convergentes também estavam repletas de livros. Visto de cima, o conjunto parecia formar uma rosácea em torno de um diamante quadrado.

O lugar emanava uma imponência sobrenatural. Elias perguntou-se a razão de aquele cômodo estar escondido ali, como se adormecido, dentro daquela casa. Era uma sala tão ampla, organizada, de estrutura tão complexa...

A seus olhos, a admirável disposição de todos aqueles livros era prodigiosa. E o emaranhamento hipnótico daquelas paredes repletas de obras, do chão ao teto, lhe causou até vertigem.

Virando-se para a entrada, viu a grande escada de pedra pela qual descera e que ligava o cômodo à casa.

Ele notou que uma luminosidade pálida dominava o ambiente, vinda de uma inscrição gravada no meio da parede. De súbito, a inscrição passou a irradiar com tanta intensidade que, por um instante, a luz atravessou o corpo rígido do velho.

Elias desviou o olhar. O brilho tomou conta da sala com sua luminosidade, revelando a beleza e os diversos adornos do lugar. O caminho se abria.

O velho pôde distinguir outra vez o que estava escrito à sua frente: seis grandes letras hebraicas antigas e incandescentes. Elas

queimavam sem se consumir.

Maravilhado, ele pronunciou em voz alta as palavras em hebraico: *Sepher H'aim*, o Grande Livro da Vida.

Então, a cabeça do velho começou a zumbir loucamente.

“Inscreva-nos, ó Rei, no Livro da Vida” é a oração que os judeus praticantes do mundo inteiro entoam todo ano, há cinco mil anos, no grande Dia do Perdão. Aquela frase ressoava em sua alma.

Lembrou-se do ritmo no qual os fiéis a cantavam com fervor no Templo. Quando criança, ele ficava de pé ao lado do pai para ouvi-lo cantar a prece em meio aos fiéis. “Ó Rei, inscreva-nos no Livro da Vida!”

Ele pensou no pai. Onde estaria agora? Se ao menos pudesse se juntar ao filho naquele instante, ver aquele lugar maravilhoso...

E foi assim que Elias Ein, um velho homem simples de um século sem desafios, foi parar naquela sala extraordinária.

Seu olhar percorreu outra vez as intermináveis fileiras de livros. Sem dúvida alguma, ele estava em um lugar sagrado. Para ele, o espírito de Deus pairava ali. Achava que podia senti-lo, quase tocá-lo.

Apesar da idade avançada, ele se sentou no chão e, sob o benevolente brilho dourado das letras de fogo, enroscou o corpo e sua mente mergulhou em uma intensa reflexão.

## 6

Elias precisou de longos minutos para se recuperar da magnitude irreal de sua descoberta. Ele se levantou. Ainda estava tomado pelo encantamento. Aliás, até seus últimos dias sentiria essa intensidade toda vez que entrasse naquele cômodo.

Não ousou tocar em nada. Foi tão cauteloso quanto deviam ter sido os antigos sacerdotes de Israel ao entrarem no Santo dos Santos, o centro do sagrado Templo de Salomão, que costumava abrigar a Arca sagrada.

Havia muitas coisas ali que iam além de sua compreensão.

Depois de acender, um a um, os velhos lampiões a óleo do imenso espaço, ele pôde admirar plenamente o esplendor de cada detalhe. Elias olhava das paredes forradas de livros até os corredores sinuosos que irrompiam no grande quadrado central. Depois começou a andar pelos diferentes recantos do cômodo. Levou um tempo até terminar de percorrê-lo.

Cada parte daquela biblioteca estava coberta de prateleiras trabalhadas, e em cada uma delas havia várias dezenas de exemplares perfeitos, todos de aspecto absolutamente idêntico.

A lombada das obras trazia combinações de letras douradas cujo mistério Elias conseguiu desvendar rapidamente. Os caracteres hebraicos seguiam uma lógica: as duas primeiras letras pareciam indicar uma catalogação alfabética, seguidas de hífen e de uma série de outras letras que, segundo sua disposição, só podiam indicar um valor numérico.

De fato, na tradição cabalística, cada letra hebraica equivale a um número. Essa prática permitia que o significado secreto de certos textos fosse desvendado... Elias tinha certeza de estar diante de uma nomenclatura. Tratava-se, portanto, de um gigantesco arquivo.



Ele ficou confuso. Será que de fato tinha o direito de tocar naquilo? Se aquelas obras fossem de natureza divina, conseguiria realmente compreendê-las?

Em seguida, teve a estranha sensação de ser uma criança nas mãos da Providência. Seria coincidência o fato de ter se mudado para aquele vilarejo isolado? Ele havia se deixado levar pelos acontecimentos e, no momento, não conseguia acreditar que aquilo tudo fosse puro acaso.

Passou a mão nodosa pela testa e pelo cabelo, depois flagrou-se pensando na própria vida, em sua esposa desaparecida, em sua família perdida.

Ele observou a primeira prateleira à sua frente: na lombada do primeiro volume da fileira constavam as letras O e R, depois a associação numérica P e A. Elias lembrou que o P representava o número oitenta e o A era igual a um. Lado a lado, as duas letras formavam, portanto, oitenta e um.

O restante era simples, ele tinha em mãos o octogésimo primeiro exemplar do arquivo com os nomes começando por "OR". Ele pôde verificar isso observando os livros em sequência na prateleira: todos variavam em ordem crescente, seguindo o mesmo princípio. Aquela era uma descoberta entusiasmante, pois provava que a lógica era acessível à mente humana.

Elias deu um passo à frente e pegou o volume em questão.

A obra lhe pareceu anormalmente pesada.

Em seguida, dirigiu-se devagar até a escrivaninha no centro do quadrado, sentou-se e, com imenso cuidado, colocou o livro ali.

Com os olhos fixos na obra, ele inspirou, examinou-a outra vez, e sua perfeita fabricação lhe deixou profundamente emocionado. Na capa figuravam as mesmas letras incrustadas de ouro fino: O/R-PA.

Ao erguer o precioso Livro, testemunhou um fenômeno estarrecedor: naquelas folhas tão elegantemente encadernadas, as letras do texto haviam se tornado incandescentes. Elas também queimavam sem se consumir, uma magnífica chama vermelha e dourada, fazendo brilhar nas páginas as cores vivas e móveis de uma estranha labareda de letras antigas.

Qual era o segredo daquele Livro e daquele lugar?

Ele aproximou o dedo dos caracteres de luz e, ao fazer isso, uma névoa de confusão envolveu sua mente. Ao afastar a mão, a névoa se dissipou.

Era tarde demais para voltar atrás: ele precisava entender o sentido daquelas escrituras. Constatou então que o pergaminho parecia uma interminável sucessão de narrativas biográficas alternadas por comentários codificados, incompreensíveis.

Ele decifrou o seguinte:

Viktor Orban (...) nascido no dia 14 de abril de 1902 em Nova York; falecido em 12 de maio de 1947 em Budapeste.

A isso seguiam-se diversas linhas de letras codificadas, de aparência muito complexa, que provavelmente indicavam detalhes escondidos da genealogia desse tal Viktor Orban. A narrativa dava alguns detalhes sobre as condições de seu nascimento, sobre sua vida, relatava as viagens, as contabilidades e os encontros criptografados que Elias não era capaz de compreender.

Todas as narrativas eram visivelmente construídas seguindo uma estrutura idêntica. Tinham, porém, tamanhos muito variados, algumas ocupando apenas poucas linhas, e outras preenchendo, sem qualquer razão evidente, várias dezenas de páginas.

O espetáculo dos caracteres do Livro era fascinante. Havia ali uma espécie de transcrição da vida e da morte de toda a humanidade.

E registrada com que objetivo? Por qual Grande Arquiteto? Elias não fazia absolutamente a menor ideia.

E que mão cuidadosa mantinha aquele arquivo?

Viktor Orban, nascido no dia 14 de abril de 1902 em Nova York; falecido em 12 de maio de 1947 em Budapeste (números incompreensíveis). Nascido pela vontade de sua mãe Andra Clément, filha de Angela Miller (...) e de Nathan Damian, filho de Gustav Damian (...). Família praticante. 17092. União selada por Nathan (...), no dia

14 de dezembro de 1923 em Nova York (série de códigos). Nenhuma descendência (série de códigos). Falecimento por infecção sanguínea (série de códigos).

Elias Ein, que não passava de um pequeno agente de seguros vienense aposentado, o último herdeiro sem descendentes de uma história quase concluída, que não tinha nada e não era nada, estava ali sozinho diante do que devia ser chamado de o Livro da Vida.

Ficou acordado durante várias horas, à luz dos lampiões, completamente absorto pelas narrativas factuais e com frequência obscuras daqueles exemplares codificados. Eram tantos... Atrás das fileiras mais aparentes, ele descobrira outras, tanto que logo se convenceu de que uma vida inteira não seria suficiente para ler aquela enorme quantidade de textos.

Apesar do tempo que passou estudando, a mente conservou a clareza. Foi então que pensou: "Se esses livros contêm a história de cada existência humana do passado e do presente na Terra, certamente há um trecho que aborda o destino de Anna." A lembrança dela nunca deixara de assombrá-lo...

Animado por essa ideia, ele incumbiu-se de encontrar nos corredores sem fim o volume marcado com as letras K/A que conteria a história de quem ele mais sentia falta. Foi uma grande emoção quando, após longos minutos, tinha nas mãos o que procurava.

Ele se acomodou à mesa de trabalho para iniciar, ansioso, sua leitura.

Anna Kasper, filha de Isaac e Maria Kasper, nascida em 12 de agosto de 1974, falecida em um acidente de trânsito em Viena...

Na sequência veio um longo trecho codificado, mas Elias já estava quase familiarizado com eles, apesar de ainda ser incapaz de interpretá-los. A passagem em questão era de um tamanho considerável e ocupava mais de duas páginas.

Retomou a leitura das partes claras do texto.

Criança feliz, amada pelos pais. (...) Em Viena, foi uma estudante brilhante (...).

Elias nem tinha terminado o parágrafo e lágrimas já escorriam por seu rosto. Reviveu aquele momento único em que ela aparecera diante dele, tão jovem e cheia de futuro, no salão dos fundos do Café Brawslav de Viena.

Relembrou seu vestido amarelo, luminoso, e seu longo cabelo preto preso delicadamente para trás, na nuca. Isso ainda estava muito vívido em sua memória. Abriu os olhos outra vez, encarando sua mão de velho, e, cruelmente, se deu conta da passagem do tempo. Anna voltava à vida, de certa forma, naquelas poucas linhas de luz, mas estava para sempre perdida.

A narrativa continuava:

Era uma mulher estéril. Conhece Elias Ein em 12 de maio de 1995 em Viena. O casamento é celebrado...

Ler seu próprio nome ressoou dentro dele como um trovão.

Sentiu uma angústia: ele corria o risco de desvendar a mais obscura das leis da Providência, a do seu destino. Era como correr o risco de olhar a morte nos olhos.

E, apesar de toda a sua sabedoria e de sua idade avançada, a perspectiva de tal encontro fez seu sangue gelar. Sentia-se incapaz.

Será que ele podia aceitar que o tempo de vida que lhe restava se resumisse apenas a uma irreversível contagem regressiva em direção ao nada?

Convencido de que mais coisa alguma lhe aconteceria de bom, não podia, contudo, decidir sacrificar o pouco de tranquilidade que lhe restava.

Foi por essa razão que Elias sentiu aquele choque, aquele pânico, quando surgiu diante de seus olhos, e por acaso, o próprio

nome escrito com todas as letras no texto de Deus. Precisou fazer uma pausa.

Tantos detalhes de sua vida estavam ali, detalhes que ele mesmo havia esquecido: o local do seu casamento, o nome dos familiares presentes etc. E aquelas linhas insolúveis de códigos que sempre apareciam...

De manhãzinha, finalmente vencido pelo cansaço, o velho acabou dormindo e tendo sonhos estranhos. No brilho cativante das letras incandescentes, ele mal notou a vertigem que se apossou de sua mente mais uma vez quando a mão tocou superficialmente as letras do Livro de Ouro.

Ao lado de seu corpo adormecido, havia um exemplar aberto pulsando levemente, como se tivesse começado a bater no ritmo de seu próprio coração.

## 7

Elias acabara de acordar e estava prestes a entrar outra vez no quarto azul quando alguém bateu à porta da casa.

Já era noite: ele havia dormido praticamente o dia todo. Herr Sof tinha vindo terminar a partida de xadrez. Elias reposicionou a cama infantil sobre a abertura o mais rápido possível. Vendo o antiquário pelo olho mágico, ele lhe pediu para esperar um pouco.

Tentou disfarçar às pressas os sinais de cansaço que os acontecimentos do dia anterior haviam deixado em seu rosto, e colocou uma camisa limpa.

Elias abriu a porta e cumprimentou o antiquário. O velho entrou educadamente, com um passo lento. Um observou o outro.

Sof usava luvas de couro, como de costume. Parecia tão idoso quanto solitário, e a expressão em seu rosto comprovava grande inteligência. Com o cabelo branco desgrenhado, mais parecia um velho lobo abandonado. Apesar disso, ele emanava certa nobreza de alma.

— O senhor não tinha esquecido nosso compromisso, não é?

— De jeito nenhum — respondeu Elias. — Gostaria de beber alguma coisa antes de começarmos?

— Nunca bebo álcool, mas o senhor se incomoda se eu fumar?

Os dois homens falavam pouco. Sentaram-se à mesa pequena e retangular da sala, na qual Elias colocou o magnífico tabuleiro de mármore. Sof parecia nervoso. Tirou do casaco um cachimbo gasto de madeira e uma bolsa com tabaco. Como era de se esperar, Elias assentiu quando Sof lhe pediu para jogar com as peças brancas.

Então Sof reposicionou as peças, de memória, sem qualquer hesitação, nos exatos lugares que ocupavam havia várias décadas. Ficou claro que para ele aquele era um momento solene e emocionante.

— Herr Sof, posso perguntar contra quem o senhor iniciou esta partida?

— É uma lembrança antiga... Esta partida começou há muito tempo, contra um adversário cujo nome e rosto se perderam nos confins da minha memória... — respondeu, pensativo, depois de um tempo. Sof interrompeu a frase para observar Elias, depois continuou: — De qualquer forma, acho que está na hora de encerrar essa história.

— Em todo caso, saiba que fico muito honrado com essa deferência. Espero estar à altura — respondeu Elias com educação.

Após alguns minutos, Elias, que tentava se concentrar no jogo, notou o velho antiquário tirar lentamente as luvas.

Avistou as mãos desnudas do convidado e notou que o indicador da mão direita dele havia sido amputado.

Para não constrangê-lo, Elias rapidamente voltou a olhar para o tabuleiro.

Os dois homens disputaram em silêncio e por longas horas aquela partida de grande significado para Sof. Entre uma rodada e outra, eles prometeram que se encontrariam todas as sextas-feiras à noite para jogar.

Depois de uma acirrada disputa que terminou tarde da noite, Herr Sof venceu a partida.

— Muito bem! Parabéns, Herr Sof, o senhor conduziu a partida com coragem — comentou Elias enquanto o dia raiava.

O velho antiquário voltou para casa, dando a estranha impressão de estar ainda mais triste do que quando chegara.

## 8

Naquela manhã, Frau Polster ia trabalhar na casa de Elias pela primeira vez. Ela chegou acompanhada de um jovem ajudante com cerca de dez anos. Seu nome era Thomas, mas as pessoas da região o chamavam de Tom.

O menino fora encarregado por Frau Polster de entregar regularmente as compras na casa de Elias. Com o sotaque austríaco carregado dos moradores de Inn, ela apresentou o garotinho tímido ao velho, que gentilmente o cumprimentou.

Frau Polster deu as instruções a Tom e foi cuidar de seus afazeres.

Ao meio-dia, Elias parou por um instante em frente à janela da sala. Dali, observou a frágil silhueta da criança se afastar, como se dançasse ao longo da linha do horizonte. As rugas ao redor dos olhos do velho se franziram, enquanto ele sorria com bondade: Tom o fez pensar no garoto que ele fora outrora, ou no que poderia ter tido com Anna se a vida houvesse sido de outra forma.

Então ele se sentou na poltrona, pensando que, se tivesse ficado sabendo antes do formidável segredo escondido naquela casa, jamais teria se dado o trabalho de arranjar uma empregada e um pequeno entregador, nem sequer uma vez por semana.

Mas já não era possível voltar atrás sem levantar suspeitas naquela cidade tão pequena.

Elias observava de esguelha, pela porta da sala, Frau Polster realizar suas tarefas. Ele precisaria esperar ao menos duas ou três horas até que ela fosse embora.

Tom voltou cantarolando, carregando vários pacotes nos braços. Pouco depois, o menino bateu educadamente à porta da sala.

— Entre, entre, meu pequeno. O que você quer?



— Bom dia, senhor, encontrei isso aqui na sua caixa de correio. É para o senhor.

Elias ficou surpreso ao receber correspondência, afinal, ele não era próximo de ninguém. Na pilha de cartas, havia uma marcada com selo oficial e que imediatamente chamou sua atenção. Tinha o endereço e o carimbo de um notário vienense.

O velho contemplou o rosto do garoto. Apesar de seus trajes desleixados, algo singular emanava dele: o olhar tinha um brilho que, por um instante, fez Elias se lembrar do Livro Secreto. Aquele entusiasmo em seus olhos também continha uma mensagem.

Tom saiu do cômodo pouco depois. Apenas o barulho da louça ressoava. Então, Elias rompeu o lacre do envelope...

# 9

## *Viena*

Aos cuidados de Herr Elias Ein.

Herr Ein,

Lamentamos lhe informar do falecimento de sua irmã, Sra. Yélèna Ein, que sofreu um ataque cardíaco em Viena, em seu apartamento, dia 12 de agosto, durante seu sexagésimo terceiro ano de vida. O funeral ocorrerá no cemitério de Ottakring, dia 16 de agosto, em Viena. Ficaria infinitamente grato se o senhor pudesse entrar em contato para que possamos resolver juntos os aspectos práticos do funeral de sua irmã, assim como as diversas formalidades administrativas e legais a serem realizadas.

Sinceramente,  
Doutor Dorfmeister

Em estado de choque, Elias deixou a carta cair no chão: a partir desse momento ele estava definitivamente sozinho no mundo. Não tinha mais família, nem no passado, nem no futuro. Cobriu os olhos com os dedos.

Yélèna estava debaixo da terra.

A coitada e amada irmã fora para o túmulo sem ninguém para acompanhá-la. Deve ter se sentido muito só, meu amor, minha querida, minha irmã. Ele chorava com as mãos no rosto.

Elias, que não chorava desde a morte de Anna, sua esposa, sentia pela segunda vez o gosto das lágrimas. Sua irmã também o abandonara.

O enterro ocorrera no dia 16 de agosto. Já estavam no meio de setembro. Sua mudança de endereço certamente tinha algo a ver com isso.

Por pudor, olhou outra vez para a porta.

Encontrou Tom, que ainda não fora embora, parado diante da sua coleção de livros na pequena sala, e viu Frau Polster fechar precipitadamente a porta da cozinha. A mulher perguntou com sua voz estridente e provincial:

— Terminei por hoje, Herr Ein. O senhor ainda precisa de mim?

— Muito bem, Frau Polster, não preciso mais da senhora. Até amanhã — conseguiu dizer.

— Até amanhã — respondeu ela, e ele ouviu finalmente a porta da entrada se fechar após a mulher sair.

O barulho seco do trinco o fez voltar à sua dor, à sua profunda solidão.

Pensou outra vez na história de seus parentes. Deu-se conta de que, com a morte de Yélèna, ele era a última pedra ainda de pé naquele velho edifício familiar... E por mais quanto tempo? Todo o seu passado se resumia a um campo de ruínas, e a noite calmamente vinha suceder-se ao entardecer do seu destino.

As palavras de seu pai voltaram à mente com uma precisão surpreendente, as histórias que ele contava sobre o prestígio dissipado de sua ascendência, antes que o desfecho recaísse sobre a família.

Então, das profundezas de sua alma, como que voltando à tona, vindo lá do fundo, ele lembrou-se de uma cena da vida deles que marcaria consideravelmente o que viria em seguida: quarenta anos antes, quando estava condenado pela doença, o pai chamara seus dois filhos e pedira para ficar sozinho com eles.

Nesse dia, Gustav Ein lhes comunicou seu último desejo. Morreria em breve, depois de seus dois irmãos e de sua irmã, desaparecidos na noite de Majdanek. Informou-lhes que apenas três descendentes da família continuavam vivos depois da guerra.

Entre eles, Jonathan Ein, seu primo de primeiro grau, que escapara do nazismo refugiando-se nos Estados Unidos em 1938. Ele falecera em Roma em 1949, dirigindo ao lado da esposa.

Joseph Ein, único primo alemão dos Ein, fora um dos raros sobreviventes dos campos de trabalho. Só resistira graças à sua grande robustez física. Infelizmente, ele morrera afogado aos trinta e um anos, levado pela correnteza perto das praias de Ashdod, em Israel, para onde emigrara em 1948. Nunca tivera filhos.

O último dos Ein era o próprio Gustav, que fora protegido em Genebra por seu status de diplomata.

Elias e Yélèna Ein compreenderam que, com a morte do pai, os dois representariam a última esperança daquele sobrenome. E Gustav Ein os levou a prometer que fariam de tudo para não deixar a família desaparecer.

Elias lembrou-se desse sermão cuja gravidade lhe escapara durante todos esses anos. No momento, aquilo ressoava dentro dele como um terrível decreto.

O século XX encerrava sua obra. Triunfara, e as areias do passado terminavam de enterrar o nome dos Ein. Além do nome, era também o fim de um capítulo da História. O Direito triunfara sobre os algozes. Um Estado nascera para os judeus. Para que serviam agora os judeus da Europa, com sua diáspora, sua História, suas velhas lendas e toda sua nostalgia?

Por que insistir em manter à tona os vestígios de uma época que ficara para trás? Os Ein haviam feito sua parte, que, de certa forma, também havia sido o papel histórico dos judeus da Europa.

Mas o centro da História se deslocara novamente para outro lugar, em direção ao Atlântico, talvez além dele, até a Ásia. Deixara todos para trás, lá longe, feito utensílios inúteis, com seus inúmeros túmulos e suas intermináveis lamentações.

Elias continuou em sua poltrona, imerso nesses pensamentos obscuros, até o cair da noite.

Tom logo percebeu o sofrimento. E, por ser órfão, concebeu em seu coração certo carinho pelo velho.

Quando Frau Polster retornasse, encontraria um bilhete manuscrito de Elias comunicando-lhe sua necessidade de se isolar.

Dessa forma, ele poderia se refugiar no silêncio de seu quarto.

O velho guardou a bengala e levou consigo a caixinha de música. Mas, ao abri-la naquela noite, recordou-se subitamente de mais uma lembrança da infância. Viu-se outra vez com onze anos, cercado pelos veludos vermelhos e pelo revestimento dourado da Ópera de Viena. Estava sentado ao lado da mãe, do pai e de Yélèna. Aquele fora seu primeiro concerto.

A Grande Orquestra interpretara a rapsódia de Rachmaninoff de forma tão mágica que marcou o jovem Ein para sempre.

Algumas semanas depois, a mãe lhe dera a caixinha de música que ele ainda tinha. A melodia o emocionou novamente, levando-o às lágrimas. Para ele, aquela se tornara a música de sua família.

Elias inspecionou os objetos guardados ali dentro, e então juntou a carta do notário a eles, antes de fechar a caixa com delicadeza.

Quando anoiteceu totalmente, enfim sozinho em casa, ele decidiu dedicar-se ao que se tornara seu único interesse na vida: o estudo daquele livro luminoso. Por isso, voltou à sala com a esperança secreta de conseguir encontrar a memória de sua falecida irmã, com a esperança vã, em suma, de dar sentido ao que não tem sentido.

## 10

Ao levantar o alçapão, Elias sentiu o ar protetor da biblioteca envolvê-lo outra vez. Procurou o exemplar marcado com as letras E/I e NP, no qual esperava encontrar uma menção à sua irmã Yélèna.

Pouco depois, identificou a data de nascimento dela e o trecho que procurava. Ao lado aparecia também a data exata de seu falecimento, algumas semanas antes. Mas isso só o deixou mais transtornado. A história da vida de Yélèna estava surpreendentemente codificada e era ainda mais incompreensível do que as outras. A precisão das datas o intrigou. Será que o dia da morte de sua irmã estava previsto desde sempre, ou surgira há pouco tempo no texto?

Em outras palavras: será que seu destino fora fixado antes no livro? O registro deixava espaço para o inesperado em nossas vidas? Para esclarecer suas dúvidas, Elias começou a procurar a história de alguém que ainda não nascera.

Em dezenas e mais dezenas de páginas, nada encontrou de conclusivo, até que, de repente, seu olhar se fixou em um trecho sobre um desconhecido chamado Helmut Lairumer que, de fato, só nasceria dali a... mais de vinte anos!

Segundo o texto, Lairumer deveria nascer em Sydney e falecer na mesma cidade aos setenta e oito anos. Tudo estava registrado com muita clareza. Ali constava a prova de que o livro narrava sem distinção eventos do passado, do presente e do futuro. Tinha domínio sob o tempo.

Para Elias, aquela descoberta consagrava o caráter divino do livro e confirmava claramente a existência da Providência.

— Tudo está escrito — disse a si mesmo. — Mas será que é possível que o texto seja modificado depois, que seja adaptado à

parcela de liberdade que Deus supostamente deu ao Homem no momento da Criação?

Elias tinha essa profunda convicção: os textos não diziam que o Homem era o único ser capaz de modificar os planos da Providência? Era esse, aliás, o papel da oração...

Nesse instante, o indicador da sua mão esquerda tocou as letras sagradas. Ele teve outra vez a curiosa sensação de vertigem.

Como que por reflexo, afastou a mão e a névoa que havia começado a envolver sua mente se dissipou. Intrigado com o estranho fenômeno, o velho decidiu repetir a experiência. Aproximou propositalmente a ponta do dedo da luz...

Foi então que, de repente, ouviu um ruído atrás de si, semelhante a um estalo do assoalho. O barulho parecia vir do quarto de cima, ou talvez de mais perto... Elias virou-se na cadeira, em direção à entrada...

Fechou o livro e levantou-se rapidamente.

— Quem está aí?! — gritou ele.

Não obteve resposta.

Com medo de que descobrissem seu segredo, o velho começou a subir o mais rápido possível a escada que levava ao quarto azul. O cômodo estava vazio.

Percebeu então que já amanhecera e que alguém batia à porta da frente. Ele saiu do quarto depois de conferir que o alçapão estava bem escondido e, cheio de perguntas na cabeça, foi abrir.

Quando o rosto autoritário de Frau Polster apareceu na fresta da porta, Elias voltou bruscamente à realidade.

— Estou batendo à porta há pelo menos dez minutos — reclamou a mulher.

— Desculpe, Frau Polster, eu peguei no sono — respondeu Elias.

Ela entrou sem dizer mais nada e largou seus pertences no vestíbulo. Por fim, falou, com seu sotaque detestável:

— Encontrei Herr Sof na cidade ontem. Ele me falou que vocês iam jogar xadrez juntos esta noite.

— Ah... hum, sim, é verdade...

— Esta noite... O senhor estava lembrado?

— Já é sexta-feira? — espantou-se Elias. — Sim, a senhora pode preparar algo para o jantar, não é?

Nesse momento, Tom surgiu no vestíbulo, ofegante, como se tivesse corrido.

— Ah, ainda bem que você apareceu! — gritou Frau Polster para o menino. — Estou procurando você já faz tempo... Vá fazer compras. Herr Ein vai receber um convidado esta noite...



# 11

Tom era um jovem órfão bastante singular. Era desleixado, estava sempre malvestido, mas o menino de rua se destacava por sua agilidade de raciocínio. A não ser por algumas exceções, não tinha amigos: Braunau era uma pequena e isolada cidade burguesa.

Ninguém sabia dizer de onde ele de fato viera. Raras eram as vezes que alguns moradores o chamavam para realizar pequenos serviços, em troca de algumas moedas ou de comida. Ele vivia assim, sozinho, porém feliz, cheio de sonhos.

Tom guardava seus segredos só para si, como um tesouro. O segredo de suas origens, de seus pais desaparecidos, de sua chegada a Braunau.

Apesar de não ter passado muito tempo na escola, ele era mais culto, em muitas áreas, do que os meninos de sua idade.

A curiosidade o fazia arranjar livros em todos os lugares, principalmente com Marika, a encantadora filha de Teodor Riefenstahl, o prefeito de Braunau. Ela gostava do garoto, que era muito diferente dos outros. Também já havia acontecido de o velho Sof lhe emprestar algumas edições antigas, sobre diversos assuntos.

Thomas se contentava com pouco, tomava banho e bebia água quase sempre no rio Inn e, até então, a polícia o deixara em paz. Portanto, não surpreendia em nada que Frau Polster o tivesse chamado para ajudá-la a um baixo custo na casa do novo patrão.



Antes de ir até o mercado dos Kruger a pedido da empregada, Tom parou mais uma vez diante da bela coleção de livros e revistas que reinava atrás do vidro da estante, na salinha. Seus olhos encontraram os de Elias, e o menino recuou.

— Você gosta de livros, Thomas? — perguntou o velho.

Uma expressão perturbada surgiu no rosto do garoto. Ele não ousou olhar o velho nos olhos.

— Por que não responde? — indagou Elias com delicadeza.

— O senhor quer saber se gosto de romances? — balbuciou.

— Sim, romances, contos, você gosta de ler esse tipo de coisa? Reparei que se interessa por essa coleção...

— Ah, sim, senhor, gosto muito disso.

Elias andou até a modesta estante e abriu a porta. Percorreu as lombadas dos livros com o dedo, à procura do mais adequado.

— O que acha desse aqui? — sugeriu Elias, mostrando-lhe uma bela e antiga edição de *A pele de Onagro*.

— Já li... — confessou Tom timidamente.

O velho voltou a procurar com a mão o exemplar ideal.

— Então... vejamos, o que você acha de... *Histórias extraordinárias*? — perguntou, satisfeito consigo mesmo.

Como o menino continuou hesitante, Elias voltou a falar, curioso:

— Já leu Poe também? Poxa vida, não achei que você já conhecesse tantas coisas nessa idade. — Mas ao ver Tom abrindo um belo sorriso desconfortável, Elias acrescentou: — Bem, talvez você tenha visto algo que lhe interessa, não?

Imediatamente, a criança apontou para um pequeno livro de couro com as bordas prateadas. Elias o pegou e leu o título.

— *O jogador de xadrez*? Pelo visto temos interesses em comum, Thomas... — observou o velho, entregando o livro ao menino. — Você está sempre me surpreendendo. Tome, pode ficar com ele, é um presente.

O menino lançou um olhar cheio de gratidão para o velho. Ele se deu conta de que Elias não era só alguém decrépito e solitário: era, antes de mais nada, um homem bom. Mais do que isso, era, até mesmo, um sábio.

Então, desconcertado com esse gesto inesperado de gentileza,  
Tom seguiu sem jeito para a saída.

## 12

Elias se perdia em suposições a respeito das fabulosas perturbações que vivera em menos de uma semana.

A existência do Livro Secreto o fazia questionar toda a sua concepção de livre-arbítrio. O que dizer do seu próprio?

E por que Deus o escolhera entre tantos outros? O que esperava dele?

Uma coisa era certa: a descoberta ameaçava transformar sua fé em uma certeza perigosa. Ele estava nas mãos de Deus, era capaz de avançar *com a confiança de um sonâmbulo pelo caminho que a Providência traçara para ele.*

Mas será que devia?

Simultaneamente, Elias teve que aprender a conviver com um medo inédito: o do olhar onipresente de Deus. A partir de então, a ideia de que a responsabilidade de cada ato seu estava comprometida diante do Criador lhe parecia terrivelmente difícil de suportar.

A mente vagueava, enquanto ele recordava a vertigem que sentira ao tocar as letras flamejantes do papel.

Na sala, as horas se arrastavam. Elias ficou feliz ao se lembrar de que a semana estava quase chegando ao fim. Em breve, teria dois dias inteiros para retornar à grande biblioteca e tentar encontrar as respostas.

Frau Polster estava atarefada na cozinha e, com sua voz grossa, dava inúmeras ordens ao pequeno Thomas, que se movia com pressa de um lado para outro.

Enfim, quando o relógio marcou quatro e meia, ela agradeceu friamente ao menino, como de costume. Mais uma vez, da janela da sala, Elias observou-o caminhar, livre, pela rua.

Sof chegou às oito horas em ponto. Quando Frau Polster abriu a porta para ele, Elias sentiu um vento glacial atravessar a casa. Levantou-se com dificuldade da poltrona e ajeitou o casaco.

Sof entrou e o cumprimentou com cortesia.

— Como vai, Herr Ein? Não vi o senhor na cidade a semana toda. Estava muito ocupado?

— O senhor sabe, coisas com relação à minha mudança, aos documentos... — respondeu Elias.

— Nenhuma má notícia, espero — disse Sof em um tom quase invasivo.

Elias fingiu procurar um objeto na mesa da sala para evitar o olhar perspicaz do convidado. Como Sof poderia ter suspeitado do conteúdo da carta que ele recebera de Viena?

— Está tudo bem — confirmou, hesitante. — Agradeço sua preocupação com meu bem-estar, Herr Sof. Frau Polster preparou para nós um jantar delicioso, imagino. Espero que o senhor esteja com fome...

— Estou, obrigado. Enquanto aguardamos, podemos começar a partida. O que acha?

Elias assentiu, mas estava claro que, naquela noite, apesar de parecer calmo, não estava muito interessado em jogar xadrez.

Arrumaram o tabuleiro e fizeram as primeiras jogadas até que o ancião perguntou, com ar pensativo:

— Herr Ein, eu gostaria de saber sua opinião sobre uma coisa...

Elias ergueu os olhos cansados para o convidado.

— Sou todo ouvidos...

— Herr Ein, o senhor acha que o Nada existe?

— O Nada? — perguntou Elias, surpreso. Sem qualquer especificação da parte de Sof, ele continuou: — Prefiro concentrar meus pensamentos no Infinito do que no Nada.

— O senhor acredita em Deus, não é? — perguntou o mais velho.

— Busquei uma resposta para essa pergunta a vida inteira. Hoje acredito que realmente posso responder que sim.

— Pois bem, eu teria muita curiosidade em saber o que o fez chegar a essa conclusão...

— Digamos que eu acho que, se existem criaturas, há de existir necessariamente um Criador.

Intrigado, Sof ficou em silêncio por um instante e deixou a partida prosseguir. Elias ganhou com uma ligeira vantagem.

— Então o senhor acha que tudo está escrito?

Elias não respondeu. Até o momento tinha ficado apenas um pouco surpreso com as perguntas do velho colega. Mas começou a se perguntar quem Sof realmente era. Afinal, ele não conhecia nada sobre o homem. Seria possível que Sof soubesse algo sobre aquele livro? Será que suas perguntas podiam não estar relacionadas com as que ele fazia a si mesmo ultimamente? Talvez Frau Polster tivesse descoberto seu esconderijo e espalhado a notícia por Braunau sem que ele soubesse. E teve aquela vez que ouviu passos... De repente, Elias ficou com medo dessas hipóteses. Temia que, por um motivo qualquer, por causa de Sof, seu elo com a Providência se rompesse.

— O que o senhor acha, Herr Sof? Acredita em destino?

Sof franziu a testa.

— Acho que o destino é uma ideia contrária ao bom senso. Acredito que a vontade do Homem consiga alcançar tudo. Sozinha, ela é capaz de mudar a ordem das coisas.

— Não sei... — respondeu Elias.

— Ora, sabe, sim! Mas não confie nas aparências... — interrompeu Sof estranhamente.

— Acho que o destino pertence ao Criador e que é Ele quem designa o lugar de cada coisa aqui embaixo...

— Inclusive o lugar desse bispo no tabuleiro? — questionou o mais velho, sorrindo.

Elias pensou justamente que sua jogada fora ditada pela evolução lógica da partida, mas não respondeu. Sof jogou, fazendo o rei pegar o bispo e disse:

— Está vendo? Eu poderia muito bem ter pegado a torre... Será que Deus não poderia ter criado o risco? Não poderia ter escolhido nos dar a capacidade de modificar sozinhos o livro do nosso destino?

Os olhos de Elias brilharam na penumbra. O que aquele homem realmente queria?

Após um tempo em silêncio, ele perguntou:

— Mas de que livro o senhor está falando, Herr Sof?

Nesse momento, Frau Polster entrou e, com a voz rouca, os interrompeu sem cerimônia:

— Com licença senhores, o jantar está pronto! Querem vir para a mesa?

Elias informou que iam fazer a refeição à mesa da sala e que ele mesmo preferia servir. Por isso, a empregada tomou o caminho de casa depois de ter posto a mesa.

Os dois homens se levantaram e comeram em silêncio, até que Elias perguntou:

— Herr Sof, há pouco o senhor mencionou um livro. Do que estava falando?

— Ora, Herr Ein... O livro é um velho símbolo... para evocar a ideia de que o rumo de todas as coisas segue a vontade do "Todo-Poderoso"...

Elias ficou apenas parcialmente aliviado com a resposta. Talvez, no fundo, Sof não soubesse de coisa alguma. Ele examinou os olhos verde-claros do convidado, mas nada percebeu ali.

— Já surpreendi a mim mesmo tantas vezes sonhando que poderia mudar o rumo das coisas — murmurou Sof.

— O que o senhor mudaria se pudesse?

— Minha vida não passa de inúmeros arrependimentos, Herr Ein. Quando criança, por imprudência, levei todos os meus familiares à morte. É um fardo pesado para um menino de sete anos... E fica cada dia mais pesado para o velho que sou hoje. Levei todos eles para o abismo, todos. Gostaria de mudar tantas coisas... Tomar as decisões certas no tabuleiro, não me deixar enganar. Se eu pudesse mudar o passado, faria diferente, eu os salvaria. Não deixaria a criança inexperiente que eu era jogar contra o Diabo, aprenderia a me esquivar de seus golpes. Se eu pudesse, Herr Ein, e ainda sonho com isso todas as noites, há oito longas décadas; se eu pudesse, encontraria o assassino e o mataria com minhas próprias mãos!

“Que personagem fascinante”, pensou Elias. Que drama deve ter sido sua vida, tendo que conviver com os fantasmas de sua história. Perscrutou com o olhar a pele quase transparente do homem, o rosto marcado por rugas, as mãos, o dedo indicador amputado.

Pensou na própria melancolia, em sua querida irmã enclausurada sob a terra, na promessa feita há tanto tempo para o pai.

Refletiu que sua vida ficara para trás. Ele também acumulara inúmeros arrependimentos.

Afinal, Sof era apenas um vestígio da História, assim como ele. Dois naufragos, encalhados num continente cercado pelas marés do esquecimento.

Exceto por um detalhe: ele, Elias, tinha o Livro... E, com o Livro, podia entrever o horizonte infindo da vontade divina. Teria em breve a liberdade de ir ao seu encontro, da mesma forma que no deserto Ezequiel fora ao encontro do Deus de seus antepassados, com medo e o coração cheio de esperança.



## II

---

TREMENDAE

## 13

Depois que Sof foi embora, Elias sentiu-se contente por finalmente ficar sozinho por dois longos dias e duas longas noites. Após o jantar com o velho antiquário, ficou com uma sensação de incompletude que não conseguia explicar.

Lavou e guardou os pratos sem pressa.

As mesmas perguntas o assombravam. Ele pensava incessantemente no Livro. Pensava também no rumo de sua vida, na de Sof, e tudo se misturava em sua mente.

De qualquer forma, o que ele poderia fazer com o Livro? Que ironia da parte de seu autor: será que Ele lhe enviaria uma mensagem, o encarregaria de alguma missão?

A vida passa rápido demais para que a gente consiga escolher um caminho, uma direção a seguir. Ela se impõe.

Porém, ele pressentia que algo fundamental estava em jogo na vertigem que vivenciara ao tocar as letras de fogo. O Livro da Vida o chamava.

Ele se desligara tanto do mundo que essa ideia não o assustou. E ao voltar para a biblioteca, Elias sabia que um capítulo importante de sua vida ia começar.

Não deu atenção às grandes prateleiras de incunábulos, e logo foi sentar-se à escrivaninha.

Com os cotovelos apoiados, Elias refletiu uma última vez sobre os riscos do que ia fazer. Abriu um dos exemplares diante dele, à procura de uma história qualquer.

Mas foi em vão, pois, tendo acabado de se afastar do velho Sof e de seus mistérios, estava obcecado pelo destino do antiquário.

Guardou o exemplar que tinha em mãos e começou a percorrer os corredores concêntricos da grande sala. Já era bem tarde da

noite quando Elias, o Sábio, encontrou, enfim, o Livro de Ouro correto, com as letras S/O-NR gravadas.

Ele se acomodou de volta à mesa e abriu o exemplar. Então, percebeu que a narrativa dedicada a Sof ocupava um número ainda maior de páginas codificadas, tomando mais de um terço do volume, ou seja, quase duzentas páginas no total. Aquilo não era nada comum...

A parte não codificada ocupava cerca de vinte páginas, o que também era muito longo se comparado às narrativas que Elias lera até então.

Gustav Sof, filho de Ethel Kemperman e de Franz Sof (...) nascido em Viena, falecido em Braunau am Inn dia 3 de outubro...

— No próximo 3 de outubro! — leu Elias. — Meu Deus, é daqui a sete dias! — exclamou ele, perplexo.

A causa da morte de Sof estava codificada no texto... Mas a atenção de Elias se voltou rapidamente para um novo elemento.

O pergaminho relatava:

Transferência para o Gueto de Varsóvia em 2 de agosto de 1941. (...) Partida dia 13 de janeiro de 1943 para Treblinka, Polônia, separado dos pais. Falecimento da mãe. Sobrevive no campo graças à descoberta do seu dom para o xadrez. Enfrenta o soldado nazista. Jogo de xadrez. *Morte por Damiano*. Perde o indicador direito. Treblinka. Execução do pai, da irmã e dos dois irmãos. Liberado pelo Exército russo em 14 de agosto de 1945. Orfanato. Tentativa de suicídio em Viena aos dezesseis anos (...).

Sof fora aquela criança, a que acreditara ser capaz de libertar a família do campo graças ao seu dom para o xadrez, e que causara a morte de seus parentes. “Mas essas mortes teriam acontecido de qualquer maneira”, pensou Elias.

O texto descrevia a cena com meias-palavras.

Nesse dia, estavam todos reunidos no pátio, em Treblinka, quando o oficial, certo de que iria provar a superioridade da sua raça, lançou um desafio para os trabalhadores exauridos:

“Concederei a liberdade e um salvo-conduto assinado por mim a quem tiver coragem de me enfrentar em um jogo de xadrez! Alguém? Vocês acharam que eram melhores? Olhem só para vocês! A ordem natural foi restabelecida e aqui vocês valem menos que meus cães... Nem merecem o mingau infame que nós servimos, não merecem mais viver. Olhem só para vocês! Ninguém tem coragem de se comparar a um Senhor...”

Percorrendo as fileiras com seu olhar frio, o soldado só viu cabeças baixas.

Para surpresa de todos, o pequeno Sof deixou seu posto erguendo timidamente o dedo.

A criança se empertigou diante do homem armado que afirmou que, se o menino conseguisse vencer, conquistaria a liberdade da irmã, do pai, dos dois irmãos e a sua própria. A mãe já morrera. Divertindo-se com a situação, o nazista fez o juramento em público.

Quando a terrível partida chegou ao fim, o oficial mandou amputarem o indicador direito do menino, aquele que ele ousara levantar para desafiá-lo. Decidiu deixá-lo vivo para que pudesse testemunhar a superioridade ariana sobre a raça judaica, e também para que assistisse à execução de sua família...

As letras luminosas da história pareciam tremular cada vez mais à medida que Elias avançava na leitura. Imperceptivelmente, elas davam a impressão de querer acompanhar outra vez as batidas de seu coração.

Elias estava entendendo tudo e ficou muito perturbado. O velho antiquário e ele tinham várias coisas em comum. Os dois jogavam incessantemente a mesma partida de xadrez.

E os dois, com quase vinte e cinco anos de diferença, tinham sido deixados na mais profunda solidão por causa da fúria nazista.

Eram poucos os que, além deles, realmente se lembravam daquela época.

A memória daqueles anos sombrios, durante o século XXI e sua pressa de seguir em frente, estava prestes a se apagar de forma

definitiva, metodicamente guardada sob a poeira dos livros de História.

De início, a Europa se aproveitara das extorsões do Exército israelense contra os palestinos, os novos mártires, para se livrar de seu sentimento de culpa.

Conseguia finalmente apagar a marca de sua própria barbárie.

“Tudo aquilo não serviu para nada”, pensou o velho.

O olhar de Elias foi atraído mais uma vez pelo brilho cor de bronze do código. Constatou de novo que, quando aproximava os dedos dos caracteres luminosos, a intensidade do brilho aumentava. Algo anormal acontecia.

Então, de maneira abrupta, tudo passou a fazer sentido: a horrenda história do dedo decepado do jovem Sof, seu dom para o xadrez, suas terríveis condições de vida em Treblinka, a morte de Yélèna. O Livro era o elo, o que unia tudo isso.

Os dedos do velho se moveram de modo automático, como se fossem tocar notas musicais em um teclado invisível...

Nesse momento, Elias decidiu encostar nas letras de fogo.

# 14

Elias acordou em uma ruela cinzenta e enlameada. Estava deitado no chão, com o rosto junto à terra, e seus olhos ainda não tinham se aberto totalmente quando ouviu uma voz insistente.

— O que você está fazendo aí? Enlouqueceu? Levante-se, levante-se ou vão matar você!

Elias se encolheu. O chão lamacento sujava a lateral do seu corpo. Ficou de pé com dificuldade, os membros estavam doloridos.

Compreendeu que o objeto que apertava contra o corpo era um dos volumes do Livro. Escondeu-o imediatamente no interior do sobretudo.

Erguendo a cabeça, notou o rosto alarmado de um jovem maltrapilho com cerca de dezessete anos que falava com ele e o puxava pela manga do casaco.

— Onde estamos? — perguntou, hesitante.

— Estamos no gueto, velhote... Bem-vindo ao inferno! Se você não sair daqui rápido, logo, logo, vai se juntar aos outros naquela fossa ali.

Elias, que mal conseguia se manter de pé, ficou pasmo. Viu ao seu redor uma grande multidão, pessoas se empurrando numa confusão indescritível. Antes de fugir, seu jovem amigo gritou uma última vez:

— Vá embora, volte para casa! Estão querendo espalhar o pânico por causa dos panfletos do Umschlagplatz.

Elias se sentiu sozinho em meio ao barulho e à agitação. Percebia o perigo se aproximando, e, com ele, um cheiro azedo. Então, avançou o mais rápido que pôde na direção de uma galeria em ruínas. O Livro de ouro balançava na parte interna de seu casaco.

Estava vendo aquilo com os próprios olhos, mas sua mente ainda tinha dificuldade em aceitar o fato: ele estava no Gueto de Varsóvia, local de sofrimento e morte. Estava no Gueto de Varsóvia e precisava salvar a própria vida.

Seu coração batia acelerado, com tanta força que ele ficou com medo de desfalecer bem ali, na rua, em meio ao caos. O medo o obrigou a se acalmar. Apressou-se para chegar até o pórtico.

A onda de pânico indistinta que percorria as ruas, avançando feito um maremoto, chegou até ele. Nesse momento, Elias viu um grupo com capacetes marrons descendo a rua, parecendo sombras, espalhando desolação ao acaso em meio ao barulho dos fuzis.

Ele viu mulheres, homens e crianças caírem, ensanguentados, seus corpos sendo pisoteados. Em breve, aqueles cadáveres se tornariam presas dos ladrões esfomeados do gueto.

Elias sentiu mais do que nunca o que era o medo de ser perseguido. Em um reflexo de sobrevivência, abriu o Livro.

Um membro da SS de fisionomia assustadora parou bruscamente na fila e deu um passo para o lado. Seu olhar se fixou em Elias, fazendo o coração do velho paralisar. O predador seguiu até seu alvo com o ódio mecânico estampado no rosto.

Elias encolheu-se sob o pórtico e tocou as letras sagradas. Então deixou aquele inferno.

# 15

A biblioteca estava imersa em sua luz habitual, suave e dourada. Ali reinava um silêncio tranquilo, que parecia eterno.

Elias mantinha a cabeça apoiada em seu antebraço dormente. Sentia uma estranha confusão dentro de si, mas a lembrança da sua experiência era extremamente vívida.

Ainda distinguia claramente todas as imagens daquela rua. Os olhos do soldado fixos nele, o cheiro do medo. O casaco e a mão ainda estavam sujos do chão lamacento do gueto. A cor do sangue das vítimas, o eco dos gritos, os urros, o barulho dos fuzis, o céu cinzento e o rosto do jovem que o ajudara a se levantar. Aquilo nada tinha a ver com um sonho comum.

A alma e o corpo inteiro indicavam que fora, sim, uma viagem, e que tivera relação com o Livro. Claramente, havia um sentido naquilo tudo.

Elias ficou maravilhado diante de tamanho mistério. Será que Deus estava querendo lhe dar um recado? E, se sim, qual era?

A admiração logo foi substituída por medo e Elias tomou consciência do extraordinário potencial do grande arquivo. Graças a ele, tinha uma visão clara dos acontecimentos, graças a ele, podia realmente entrar na história.

Era como se a Providência tivesse permitido de repente que ele bisbilhotasse seus arquivos. Voltou a pensar nas histórias do Livro dos Profetas, nos trechos da Bíblia que mencionavam o dom de visão dos profetas Natã, Ezequiel, Elias e também de José, o filho esclarecido.

Elias perguntou-se se era possível que outros antes dele já tivessem tido acesso ao Livro Secreto. Se Deus se dera o trabalho de materializar aquilo, era para que fosse lido por alguém...



“Sim, esse Livro pedia um leitor, um leitor para cada geração através das décadas”, pensou ele.

Mas, se o Livro existia, era também porque seu autor queria se manifestar. Elias inclinou-se diante dele, com humildade.

Ficou extremamente animado com as infinitas possibilidades daquela descoberta. Deixou a sala do prodígio e, pela primeira vez desde a morte de sua esposa Anna, ele rezou.

Encontrou os gestos e as palavras consagradas: “Bendito sejas, Senhor do Universo, Rei do Mundo, Tu que me deste esta benção.”

## 16

Quando Tom acordou naquela manhã, fazia um dia bonito em Braunau. Ele desdobrou a longa e amassada lista de compras que Frau Polster lhe dera mais cedo.

Diante do rio, ele tirou do bolso o pedaço de linguiça crua que a mulher lhe dera como pagamento. Devorou-a em poucas mordidas, depois molhou as mãos e o rosto na água límpida do rio Inn.

Em seguida, o menino voltou para seu parquinho preferido, alguns metros acima dali: era um pequeno prédio abandonado próximo à cidade. Na lateral do edifício havia um grande cartaz anunciando sua destruição iminente, adiada inúmeras vezes pela prefeitura.

Mas Thomas estabelecera ali seu reino e divertia-se ao percorrer os corredores dominados por insetos. Passava horas naquele lugar. Atrás das velhas portas dos apartamentos, ele gostava de imaginar a vida dos antigos moradores. Ao entrar em cada cômodo miserável, inventava personagens e diálogos da vida de uma família comum.

Em meio à confusão, o garoto encontrara um sofá de couro gasto, mas bastante confortável, além de um cômodo com uma lareira ainda em bom estado. Em um dos andares inferiores do prédio, ele descobrira também um antigo depósito de lenha, uma casa de caldeiras que escondia um buraco de difícil acesso no chão e que daria um ótimo esconderijo. Mas para que se esconder?

Ele colocara o sofá em seu refúgio, o arrumara com um tapete e pedaços de carpete que catou na rua, além de velas furtadas da loja do centro da cidade.

O lugar estava lotado de livros e objetos baratos, mas era sua casa e Thomas se sentia seguro ali.

Guardou com cuidado, em uma pequena prateleira reservada aos objetos mais preciosos, o belo exemplar de *O jogador de xadrez* que Elias lhe dera.

Então, depois de passar um tempo bisbilhotando os diversos recantos de seu pequeno império de quinquilharias, Tom seguiu para a loja dos Kruger.

Os Kruger não gostavam dele e a recíproca era verdadeira. Thomas lhes parecia diferente demais, incontrolável demais. Na opinião deles, o menino representava, sobretudo, um perigo para a educação de seus filhos. Tom nunca se importava com a forma que era recebido, e, quando entrou na loja, ignorou o olhar dos adultos, como de costume.

— Você veio em nome de Frau Polster, não é? — perguntou secamente Alber Kruger, o proprietário.

— Sim, senhor — respondeu Thomas com educação.

— Ela abriu uma conta em nome do recém-chegado. Pode pegar o que precisar.

Logo os Kruger e os clientes, entretidos em suas conversas, pararam de prestar atenção no menino que perambulava pelos corredores da loja com uma caixa na mão.

Foi nesse momento que Thomas ouviu um diálogo interessante entre os proprietários, a viúva Schiller, que morava no bairro, e as irmãs Kraft, duas solteironas que viviam em uma casa vizinha à de Elias.

— Vocês já viram o homem que se mudou para a antiga casa do aduaneiro? — perguntou Martha Kruger.

— Não — respondeu Schiller. — Parece que ele sai muito pouco e não vai muito bem de saúde.

— Frau Polster me contou que, logo no segundo dia trabalhando na casa dele, ela o viu chorando que nem uma criança na sala.

— Nós o vimos — responderam as irmãs Kraft em uníssono. — Pelo visto ele é muito ocupado e não parece austríaco, não mesmo. Aliás, reparamos que ele nunca vai à missa de domingo.

— Não surpreende em nada... — disse Alber baixinho.

— Mas é estranho vir passar a aposentadoria em Braunau, não acham? — perguntou Frau Kruger.

— Ah, sim, é estranho — entendeu a velha Schiller. — Que ideia, não acho isso normal.

— E, no entanto, também é aqui que a senhora passa sua aposentadoria, Frau Schiller! — exclamaram juntas as irmãs que pareciam siamesas.

— Ah, é por causa da lembrança do meu querido marido, entendem? Não tenho mais energia para mudar meus hábitos a essa altura a vida.

— O que eu acho esquisito é ele ter tido vontade de comprar aquele barraco velho — disse Alber.

— A casa não é tão feia — retrucou Eva Kraft, que morava com a irmã em um imóvel semelhante. — Não, o mais surpreendente sobre esse homem é que ele passa várias noites acordado, fazendo não sei o quê. Minha irmã e eu notamos que com frequência há luzes acesas durante a noite. Fico me perguntando com o que um homem da idade dele pode ocupar seu tempo a essa hora...

— Frau Polster disse que ele era depressivo, um... “mônaco-depressivo” foi o que ela falou — confessou Schiller.

— Um “maníaco-depressivo” — corrigiu Martha, para impressionar. — Mas o que ela entende de psicologia, aquela porta?

Escondido atrás de uma grande pilha de conservas, Tom escutava com atenção.

— Em todo caso — continuou a viúva Schiller —, não gosto de gente que não vai à missa, que não sai de casa e que passa a noite em claro. Isso não me inspira confiança.

Para fazê-los pagar por suas maledicências, Tom enfiou no casaco uma caixa de Griessnockerl, uma sopa de boa qualidade, depois pegou outra...

Sem querer que o menino ouvisse, ela acrescentou mais baixo, indicando com a cabeça o fundo da loja:

— É como esse garotinho aí, que não sabemos de onde vem. Ele fica largado na rua. A polícia deveria agir. Colocá-lo numa instituição. Parece que há cada vez mais furtos na região. Não devíamos aceitar esses estrangeiros, isso não traz nada de bom.

Os outros nada disseram, mas as expressões traduziam a aprovação. Todos temiam que o garoto os ouvisse.

Mas isso já acontecera: Tom havia escutado tudo.

Então, longe dos olhos deles, em retaliação, a criança enfiou descaradamente uma garrafa pequena de soda limonada no bolso interno, três latas de leite condensado, uma lata de terrine de salmão gourmet e três trufas de chocolate caríssimas embrulhadas num belo papel dourado. Ele nunca tinha provado chocolate, aquela era sua chance...

— Já faz muito tempo que há estrangeiros demais neste país — confessou Alber Kruger, com o olhar perdido.

Quando Elias saiu da biblioteca depois da viagem, teve dificuldade em calcular o tempo que se passara em Braunau. Ele fechou o alçapão com cuidado e escondeu todos os vestígios de sua passagem por ali.

No mezanino, ouviu um pouco mais ao longe a agitação de Tom e Frau Polster. Sem esbarrar com ninguém, pegou o jornal diante da porta de entrada e constatou que era mesmo a edição de segunda-feira. Ele passara, portanto, o fim de semana inteiro se dividindo entre o estudo do Livro, a viagem e o sono profundo que viera em seguida.

Thomas tinha acabado de voltar da loja dos Kruger para entregar as compras. Elias se alongou para relaxar o corpo dolorido e, depois, tomou um banho e se vestiu no andar de cima.



Um pouco mais tarde, ele percebeu barulhos abafados e gritos vindos da cozinha.

Por alguma razão desconhecida, Frau Polster estava numa fúria incontrolável. Ela tentava agarrar Tom e, furiosa, gritava palavrões.

Encurralado diante da pia de pedra, o menino estava em pânico. Ela conseguiu segurá-lo. A mulher também escondia algo na mão esquerda e seu punho direito se encontrava erguido, prestes a desferir um golpe.

Surgindo atrás dela sem fazer barulho, Elias segurou seu braço imediatamente, antes que a mulher atingisse o menino paralisado.

Louca de raiva, ela virou o rosto na direção do velho. Nem assim recuperou a calma.

— O que a senhora está fazendo? — perguntou Elias com veemência. — Enlouqueceu?

— É esse pequeno imprestável! Olhe...

Frau Polster abriu a mão esquerda e mostrou os três chocalatinhos dourados da loja dos Kruger.

— Ele roubou, esse bandido! Como pôde fazer isso comigo? Na loja da cidade... Vou lhe dar um belo castigo.

Elias, que ainda segurava com firmeza o braço da mulher furiosa, pegou os chocolates e, com um sorriso desconcertante, disse:

— Ah, Thomas! Que gentil, obrigado, você lembrou...

Frau Polster ficou perplexa.

— Como assim? — perguntou ela.

— Frau Polster, não avisei à senhora? Eu tinha pedido que Thomas me trouxesse chocolate, justamente esses. Está vendo? Não há motivo para todo esse drama, não é mesmo?

Tom olhou para Elias como se o velho tivesse acabado de salvá-lo das garras de um dos monstros mais apavorantes da Criação.

A empregada bufou, mas teve que murmurar um pedido de desculpas, que soou incompreensível e confuso. Atrás dela, o velho olhou de forma severa e cúmplice para o menino, que suava frio.

Em seguida, a megera saiu da cozinha ainda resmungando, deixando-os a sós.

Sem dizer uma palavra, Elias deu uma olhada no que havia na sopeira que estava no fogo. Serviu-se de um prato do goulash que fervilhava e ocupou um lugar à mesa da cozinha depois de colocar cuidadosamente os chocolates criminosos bem à sua frente.

Convidou Thomas a se sentar diante dele e começou a almoçar, observando-o. O menino ficou um pouco incomodado no lugar que era reservado a Anna, mas o velho nem percebeu.

— Então, Thomas, você leu o livro?

— Sim, senhor. Li, muito obrigado.

— Pode me chamar de Elias, sabe...

— Sim, senhor. Muito obrigado.

Elias suspirou. Depois de terminar a comida, o velho sábio pegou um chocolate e o desembalhou lentamente.

— Achou bom?

— Formidável, senhor, realmente formidável. Mas um pouco curto...

— Não estou falando do livro! — retrucou Elias, em tom de brincadeira. — O que você achou do chocolate?

Tom corou. Estava prestes a tomar uma tremenda bronca.

— Não sei, não provei. Não tive tempo.

— Que pena — disse Elias, levando o chocolate à boca e deleitando-se ostensivamente. — Uma pena mesmo... É maravilhoso.

O menino salivava um pouco.

— Ainda há dois. Por que não me conta um pouco mais sobre você? — pediu Elias desembalhando o segundo chocolate.

— É que não há muita coisa para dizer...

O velho mordeu metade daquela trufa deliciosa.

— Humm... esse também é muito bom.

— Sou órfão, moro sozinho... e nunca comi chocolate!

O menino sorriu com malícia. Sem se abalar, Elias engoliu a outra metade, pegou o último doce e se levantou.

— Boa tentativa! Vou guardar esse aqui para o café! Por outro lado, tome isso... — Elias lhe deu algumas moedas e, diante da expressão alegre do menino, explicou: — Não são para você. São para os Kruger. Peça desculpas a eles por ter se esquecido de pagar! Pague pelos chocolates e... pelo restante também.

Elias deu um empurrão afetuoso em Tom, que sorriu com ar pesaroso, pegando a garrafa e os outros itens furtados, escondidos no casaco. Então, sem mais delongas, o menino seguiu de volta para a loja.

— E não se esqueça de ficar de olho em seus bolsos, nunca se sabe o que pode ter caído dentro deles! — exclamou Elias da porta.

No caminho, Thomas pensou no sujeito estranho e amável que era Elias, o Sábio. Sentiu algo rolando em seu bolso. Ao enfiar a



mão, encontrou o terceiro chocolate. Sem se virar, percebeu a presença protetora do velho. Elias zelava por ele.

## 18

Era fim de tarde e Tom tinha acabado de voltar para casa. Ele passou algum tempo nos escombros do seu pequeno reino decrépito e foi embora pouco antes das cinco horas. Sempre ia nesse exato momento, pois era o horário em que os estudantes de Braunau saíam da escola.

À beira da estrada, afastada da aglomeração de jovens agitados, estava Marika, a única filha dos Riefenstahl. Thomas esperava apenas por ela.

Os dois eram muito diferentes fisicamente. Ele, um pequeno menino de rua do Leste Europeu; ela, um modelo de menina, sempre arrumada com seus vestidos azuis, o cabelo acinzentado impecavelmente preso e cheiroso.

Marika e Thomas eram crianças precoces. Ela já estava no ensino fundamental, era a mais nova de sua turma e também a mais reservada. Como Tom, não se interessava por crianças da sua idade. No entanto, encontrara em Thomas alguém que sentia e expressava as coisas exatamente como ela. Os dois compartilhavam a paixão por romances e poemas. Naquele dia, Marika trazia algumas páginas de Hölderlin. Eles ficariam horas lendo um para o outro.

Todas as quintas-feiras, Marika tinha aula de piano na sala da casa burguesa dos pais. Seu pai, Teodor Riefenstahl, e sua mãe, Gertrud Riefenstahl, cujo sobrenome de solteira era Kurt, se orgulhavam de ter posto um prodígio no mundo. Herr Riefenstahl simplesmente tinha orgulho de ser o que era. Prefeito da cidade, um notável austríaco da província: era gordo e cheio de convicções. Também era xenófobo, frequentemente violento e grosseiro sempre.

Marika não gostava do pai, chegava a detestá-lo, até. Ela era bonita, generosa, sensível. O oposto de Teodor. Recebera também uma educação impecável. A menina tinha tudo, mas sentia-se sufocada.

Só conseguia refúgio na música. Na música e na companhia de Tom.

Ele nunca deixava de ir escotá-la na quinta-feira à tarde. Escondia-se no jardim da casa, atrás do painel branco de madeira da janela. Ela sabia que ele estava ali e o avistava de vez em quando às costas do professor, sem que seus pais soubessem.

Tom aprendera assim todas as regras de harmonia, apenas ouvindo de forma furtiva, e as melodias de César Franck e de Liszt viraram equações certas e perfeitas na sua cabeça. Toda semana, ele passava para ouvir Marika tocar seus improvisos, corrigindo mentalmente suas raras imprecisões.

As duas crianças sabiam que precisavam se esconder para viver aquela amizade restrita. Os pais de Marika considerariam Tom um parasita.

Mas Thomas não se importava e, naquele dia, assim como nos outros, ficou esperando Marika na rua do colégio. Sua silhueta de menina, orgulhosa e ereta, fez o coração de Tom saltar. Era sempre a mesma emoção.

E a cada vez, também, Marika se esforçava para disfarçar a alegria que sentia ao ver seu fiel Thomas, esperando apenas por ela, sem reparar em ninguém além dela.

Caminharam juntos por um tempo, enquanto ela falava sobre Hesse e Mann, as Montanhas Rochosas e os lagos da Itália. Ele contava sobre o seu dia, os novos tesouros que encontrara em seu reino, o que estava lendo, citando, inclusive, o fabuloso *O jogador de xadrez*. O personagem o fascinava. Falou sobre Elias, o Sábio, e o sabor maravilhoso do chocolate dos Kruger que Marika já conhecia. Os dois sorriram ao tocarem nesse assunto.

Mas, de repente, aconteceu o que Tom temia.

Erwan Gruber, o terror do bairro, surgiu no cruzamento.

Erwan e Tom já haviam se desentendido muitas vezes naquela rua e em várias ocasiões tinham chegado perto de se atracar.

Erwan provavelmente não era muito mais forte que Thomas, por outro lado, era muito mais violento. Além disso, nunca se separava da sua gangue de trogloditas.

Erwan tinha quatorze anos e fumava cigarro, como um adulto. Thomas já o vira apagar um cigarro no rosto de um garoto durante uma briga. Com o tempo, Erwan se tornara perigoso, até os professores diziam isso, e seu pai, o médico Hans Gruber, batia nele com frequência.

Assim, quando Thomas e Marika viram aquele capeta diante deles, acompanhado por dois de seus comparsas, enrijeceram.

Porém, ao contrário do que se esperava, o garoto se contentou em lançar um olhar ameaçador para Tom e seguiu em frente. Erwan cerrou os dentes e seus colegas fizeram o mesmo, imitando estupidamente as atitudes do líder.

Marika virou o rosto, mas, ao se cruzarem, Thomas quis, por orgulho, encarar Erwan de volta. Então, o intruso exclamou:

— Marika! Você não deveria andar por aí com esse mendigo. Ele não passa de um estrangeiro, de um rato piolhento!

A menina não respondeu. Ela segurou o braço de Tom e levou-o para longe.

Thomas também cerrou os dentes. Sem desacelerar o passo e com a cabeça erguida, continuou encarando o inimigo, prometendo a si mesmo que algum dia o faria se arrepender daquelas palavras...

# 19

A tarde se arrastava e Elias só pensava na noite de estudo que o esperava depois que Frau Polster fosse embora.

Ele não se sentia cansado, sua oração a Deus o fortalecera. Estava decidido a aproveitar a noite para voltar à biblioteca.

O exemplar que contava a história de Sof continuava na escrivaninha, aquele com o qual o velho viajara até o gueto.

Mas, desde essa experiência prodigiosa, mil promessas ressoavam dentro dele.

Começou a ler e a reler a longa narrativa dedicada a Sof, a imaginar o sofrimento do órfão perdido em Treblinka...

O Livro Secreto revelava, na realidade, pouca coisa sobre sua vida.

Elias retornava incansavelmente aos trechos enigmáticos da narrativa: tratava-se de uma partida de xadrez decisiva, de um soldado nazista, do dedo decepado. Os códigos interrompiam a história, impedindo a compreensão de todo o conteúdo.

Transferência para o Gueto de Varsóvia em 2 de agosto de 1941. (...) Partida dia 13 de janeiro de 1943 para Treblinka, Polônia, separado dos pais. Falecimento da mãe. Sobrevive no campo graças à descoberta do seu dom para o xadrez. Enfrenta o soldado nazista. Jogo de xadrez. *Morte por Damiano*. Perde o indicador direito.

Então, Elias lembrou-se da alusão murmurada por Sof durante a segunda partida de xadrez dos dois...

"Gostaria de mudar tantas coisas... não deixaria a criança inexperiente que eu era jogar contra o Diabo, aprenderia a me esquivar de seus golpes..."

Foi então que ele encontrou a resposta. Era evidente.

— Mas é claro! — exclamou.

Na verdade, "*Morte por Damiano*" significava "*Mate de Damiano*". A palavra "Mate", muito próxima do hebreu "*Met*", vem do árabe e quer dizer "Morte". Ele compreendeu que o menino perdera aquela partida de xadrez porque caíra na célebre armadilha do xeque-mate de Damiano, uma combinação fatal ensinada em todas as escolas de xadrez.

Sorrindo, Elias passou a mão pelas letras de fogo do Livro e admirou o movimento das chamas. A luz que elas emitiam desenhou parcialmente, num jogo de sombras, os contornos da sua mão sobre a testa.

Ele respirou fundo e então preparou-se para tocar a chama do papel com o indicador. Precisava ser rápido.

Em seguida, Elias fechou os olhos. O Livro decidiria o lugar e o melhor momento. Tinha que confiar nele.

## 20

Elias encontrou-se de pé, com as mãos cruzadas no peito, segurando junto de si o volume da lei sagrada.

Estava bem no meio de uma avenida estreita ladeada por prédios destruídos. Alguns pedestres passavam apressados pela calçada. Um deles esbarrou em Elias sem lhe dar muita atenção. O velho olhou ao redor, atento aos menores detalhes.

Na esquina, um menino distribuía o jornal. Elias se aproximou.

— Posso pegar um emprestado por um momento?

O garoto não ousou recusar o favor a um homem tão velho e de aparência tão respeitável. Se ainda estava vivo e tão bem-arrumado naquela idade, é porque devia ser alguém importante...

O nome do jornal barato era *Auf der Wache*, "Em vigília", e datava de 9 de outubro de 1940.

Elias lançou um olhar triste para o pequeno vendedor de jornal. O que aconteceria com ele? O que aconteceria com todas aquelas pessoas?

A primeira página era inteiramente dedicada à entrada dos Estados Unidos e da União Soviética na guerra. Será que Stalin iria romper seu acordo com os nazistas e atacar a Alemanha?

Elias suspirou e de repente sentiu uma forte angústia, a de nunca mais poder voltar a Braunau. Agarrou-se ao Livro debaixo do casaco para se tranquilizar. Sentiu um frio na espinha: o Livro o protegia, portanto, não podia perdê-lo de jeito nenhum.

Então Elias devolveu o jornal ao menino e, voltando à razão da sua vinda, perguntou:

— Aliás, meu jovem amigo, você por acaso conhece um garoto que deve ter mais ou menos a sua idade e se chama Sof?

— Conheço — respondeu a criança colocando o jornal de volta na pilha, o rosto se iluminando repentinamente —, conheço bem.

Ele mora mais acima nessa rua de onde o senhor veio, no prédio sem persianas. Com certeza ele está brincando no pátio a essa hora.

Sem esperar mais, Elias despediu-se do menino e voltou pela avenida destruída. O prédio em questão era na verdade apenas uma simples ruína. Passou pelo pórtico arruinado e deu uma olhada no pátio: não havia ninguém, exceto alguns gatos magros que reviravam latas de lixo.

Ali, em meio àquela imundície, um homem de aspecto hostil o interpelou:

— Ei! Quem é o senhor? O que quer aqui? — perguntou o desconhecido, rabugento.

— Bom dia, senhor, estou procurando o jovem Sof.

— O que quer com aquele imprestável? Ele roubou alguma coisa sua também?

— Não — respondeu Elias, o Sábio. — Só queria falar com ele. Vim de longe.

— De longe?! Mas todo mundo aqui veio de longe! E ninguém irá a lugar algum, aliás!

— Estou procurando o pequeno Sof. É urgente. O senhor sabe onde ele está? — respondeu Elias com firmeza.

— Se não está em outro lugar do gueto, talvez continue no porão tramando não sei o quê. Por aqui! — indicou ele severamente com o dedo.

Apontava para uma pequena escada que dava acesso ao maior dos dois prédios no pátio.

Avançando pelo edifício, Elias ouviu os ecos abafados de uma estranha prece, murmurada por uma vozinha angelical. A princípio, ele ficou quase amedrontado, mas se recompôs ao lembrar que precisaria apenas abrir o Livro o mais rápido possível e apertou o passo.

Conforme avançava na escuridão, o murmúrio ficava mais nítido e, no labirinto do subsolo, ele logo distinguiu uma luz fraca vinda de uma porta de ferro.

Elias encostou a orelha na porta o mais disfarçadamente que pôde. Ouviu com mais clareza, então, a litania discreta: era uma



série ininterrupta de letras e números...

— C2C3/G8F6, G1F3/D7D6, E2E4/C8G4, D2D4/F6E4, D1D3/G4F3, G2F3/E4F6, F1E2/B8D7, E1G1/C7C5, D3E3/E7E6, E2B5/A7A6, F1E1... A6B5 — suspiro —, D4D5/F6D5, E3E2/D8A5 — pausa e respiração —, B2B4/C5B4, A2A3/B4C3, B1C3/D5C3, E2D2/D7E5, F3F4/E5F3, G1G2/F3D2 — pausa —, C1D2/B5B4, A3B4/A5D5, F2F3/D5D2, G2G3/A8A2, A1D1/D2F2, G3G4/F2G2, G4H5/G2G6, H5H4... A2H2. — Suspiro de alívio.

Era mesmo a voz de uma criança. Elias logo entendeu que aquela longa sequência de códigos era, na verdade, uma transcrição dos movimentos de peças sobre um tabuleiro de xadrez.

Então, Elias, o Sábio, voltou a pensar no Senhor e surgiu em seu rosto um sorriso meigo, um sorriso cúmplice, uma homenagem à Providência.

A voz se calou. De repente, a porta se abriu e uma forte luz branca cegou Elias. O velho recuou. Seu frágil coração se sobressaltou.

Junto à porta havia um menino assustado.

Tomando a iniciativa, Elias perguntou:

— Você é Sof?

— Sim, sou eu... Quem é o senhor?

— Não tenha medo, menino. Sou um amigo. Posso entrar um instante?

O garoto deu um passo para o lado. Ele era de uma magreza preocupante e sua palidez dava a impressão de que passara a vida inteira naquele subsolo.

Elias, cheio de compaixão, encarou o menino e pensou no velho que ele se tornaria. Reconheceu os traços: os mesmos olhos com um tom de verde surpreendente, o mesmo formato alongado do rosto, as mesmas maçãs salientes. “De criança a velho, de velho à criança, ninguém muda de verdade”, pensou.

Não havia a menor dúvida, era mesmo Sof criança. E o velho estremeceu, pois considerava aquele encontro algo extraordinário.

Era a concretização do Livro da Vida.

Nesse exato instante, em pé diante de Sof criança, Elias não teria temido a morte se ela houvesse chegado, pois tinha certeza

absoluta da existência de Deus. Ele irradiava fé e deixava toda a sua vida na mão do Criador ao apoiar a própria mão na cabeça do menino, para lhe dar sua bênção.

O pequeno Sof ficou mudo diante dessa estranha e repentina aparição. Observava timidamente um velho sábio rezar por ele, sem entender.

Estavam em um lugar extremamente exíguo: era iluminado por uma janela baixa que tinha vista para o pátio. A única mobília do cômodo era uma velha mesa gasta e algumas caixas de madeira. Elias sentou-se em uma delas e a criança se acomodou diante dele, dividida entre medo e curiosidade.

Após longos segundos, Elias finalmente saiu de sua meditação e falou:

— Menino, estou aqui para o seu bem e vim de longe por sua causa.

— De onde o senhor veio? — perguntou ingenuamente o garoto.

— Um dia você terá a resposta dessa pergunta. Mas, por enquanto, não nos resta muito tempo. — Apertando novamente seu precioso Livro contra o peito, ele continuou: — Agora há pouco você estava recitando movimentos de uma partida de xadrez, não é?

A criança corou.

— Foi o papai que mandou o senhor? Ele não gosta que eu jogue aqui. Está sempre dizendo que isso não traz nada de bom e que seria melhor se eu fosse procurar comida em Varsóvia como os outros! Ele mandou o senhor, não foi?

— Pode ficar tranquilo, seu pai não tem nada a ver com isso — respondeu Elias.

O menino ficou mais calmo com o sorriso amável do velho. Sentiu que podia confiar nele.

— Sabe, também sou um bom jogador de xadrez. Inclusive, foi o xadrez que me trouxe até você. Quer jogar uma partida comigo?

— O senhor quer jogar? — perguntou o menino todo feliz. — Veio jogar xadrez comigo?

— Se você estiver de acordo — respondeu Elias, sorrindo também.

O garoto saltitou até o armário, contente de ter enfim um verdadeiro adversário, aparentemente um adversário sério, e, sem fazer mais perguntas, pegou o belo tabuleiro de mármore e madeira que Elias logo reconheceu. Aquele era seu único tesouro. Todo orgulhoso, o menino o colocou na mesa e se sentou diante de Elias.

Em pouco tempo, o pequeno Sof e Elias acabaram de posicionar as peças. O velho sorriu.

— Aceito jogar com as peças pretas desta vez.

A criança observou seu misterioso convidado sem entender o comentário e, como preferia jogar com as brancas, não fez qualquer objeção. Escolheu começar com o cavalo em G3.

O jovem Sof iniciou a partida de maneira clássica, avançando o peão branco até E4. Elias sabia exatamente aonde ele queria chegar e, após algumas jogadas, com grande mestria, colocou o menino numa circunstância inédita para ele.

Elias sorriu e disse a seu jovem amigo:

— Observe, observe bem essa situação, Sof. Foi isso que vim lhe ensinar.

O menino ficou surpreso, pois, apesar de ser excepcionalmente talentoso, nunca vira uma jogada como aquela. Entendeu que não controlava o rumo da partida e que estava prestes a cair numa armadilha.

— Está vendo, menino, trata-se de uma estratégia clássica, porém perigosamente eficiente — comentou Elias. — Chama-se Mate de Damiano. Vou lhe mostrar como sair dessa.

O menino observou atentamente o tabuleiro e reconheceu, lá no fundo, que em breve seria derrotado. Ficou com o orgulho ferido.

— Não fique decepcionado, você já é um excelente jogador para a sua idade — acrescentou o velho. — Aprenda isso e se tornará invencível. A minha dica é a seguinte: dá para bloquear essa estratégia se você treinar para notá-la e começar a agir a tempo. Fique bem atento aos movimentos do bispo. Se você garantir que a rainha fique perto do rei, então não terá nada a temer, pois a rainha é a chave do sistema de defesa que você deve estabelecer. Mas, lembre-se bem, de sempre deixar a rainha perto

do rei, não a use para atacar sem discernimento. Seria uma imensa perda. Você continuaria se lembrando disso durante décadas após essa guerra, menino.

O garoto, confuso, encarou Elias por um instante, tentando entender o que ele queria dizer, o porquê daquilo tudo. Com o orgulho ferido, quis imediatamente uma revanche. Elias aceitou, apesar de já estar tarde.

Sof jogou com as peças pretas e Elias tentou habilmente levá-lo ao mesmo ponto. Mas, dessa vez, o menino mostrou-se incrivelmente experiente.

Durante a partida, Elias contemplou o amigo com muito carinho, sabendo o que ele vivera no gueto e as provações que ainda teria que enfrentar.

Assim que Elias pegou o bispo preto, um barulho abafado ressoou no pátio.

— O que é isso? — perguntou o velho.

— A polícia, com certeza — preocupou-se o menino, lívido.

— O que eles vieram fazer aqui?

— Aparecem de vez em quando, levam moradores para... interrogá-los, de acordo com papai.

O pátio voltou a ficar calmo.

Então, subitamente, os ruídos se aproximaram. Ouviu-se o eco de uma porta sendo derrubada. Houve estalos, tiros, gritos de pânico.

Elias agarrou seu Livro, com frio na barriga e medo de ser pego na armadilha daquela época terrível.

Em seguida, muito rápido, organizou seus pensamentos e disse à criança:

— Meu jovem amigo, tenho que ir. Não se preocupe, você escapará de todas essas dificuldades e voltaremos a nos ver. Acima de tudo, mantenha sempre em mente o que eu lhe disse. Lembre-se de todas as coisas. Um dia terminaremos juntos essa partida.

A criança ficou observando o velho, os olhos fixos em seus lábios, como se esperasse ouvir alguma frase mágica capaz de acabar com seu medo de uma só vez. Ele começou a chorar. Com uma voz firme, Elias disse:

— Vamos, com certeza você conhece um lugar por onde escapar, não é?

O menino assentiu.

— Conheço uma passagem, mas é estreita. O senhor não vai conseguir atravessar.

— Não se preocupe comigo, meu querido — retrucou Elias. — Vou sair daqui da mesma maneira que entrei. Quanto a você, vá embora logo.

O menino hesitou. Mas a ameaça continuava se aproximando, então ele largou a mão do velho. Enxugou as lágrimas com a manga da camisa e, abrindo a porta com cautela, deu uma última olhada em Elias, como alguém que deixa um amigo, com medo de nunca mais vê-lo. Em um segundo, desapareceu no escuro.

Tocando a capa do Livro com a mão, Elias ficou parado, pensativo.

O barulho das botas dos oficiais ressoou no corredor estreito. Eles já deviam estar perto quando o velho, contendo seu medo, abriu novamente o grande Livro Dourado.

Um clarão atravessou o cômodo. A única testemunha do halo luminoso foi um pastor-alemão abobalhado que estava à frente dos seus donos. O Mate Pastor.

## 21

Quando Frau Polster bateu à porta no dia seguinte, ninguém abriu. Para que não parecesse desconfiado, Elias finalmente lhe dera uma cópia das chaves. Então ela decidiu entrar.

A casa estava deserta, como se fosse inabitada. A mulher grunhiu. Após dar uma olhada rápida nos cômodos principais, ela constatou que Elias não estava lá e não se preocupou mais com isso.

Depois de já estar trabalhando há quase duas horas, viu o pequeno Thomas aparecer de repente. O menino vinha da carvoaria.

Como de costume, Tom entrou na casa e mostrou a bolsa à mulher, que gemeu baixinho, demonstrando sua satisfação.

Em seguida, ela ordenou que o menino abastecesse o fogão da cozinha. Ele já sabia qual era o lugar de cada coisa e colocou três grandes punhados de carvão no fogão antigo.

Mas, naquele dia, Tom sentiu algo distinto no ambiente. Será que era devido à ausência de Elias, ou quem sabe aos efeitos da crise que piorava e sobre a qual todos falavam? Faltava dinheiro e trabalho, o que deixava as pessoas nervosas. Mas ele não compreendia de verdade essas considerações. Portanto, preferiu se concentrar em arrumar o carvão e sentiu-se feliz por cumprir de forma correta seu trabalho.

Ficava satisfeito, não porque ganhava um salário com aquilo — um bem modesto, na realidade —, não, ficava satisfeito porque o trabalho lhe permitia continuar furtando discretamente a grande mercearia dos Kruger. Ele não tinha nenhum escrúpulo em roubar aqueles fofoqueiros. Mais do que isso, ele precisava daquelas coisas. Criava assim reservas úteis que estocava em seu esconderijo.

Quando não estava pensando em comida, Tom pensava em Marika. Que livro ela levaria para ele naquele dia? Que coisas novas ela teria aprendido no colégio? Havia tantos países no grande planisfério, de acordo com o que ele via pela janela da sala de aula, tantas ilhas, fronteiras e tantos continentes...

Porém, Frau Polster com frequência o trazia bruscamente de volta à realidade, mandando-o fazer uma ou outra tarefa complementar. Ela estava sempre reclamando de tudo, ainda mais naquele dia. Ele se perguntava por qual motivo. Mas sem dúvida era porque, na ausência de Herr Ein, ela se sentia livre para destilar seu veneno.

— Guarde essas caixas! — ordenou Frau Polster. — E, depois, vá esfregar a privada desse porco!

Tom ficou perplexo com o insulto dirigido a um velhinho tão amável. Mas evidentemente não ousou desafiar a fera enraivecida.

Nesse momento, Elias apareceu diante da porta. Frau Polster se aprumou, como se sob efeito de uma descarga elétrica. Imediatamente, ela ficou morrendo de vergonha, perguntando-se se o velho a tinha ouvido.

Na verdade, Elias estava imerso em seus pensamentos, sem prestar atenção nos dois, e contentou-se em desejar um bom-dia sem muito entusiasmo.

Thomas, por sua vez, sempre ficava feliz ao ver Elias. A calma do velho contrabalanceava — ainda mais naquele dia — a histeria de sempre e a conduta grosseira de Frau Polster.

Assim que Elias notou o menino no canto da cozinha, deu um sorriso. O velho não pôde evitar pensar na criança que deixara, pouco tempo antes, na noite do gueto. Havia algo em comum entre os dois, a mesma inteligência, a mesma solidão, a mesma fragilidade.

A correria de Tom e Frau Polster animava a casa. Embalado pelo ruído familiar, Elias relembrou as imagens do menino perdido, o barulho das botas dos oficiais, o sofrimento dos moradores do gueto, o medo em seus rostos.

O velho observou o tabuleiro de mármore e ébano que atravessara o tempo. A ideia de rever Sof para a partida de xadrez

semanal dos dois o deixava inquieto. Possivelmente obteria a prova derradeira de que tudo não passara de um pesadelo.

Ele só precisava esperar alguns dias para rever Sof no próximo encontro dos dois e esclarecer tudo. Seis dias, para ser exato. Seis dias para verificar tudo. Segundo o Livro, seis dias também era justamente o tempo que restava a Sof antes de morrer...

Mas, desde sua viagem, estranhamente o trecho em questão ficara ilegível, codificado e incandescente. Será que havia alguma ligação entre a próxima partida de xadrez dos dois e essa previsão? Não havia mais nada que Elias pudesse fazer no momento, a não ser esperar.

Sentado na poltrona da sala, continuou imerso em pensamentos até tarde da noite.

Elias estava prestes a encontrar uma resposta. Só fizera tudo aquilo para verificar sua hipótese, pois o que ele queria provar era muito mais importante, na sua opinião, do que a vida de apenas um homem...



Naquela noite, Tom e Marika estavam sentados lado a lado em meio aos escombros, à luz de velas, na penumbra de seu esconderijo. Era a primeira vez que Marika tinha a oportunidade de visitar o reino secreto de Thomas.

Ela começou a falar sobre suas últimas aulas de geografia. Mostrou a ele vários mapas desenhados em cadernos de espiral, contou sobre os animais selvagens da Tanzânia, sobre as margens exuberantes de Casamança e os palácios sagrados de Samarcanda.

Na verdade, ela situava de maneira bastante vaga esses lugares de nomes mágicos e muito mais fascinantes que o interior sem graça da Áustria, onde moravam. Tom gostaria de fugir de Braunau, voar para Nouakchott ou Dakar, caçar leões na costa do Congo.

— Há mesmo leões na costa do Congo, não é? — perguntou ele.

— Acho que sim — respondeu Marika.

— Preciso levar você lá um dia — disse Thomas, mirando com um fuzil imaginário.

— Não, não quero caçar! — revoltou-se ela, abaixando o braço do garoto. — Temos que deixá-los em paz. Por que os meninos sempre querem matar, matar, matar?

Tom refletiu.

— Você tem razão, Marika, não vamos até lá caçar leões. Vamos para o Congo e chegaremos bem perto deles.

Esquecendo subitamente sua raiva, Marika sorriu e murmurou:

— Você acha mesmo que vou poder ir para lá também?

Thomas abriu um sorriso tranquilizador.

Marika corou um pouco.

— Então você iria comigo? — insistiu Tom.

— Você nunca vai poder me levar — afirmou ela.

— Vou dar um jeito, garanto a você! Sempre dou um jeito!

— Mas você não tem dinheiro — retrucou Marika.

— Vou arranjar. E aí você e eu vamos morar perto das gazelas e das girafas da África.

Marika ficou um tempo sonhando acordada. Abriu outra vez seu livro escolar na página que tinha um mapa colorido da África.

— Seria bom... A África é bonita, selvagem, e fica bem longe de Braunau.

Thomas assentiu, no fundo perguntando-se como faria para arranjar tanto dinheiro. Mas seu coração era valente: estava disposto a enfrentar um oceano de adversidades. Fitou os olhos de Marika.

— Prometo que iremos um dia... Você vai pedir permissão aos seus pais?

— Eles nunca nos dariam permissão de qualquer jeito... — disse ela, pensativa.

— Não precisamos deles, não precisamos de ninguém, aliás... Precisamos sair de Braunau. Esta cidade está ficando... venenosa.

— É verdade — respondeu Marika.

Então, Tom e ela não disseram mais nada. A menina pegou a mão de seu amor aventureiro, levou-a aos lábios rosados e sussurrou:

— Prefiro quando você fala sobre os leões na costa do Congo...

O rosto de Thomas se iluminou outra vez. Ela também o amava.

## 23

Uma tempestade seguia para Braunau desde que Elias, o Sábio, ousara se aprofundar no código do Livro da Vida.

Ao notar as sombras no céu daquele novo dia, Tom sentiu um medo vago que não passou. Ainda desconhecia a razão daquela ansiedade, mas sua presença era óbvia. A cidade estava cercada por um horizonte cheio de nuvens, e ganhara o aspecto de um local sitiado.

Naquele dia, pela primeira vez, Tom não encontrou Marika no caminho de volta.

Ninguém sabia explicar aquela mudança súbita do tempo, só Elias poderia, se não estivesse totalmente absorto em atingir os próprios objetivos. De qualquer forma, mesmo que tivesse percebido, não poderia fazer nada. O rumo das coisas fora perturbado, como um rio saindo bruscamente de seu curso.

O velho Sof passara a tarde inteira trancafiado em casa, tomado por um inexplicável tormento. Tinha uma carta em mãos. O misterioso conteúdo daquela correspondência fez o antiquário sair de seu apartamento, abatido.

Então, o céu ficou escuro e relampejante, anunciando a chegada de uma forte tempestade. Mesmo sabendo que a cidade não estava mais totalmente segura, o velho saiu de casa, seguindo pelo caminho principal em direção ao cemitério à beira da estrada.

O que o deixara transtornado e o que ia procurar lá? Ninguém soube e jamais saberá. A carta encontrada depois em seu apartamento falava de seus pais. Mas, para todos, permaneceria um enigma.

Ouvia-se um zumbido contínuo no ar.

Sof caminhava contra o vento, dando passos hesitantes, velejando feito um barco pelo turbilhão de segredos do seu

passado. Ergueu os olhos e o aspecto sinistro do céu o assustou: aquela tempestade apocalíptica ameaçava desabar sobre a cidade a qualquer momento.

Ele chegou em um canteiro de lápides ásperas e desiguais, a maioria delas totalmente abandonada e tomada pelo verde do limo. Algumas tinham estranhas marcas de deterioração, outras, era óbvio, haviam sido deliberadamente quebradas. O velho continuou seguindo em frente, cambaleante.

O zumbido aumentou, parecendo o som de um gigantesco enxame de vespas. Tom, em seu esconderijo com vista para a rua, no alto de seu forte de ruínas, viu a aparência frágil do antiquário. Perguntou-se por que Sof saíra de casa com aquele tempo.

Ele identificou, finalmente, a alguns metros dali, a origem daquele rugido insuportável que seguia em direção ao velho: era Erwan e sua trupe! Eles usavam aquele lugar lúgubre como retiro e não toleravam intrusos.

Tom sentiu um terrível arrepio na espinha. Sof se aproximava de forma perigosa e esbarrou no bando. O corpo do velho cambaleou com o choque e ele caiu pesadamente no chão.

Foi nesse momento que a tempestade desabou. Uma chuva torrencial caiu sobre Braunau.

Erwan avançou na direção de Sof, que se encontrava no chão. A chuva escorria por seu rosto demoníaco. Mas o velho não o conhecia.

Erwan, no entanto, reconheceu Sof, de quem não gostava. O ódio pelos estrangeiros era, sem dúvida, um dos raros sentimentos que o garoto compartilhava com os pais.

Seu passado, já conturbado, fazia de Erwan um líder temido por seus colegas. Ninguém era facilmente aceito em seu clã. Era preciso mostrar sua força, passar por provas, cometer roubos, usar armas brancas em brigas...

Sof teria deixado de bom grado que Erwan seguisse seu destino de bandido, contanto que o deixassem ir embora dali. Mas, infelizmente, naquele exato momento, Erwan estava diante dele, tão ameaçador quanto uma navalha.

Ele era da pior estirpe possível, o tipo de pessoa que tem prazer em coagir os outros, em humilhá-los. O tipo de pessoa que precisa constantemente mostrar que é superior, ainda mais por ter dentro de si a insuportável intuição de não sê-lo.

Em seus olhos fundos, o azul estéril fez o velho se lembrar do olhar que cruzara o seu nos campos da morte. Sof jamais conseguira esquecê-lo.

De repente, o velho ficou com medo, um medo que vinha lá do fundo. Tentou se levantar, mas foi em vão. Então viu o pequeno brutamontes partir para cima dele.

— Peça desculpas! — ordenou Erwan.

O simples fato de o menino não tratá-lo por “senhor”, afinal, ele era um homem de idade, produziu o efeito pretendido no bando de garotos encharcados.

Sof esfregou a mão nos olhos. Ver aquela nuvem grossa prestes a atacar o fez tomar consciência de sua velhice.

Uma voz se ergueu do meio do grupo:

— Peça desculpas, gringo!

Então uma outra, mais alta, gritou:

— Senão a gente acaba com você!

Por um instante, o velho ficou dividido entre pânico e indignação. Entendeu que sua vida estava em jogo e que qualquer coisa bastaria para quebrarem seus ossos de vidro em mil caquinhos.

Paralisado pelo medo, Sof ergueu a cabeça e, derrotado, implorou:

— Deixem-me em paz, por favor, vão embora.

Tentou mais uma vez se levantar.

Obstinado pela agressividade do próprio bando, Erwan se apurou.

Um tapa forte atingiu o rosto do velho.

Sof desabou pesadamente no chão.

— Está de brincadeira comigo, seu judeu?

Diante da força do golpe desferido por Erwan, os sorrisos que os garotos deram inicialmente viraram caretas.

No chão, tonto e desorientado pela chuva, Sof tentou se erguer outra vez.

Era demais para o pequeno líder. Ele não tolerava nenhuma afronta.

Em seguida, deu um forte chute na barriga do velho. Sof se curvou, encolhendo-se violentamente para o lado, o rosto encostado numa pedra onde haviam talhado uma estrela de seis pontas. Os capetas reunidos ao seu redor viram o sangue jorrar de sua boca.

Então, Erwan sentiu certa exaltação. Sua presa estava entregue ao bando que o cercou.

A tempestade ficou ainda mais violenta.

Um dos meninos pegou uma pedra na beira da estrada e a arremessou, atingindo o ombro de Sof. Outra pedra acertou pesadamente a lateral de seu corpo. O jogador de xadrez tentou se levantar pela última vez, sem sucesso. Ergueu a palma da mão com luva de couro para se proteger das pedradas.

O bando, que já não tinha rosto, atacou o velho. Um novo e mais pesado projétil golpeou Sof.

Tom assistia à cena de longe. Mas estava distante demais e sozinho para intervir.

Apenas Erwan permanecia imóvel, à parte, segurando um grande bloco de pedra esculpida. Apesar da aglomeração, toda a atenção estava focada nele. Ele observava o velho implorar com gestos ridículos, se contorcendo de dor. Foi então que Tom viu os braços do jovem líder se erguerem em direção ao céu baixo e pesado.

E o menino viu a pedra desabar violentamente sobre o crânio do velho.

Em meio à tempestade, um silêncio mortal reinou durante alguns segundos entre os cúmplices. Sof jazia no chão, a cabeça esmagada. No solo, o sangue formava uma coroa púrpura em torno do crânio, à qual a água da chuva rapidamente se misturou.

Os mais covardes logo saíram correndo e o bando se dispersou aos quatro ventos. Erwan ficou mais alguns instantes observando sua vítima.

No mesmo momento, do outro lado da cidade, Elias fechou a porta de sua casa com a estranha intuição de que algo grave acabara de acontecer. Naquela noite não haveria partida de xadrez.

## 24

A tempestade cessara quase tão bruscamente quanto havia chegado. O corpo de Sof permanecera abandonado no meio do cemitério à beira da estrada, entre os túmulos esparsos. Em um segundo, o lugar ficara totalmente deserto. Quando Tom chegou lá, aproximou-se do corpo e passou bastante tempo em silêncio ao seu lado.

Acima deles, o céu clareava. A vida parecia retomar seu curso.

A criança ouviu um ruído fraco ao longe. Ergueu a cabeça: um pontinho escuro vinha em sua direção.

Elias, o Sábio, apesar da idade, se aproximava com passos firmes. Ele tivera a espantosa premonição de uma catástrofe. Como havia saído de casa com pressa, apareceu desganhado e com a barba malfeita diante de Tom.

Quando Elias viu o cadáver contundido do antiquário, caiu de joelhos, atordoado com a perturbadora sequência de acontecimentos. Ele, que acabara de deixar Sof quando criança, o via ali, jazendo no chão de Braunau, várias décadas depois. A situação lhe causou vertigem. Ele segurou o pulso do velho jogador de xadrez e verificou que estava frio.

Elias tocou as luvas do velho, pensando que talvez a prova que procurava estivesse ali.

— Sei quem fez isso — afirmou o menino, choroso.

— Quem? — perguntou Elias lançando um olhar surpreendentemente calmo para a criança.

— Ele encontrou Erwan e os amigos. Os garotos tinham acabado de sair da escola. Sof andava por aqui e os meninos cruzaram o caminho dele. Sof parecia totalmente perdido. Não sei por que ele estava aqui, nem aonde ia. Eu estava lá em cima quando aconteceu. Os garotos deram um encontrão nele... a



tempestade atrapalhou minha visão... e depois começaram a jogar pedras nele. Sof estava com medo, mas não gritou. Então, vi Erwan se aproximar e atingir sua cabeça. Ele desabou. E depois, depois... todos saíram correndo.

Tom enxugou as lágrimas.

— Eu senti algo — sussurrou Elias, como que para si mesmo.

Constatou, assustado, o triste estado do corpo de seu parceiro de jogo e, olhando para o céu, perguntou-se, sem encontrar resposta, se aquela tragédia era um sinal.

Murmurou a oração dos mortos. Rezou para que a alma daquele homem que sofrera tanto se elevasse até o Senhor e encontrasse, enfim, descanso junto Dele, longe da violência daquelas crianças, longe do gueto, longe de Braunau.

Tom finalmente conseguiu desviar os olhos do corpo de Sof, intrigado pela melodia singular daquela oração, que ressoava estranhamente dentro dele. Então, naquele instante trágico, o menino notou uma luz. Ele via em Elias um pouco da família que lhe faltava.

E as lágrimas ganharam um novo sentido. Tom chorou por seu destino, pois sentia que algo havia mudado. Sem admitir para si mesmo, sabia qual era o motivo secreto do crime que acabara de testemunhar. Não era por acaso que Erwan e seus comparsas tinham se achado no direito de agredir o velho antiquário.

O mundo dos adultos se aproximava, desferindo seu ódio, permitindo uma violência como aquela, meias-palavras nos jantares em família, nos bares, nas salas de estar, nas filas de espera, até nas mais altas esferas da sociedade.

Elias pediu que Tom fosse buscar socorro. O menino protestou, argumentando que ninguém viria. Porém, como Elias insistiu, ele seguiu pela estrada.

Foi então que o velho ergueu delicadamente o pulso de seu antigo adversário. Deslizando a luva preta pelas articulações rígidas do cadáver de Sof, ele descobriu algo extraordinário: a mão direita estava intacta, com cinco dedos.

Quando anoiteceu, homens de branco embrulharam o corpo de Sof. Tom pensou que era como se, em segredo, discretamente, a cidade quisesse sumir com todos os rastros do velho.

Os policiais de Braunau interrogaram alguns vizinhos, tiraram fotos do cemitério, colheram depoimentos. Mas a sina do antiquário não despertava grande interesse, alguns chegavam até a utilizá-la como motivo de piada.

Acima de tudo, o todo-poderoso prefeito de Braunau, Herr Riefenstahl, havia declarado que considerava um escândalo a polícia desperdiçar seu tempo e o dinheiro público tentando elucidar assuntos que não diziam respeito diretamente às preocupações dos verdadeiros austríacos.

Marika e Tom estavam revoltados. A menina sonhava em se libertar da autoridade esmagadora do pai, mas isso era algo totalmente impensável na residência dos Riefenstahl.

Por outros motivos, o próprio Elias, à sua maneira, também tinha apagado o choque da morte de Sof. Na realidade, só vira naquilo a prova que buscava. No fim das contas, só isso lhe interessava.

A seu ver, o que mais importava no momento era sua certeza de ter uma ferramenta capaz de interferir no destino. Deus estava a seu lado, tinha certeza disso.

A partir de então, passou a maior parte do tempo em casa, recluso, evitando ao máximo Frau Polster.

Para ficar o mais perto possível da biblioteca, ele se acomodara no quartinho azul, no mezanino. Às vezes, olhando pela janela, ele acompanhava as idas e vindas cotidianas do pequeno Thomas. A fim de justificar seu confinamento para Frau Polster, ele inventara uma doença. Pedia para ela comprar remédios, para em seguida

jogá-los fora. Trancava sistematicamente a porta do quarto e só descia para fazer uma refeição diária, simulando sem grande dificuldade uma exaustão que se devia mais às longas noites de estudo do que à sua idade.

Pois, nesse período, Elias, o Sábio, dedicou-se exclusivamente ao mistério do Livro e sua razão de ser.

Submetendo-se a um rigor extremo no estudo do texto, às vezes Elias ficava em jejum sem perceber, dormia pouco e refletia continuamente. Ele leu o destino de centenas de pessoas, ilustres ou anônimas... Diante de si estava aberto o Livro da Providência, o que lhe causava um espanto sem fim.

Tomou cuidado para evitar qualquer contato físico com os caracteres luminosos. Foi assim que Elias também decidiu usar luvas.

Ainda se questionava sobre as razões que haviam feito o Todo-Poderoso lhe confiar aquele tesouro.

Pois se o Livro fora capaz de mudar o rumo da vida de Sof, então podia conquistar vários outros feitos. Ele fazia questão de permanecer humilde, recusando atribuir a si mesmo uma habilidade que não tinha. O poder era apenas do Livro, um poder divino do qual Elias tinha consciência de ser só o depositário.

Durante as semanas que se seguiram, o velho também ficou muito tempo analisando os trechos que diziam respeito à sua própria família. Ele passou várias semanas estudando a crônica em forma de mosaico daqueles tristes destinos, semelhantes a milhões de outros. Na realidade, ele procurava um sentido para a sua sobrevivência.

Sempre que fechava o Livro, sentia-se infinitamente só outra vez, sozinho entre os mortos e os vestígios do passado.

Diante da imensidão do texto iluminado, às vezes se sentia um viajante perdido em terra estrangeira, e de vez em quando lançava um olhar triste pela janela para seu antigo mundo distante.

Nenhum dia se passava sem que Elias localizasse no século XX a raiz do mal. Ele via naquele século a causa essencial de sua infelicidade, o acusava de ter permitido o desencadeamento do inferno sobre a Terra.

Ele amaldiçoava os ideólogos e seus carrascos, seus discursos de ódio, seus nacionalismos, seus racismos e suas teorias políticas, assim como aqueles que haviam permitido que prosperassem. E censurava, inclusive, as vítimas por não terem preferido a revolta à morte.

Guiada pela culpa, a pós-modernidade europeia, a do século de Elias, se emaranhava na obsessão neurótica pelo esquecimento, uma vontade de “virar a página”, que era nada mais do que a página do seu fracasso moral.

Elias via a memória do antigo mundo se apagar, o mundo de seus pais e de seu velho legado, abrindo a porta para uma nova era de perigos semelhantes aos do passado. Todos os dias ele lia seu presságio no Livro da Vida.

Porém, mais do que tudo, paradoxalmente, a leitura do Livro lhe dava consciência de sua própria desesperança. Elias percebia que, sem aqueles que amava, sua vida era vazia.

Ele ainda precisava compreender a razão pela qual o Criador quisera colocar o Livro em suas mãos.

Foi com o objetivo de encontrar uma resposta para essa insistente pergunta que ele finalmente decidiu enfrentar seu medo: encarar o próprio destino.

Levantou-se devagar e percorreu os corredores outra vez, à procura de seu nome no Livro.

Que segredo o Livro revelaria sobre ele?

Mas, chegando enfim ao lugar exato, Elias percebeu, chocado, que as páginas sobre ele se encontravam em chamas, se consumindo impiedosamente!

Era incompreensível. Sua existência estava desaparecendo, “saindo” do arquivo dos vivos. Seria um sinal de que ele se aproximava do Infinito? Ou do Nada? Quem poderia lhe dizer?

Independentemente do que fosse, Elias se convenceu de uma coisa: seu tempo estava contado. Precisava agir rápido.

Os dias passaram voando. Sim, ele precisava agir rápido. Mas como? Gostaria de ter ajuda. Queria receber uma mensagem do céu, mas sabia que era inútil ter esperança.

Ele ainda dedicava muito tempo ao estudo do Livro, andando incessantemente pelos corredores daquele grande cômodo, analisando a história de novos destinos, à procura de algum sinal que lhe desse uma pista, que fizesse surgir uma luz no fim do túnel.

Todos os dias, com as mãos enluvadas, folheava milhares e milhares de páginas.

E foi assim que, em meio a uma delas, encontrou a história de um ser em particular: Herr Claus Graf von Stauffenberg.

No Livro, Elias descobriu o destino do homem que, em 1944, tentara sem sucesso assassinar Adolf Hitler.

A narrativa do atentado estava presente na história da vida de Stauffenberg, e era de uma precisão surpreendente. A data e a hora exatas da explosão da bomba que deveria ter aniquilado o tirano eram mencionadas: dia 20 de julho de 1944, às 12h42.

Elias descobriu também que a operação foi chamada de "Valquíria". E ficou sabendo como era conhecido o cômodo no qual a tentativa de assassinato ocorrera: a sala de conferências do quartel-general do Exército, situado na floresta da Toca do Lobo, em Rastenburg, perto da fronteira leste do Reich.

O Livro relatava em detalhes os acontecimentos subsequentes ao fracasso do complô. Informava as circunstâncias da detenção de Stauffenberg e de seus cúmplices, assim como as condições sórdidas da execução deles.

Elias ficou fascinado com a narrativa. Imaginou o que Stauffenberg devia ter sentido ao instalar a bomba na sala de conferências, ou algumas horas após a explosão da qual Hitler

escapara milagrosamente, e também no momento em que a SS o detivera.

“Stauffenberg era, sem dúvida, o que passou a ser chamado de ‘justo’ após a guerra”, pensou Elias.

— Se ao menos ele tivesse conseguido... — disse para si mesmo.

Pensou que o destino de sua família teria sido radicalmente diferente, e é provável que o nome dos Ein conseguisse sobreviver.

Então Elias se deu conta de que, mesmo se Stauffenberg tivesse sido capaz de assassinar Hitler em julho de 1944, isso não teria acabado com o pesadelo.

De fato, a Operação Valquíria fora planejada tarde demais. Àquela altura, a guerra já havia feito milhões de vítimas, os guetos já tinham sido destruídos, os campos já haviam servido de palco para as piores coisas...

“Tarde demais”, pensou Elias com certo alívio, como se, no fundo, por um instante, tivesse achado que precisaria intervir pessoalmente para corrigir aquele capítulo da História.

Era essa a reflexão que acabara de passar por sua mente: ele poderia corrigir a História.

Perturbado com o rumo de seu pensamento, fechou o Livro.

O respeitável prefeito de Braunau am Inn, Teodor Riefenstahl, estava ao telefone, sentado em sua poltrona de couro estofada que reinava em seu belo escritório em tons de cobre e acaju.

Sua família estava ocupada no andar de cima, e ele conversava com Hermann Böser, chefe de polícia da cidade, em tom de confiança.

— É isso mesmo, Hermann, não tenho dúvida.

— Enfrentei dificuldade com alguns colegas de trabalho que não pensam como nós. Felizmente, não são muitos.

— Quem são? — perguntou o prefeito.

— Fuchs e Hofer. Mas já está resolvido. Eles não vão arriscar o cargo que têm por uma história como essa.

— Herr Gruber ficará muito grato a nós, Hermann. Erwan, o filho dele, não é um mau menino. E, bom, você sabe que as eleições são daqui a algumas semanas. O assunto é importante, e não só para mim.

— Sim, Herr Riefenstahl, eu sei.

— E, então, como está pensando em lidar com isso?

— Vamos enviar ainda esta tarde um relatório completo que tem como conclusão uma queda acidental na vala onde há a confluência do rio Inn com o Enknach.

— Ah, sim, muito bem, boa ideia... Excelente ideia, até! — exclamou o prefeito, girando a cadeira para ver melhor a sombra que se formava diante da porta de seu escritório. — Hermann, você tem a garantia de conseguir um b...

Ele não terminou a frase. Sua filha, Marika, lhe lançava um olhar sombrio. Ela ouvira tudo.

— Liguei de volta para você — disse ele, antes de desligar. — O que está fazendo aqui, Marika?

Ela continuou imóvel, fixando-o com certa insolência que ele nunca vira na menina.

— Estou olhando para você, pai, e dizendo a mim mesma que gostaria de nunca ter sido sua filha!

— O quê?! — perguntou ele, estupefato.

— Acha que não sei o que está fazendo?! Está acobertando um assassino! Não quero mais ser sua filha! Não quero mais carregar seu sobrenome! Isso me causa tanta repulsa quanto você!

Riefenstahl perdeu totalmente a cabeça. Era a primeira vez que ouvia sua filha se dirigir a ele daquela maneira. Gertrud, a mãe de Marika, apareceu no escritório.

— Não quero mais! — explodiu Marika. — Ser chamada de “minha filha querida”, esses seus modos, sua educação, seu cinismo e suas aulas de piano. Odeio você! Não quero mais ter esse sobrenome, essa casa e esse status. Queria ser pobre, porque pelo menos assim eu seria digna. Queria ser órfã, porque pelo menos seria livre. Você não vai mais tocar em mim: suas mãos estão cobertas de sangue!

Gertrud cobriu a boca com a mão. O que ela acabara de ouvir ultrapassava os limites do seu universo mental. No entanto, tentou proteger a filha, mas aquilo foi demais para o pai. Ele partiu para cima da menina e, pela primeira vez na vida, em uma explosão desproporcionada de violência, bateu nela.

A mãe conseguiu deter o braço do marido após alguns segundos, mas já era tarde demais. A menina tentou fugir. O pai a segurou pelo braço, girando-o até colocá-la de joelhos.

— Quem a ensinou a falar desse jeito com seu pai?! — berrou ele.

O rosto e o corpo de Marika estavam cobertos de hematomas. Ela imergiu num silêncio repleto de lágrimas.

— São suas companhias, é isso. Aquele selvagemzinho com quem você se encontra na saída da escola, não é? Achou que eu não sabia disso? Essas coisas todas não me espantam, na verdade! Está vendo, Gertrud? Eu lhe disse que tínhamos que tomar cuidado...



A mãe estava chocada tanto pelas palavras de Marika quanto pela extrema brutalidade do marido.

— Teodor, como você pôde bater na nossa filha desse jeito? — falou Gertrud com dificuldade.

— Não posso tolerar isso sob o meu teto. Sou prefeito de Braunau, está me ouvindo? Vou pôr ordem nesta cidade e na minha casa. De agora em diante, Marika, você está proibida de ver aquele vagabundo. Ele não passa de um parasita!

— Thomas não é nada disso, ele é meu único amigo!

— É exatamente o que eu pensava! — triunfou Riefenstahl. — Você ouviu o que acabei de dizer, mocinha? Não vai mais encontrá-lo. E posso garantir a você que esse rapazinho vai se ver comigo! Agora, vá imediatamente para o seu quarto.

Assustada, a mãe pegou a filha pela mão e subiu a escada.

Ajeitando a gola, Herr Riefenstahl voltou para o escritório. De pé, pegou o telefone.

— Hermann, sim, sou eu de novo. Escute, tenho uma nova missão importante para você e quero que resolva isso para mim o mais rápido possível...

Já fazia vários dias que Thomas não via Marika no caminho da escola. O menino passava a maior parte do tempo lendo e observando a cidade do alto da sua torre em ruínas. Viviam um outono peculiar, e Braunau estava imersa na penumbra.

Mais que tudo, sentia falta de Marika. Por que ela se afastara dele? Será que se mudara da cidade?

Ele quis esclarecer as coisas e, apesar de seus receios, seguiu para a cidade na intenção de encontrar o rastro da menina.

Teve que pegar a estrada onde Sof fora morto. No lugar exato da sua lapidação, Tom desacelerou. Constatou que não restava mais nenhum vestígio do assassinato.

Era uma tarde de quarta-feira. A cidade estava cinzenta e fantasmagórica. Procurou Marika na praça e nas ruas, em vão. Durante o caminho notou que a antiga rua Bloch mudara de nome.

Chegou finalmente à residência luxuosa da família Riefenstahl. Como de costume, deu a volta, passou por baixo da cerca viva, onde a grade estava danificada, seguindo até o grande jardim da propriedade. Aquele era um lugar tranquilo com uma grama muito verde, um caminho de cascalho branco e um grande álamo cuja folhagem tomava as paredes de pedra da construção.

Tom não ousou chamar a amiga, com medo de ser descoberto. Então catou uma pequena quantidade de cascalho no caminho que levava até o pórtico. Jogou um de cada vez na janela do quarto de Marika, que ficava no andar de cima.

O cachorro latiu. O rosto de Marika, com marcas e covinhas, surgiu na janela. Ao ver Tom, ela deu um sorriso triste que o deixou preocupado.

Então a menina levou o indicador aos lábios e desapareceu por alguns segundos.

Quando Tom a viu reaparecer, ela rapidamente jogou para ele um papel amassado. Thomas correu atrás do bilhete, que caía rodopiando. Abrigou-se sob o álamo do jardim para ler.

“Não posso ver você, meus pais proibiram. Espero que compreenda. Sinto muito.”

Tom fechou a cara. Olhou outra vez para a janela. Não havia mais ninguém. Marika tinha ido embora.

Ele permaneceu ali por alguns minutos, esperando mais um sinal, outra explicação, mas ninguém apareceu.

Subiu então numa árvore para tentar ver o interior do quarto, mas o galho cedeu com o seu peso, produzindo um estrondo.

O cachorro latiu mais alto. Tom ainda não tinha descido da árvore quando a porta da casa se abriu e um homem saiu, o rosto desfigurado pela raiva. Era Herr Riefenstahl. Ele berrava ainda mais alto que o cachorro.

— Saia daqui, seu rato imundo! Como ousa entrar aqui? Não quero mais que você chegue perto da minha filha. Está me entendendo?

Imediatamente, o prefeito pegou o celular e ligou para a delegacia.

— O vagabundo! Ele está na minha casa... Ousou entrar na *minha* propriedade. Venham imediatamente!

Thomas já saíra correndo, morrendo de medo. Passou depressa por baixo da cerca viva e saiu na rua.

Sentiu um vento glacial no rosto. Por isso, levantou a gola e encolheu o pescoço.

O menino de Braunau estava desamparado. Perambulou pelas ruas por um tempo, pensando em Marika, em seus pais, no ódio sem motivo que sentiam dele.

Nesse momento, na esquina de uma avenida, Tom viu um homem alto na calçada. Ele saía de um prédio que Thomas nunca havia notado, que tinha a fachada decorada com grandes letreiros.

A cor dos letreiros alegrava aquela rua sinistra. O homem, envolto em sua capa de chuva cinzenta, notou Thomas se aproximar de longe e passou a seguir o trajeto do menino, no meio da calçada.

Ele era alto e muito bonito. Tinha um sorriso de arcanjo e, naquela cidade hostil, à primeira vista, sua imagem pareceu agradável aos olhos de Tom.

Deixando a criança se aproximar, o homem se dirigiu a ele com uma voz suave:

— Bom dia, menino.

Thomas sentiu que podia confiar nele e parou.

— Bom dia, senhor — respondeu Tom, mantendo-se, porém, a uma boa distância.

— Você é Thomas, não é?

Tom pensou melhor. Como aquele desconhecido podia saber seu nome?

— E o senhor, quem é? — perguntou.

Um brilho surgiu no olhar do homem. Ele identificara o pequeno selvagem. Aproximou-se devagar do menino, para que ele não fugisse, e falou novamente com uma voz tranquilizadora:

— Hermann Böser, mas pode me chamar só de Hermann, se o senhor quiser.

Böser estava perto demais dele. De repente, o menino notou certa crueldade no homem. Deu um passo para trás.

O oficial tentou segurá-lo.

— Vamos lá, menino, não tenha medo, não quero machucá-lo — prometeu ele.

Mas a intuição de Tom se fortaleceu violentamente e, pressentindo um perigo real, ele começou a correr.

— Não tenho tempo para conversar, senhor, preciso ir.

Então, o homem exibiu uma expressão carrancuda que revelou seu verdadeiro caráter. Tinha um ar maléfico. Mas não fora rápido o bastante e não pôde fazer mais do que observar Tom fugir dele, como se fugisse da peste, pelo labirinto das ruas da velha cidade.



Hermann Böser se juntou a seu colega do outro lado da rua. O oficial Fuchs o aguardava, encostado em um muro. Ele assistira à cena toda.

— O que você queria com o menino? — interrogou Fuchs.

— Ele é um vagabundo que rouba os comerciantes, perturba a ordem pública. O prefeito quer impedi-lo de qualquer maneira de causar mais prejuízos.

— Impedi-lo de causar prejuízos? Espere aí, ele é só um órfão, não faz mal a ninguém...

— Não vai começar outra vez com isso, não é, Fuchs?!

— Você vai implicar com crianças agora? — indagou o oficial com coragem.

— Vamos voltar para a delegacia, Fuchs. Já avisei: ou você está comigo, ou está contra mim. Depois, não reclame.

Os dois seguiram para a delegacia da cidade. O oficial Fuchs estava furioso. Já fazia muito tempo que se opunha a Böser, mas desde que seu chefe formara laços sólidos com os políticos locais, principalmente com Riefenstahl, ele estava fora de controle. Além disso, circulavam rumores terríveis sobre seu temperamento sádico. Fuchs estava preocupado.

No início, os colegas da delegacia riam das tendências extremistas de Böser. Deram-lhe o apelido de “o Arcanjo”, em alusão a seu belo rosto, e a Lúcifer, o anjo caído. Pois por trás daquele rosto bem-esculpido escondia-se uma natureza extremamente venenosa que suas atitudes às vezes revelavam.

Nas últimas semanas, “o Arcanjo” conseguira se impor com ameaças e promessas de promoções de carreira. A passividade da maioria dos policiais fizera o resto. Em seguida, para piorar tudo, Böser fora oficialmente nomeado chefe da polícia de Braunau por decisão do prefeito. Desde então, sua prepotência era quase total. Dieter Fuchs era um dos poucos que ainda ousava enfrentá-lo.

Fuchs tinha trinta anos e vinha de Salzburgo, era casado e pai de uma menina e de um menino. Ele os amava mais do que tudo no mundo. Arrancaria um pedaço do próprio coração pelos dois se fosse necessário. Era um homem bom, um homem simples.

Imaginar Böser rondando aquele menino indefeso lhe dava um frio na espinha: ele pensou imediatamente nos próprios filhos.

## 29

Elias acordou sentado em um banco na alameda central de um jardim público. O céu estava límpido e dava para ouvir as crianças ao longe. As mães estavam espalhadas pela alameda, todas usando elegantes vestidos de babado.

Enquanto as crianças brincavam de guerra, a maioria com pequenos galhos à guisa de fuzis, as mães passavam o tempo conversando.

Prestando atenção, Elias ouviu o que uma mãe falava com o filho.

— Vá, Dolfi, vá brincar — disse a mulher, impaciente.

— Brincar com quem? — perguntou a criança.

— Com os outros menininhos, ué! Você tem amigos, não tem?

— Não, não sou amigo deles — respondeu o pequeno. — Quando vou brincar, eles zombam de mim.

— Você diz isso porque eles chamam você de Alface?

— Não quero que eles me chamem de Alface!

— Mas acho que é um apelido carinhoso — assinalou a mãe com bondade. — Se eu fosse você, não ficaria ofendido com uma coisa tão pequena.

Mas o menino não concordava. Ele repetiu, aborrecido:

— Não quero que eles me chamem de Alface!

Elias tinha um olhar entretido. A conversa o fez recordar sua infância. Virou-se para o menino: era muito magro e tinha a pele um pouco esverdeada. Elias o seguiu com o olhar e observou-o finalmente se juntar às outras crianças que, fascinadas com seu fuzil novo em folha, se ofereceram para brincar com ele.

Alface foi nomeado vice-capitão por Maximilien, o general do Exército, que devia ter, no máximo, oito anos. E assim foram todos juntos para a guerra, enfiando-se na folhagem do jardim.

Elias se voltou para a mãe de Alface, que conversava com uma senhora gorda. Tinham um sotaque que o lembrava de Frau Polster.

Vários minutos se passaram. De repente, ouviu-se uma grande agitação vinda do fundo do pequeno bosque.

Eram, sem dúvida, as crianças que passavam para a ofensiva contra algum inimigo imaginário. Acostumadas, as mulheres continuaram e não ligaram para a algazarra.

Porém, após um breve instante, Elias viu o pequeno Alface reaparecer por trás das árvores. O pobre menino estava sujo de lama, com os joelhos ralados e o rosto manchado de terra e de lágrimas. Seu belo fuzil novo estava completamente quebrado.

— Meu Deus! Dolfi, o que você fez desta vez? — perguntou a mãe.

Ela lhe deu um sermão brusco, acusando-o. Alface tinha sido vítima de uma armadilha fomentada pelo jovem general e suas tropas. Eles não gostavam do menino e, desde o princípio, só deviam estar cobiçando o belo e reluzente fuzil. A julgar pelos hematomas, Alface sofrera uma séria derrota e seu aspecto era digno de pena.

— Ah, coitadinho! — lamentou a mulher gorda.

Elias conseguiu perceber nos olhos da mãe toda sua vergonha por ter um filho como aquele. Pôde adivinhar também a que ponto ela temia que o menino pertencesse para sempre à categoria das eternas vítimas...

— Vamos, Dolfi, venha trocar de roupa! — ordenou a mãe, vermelha de raiva, arrastando-o energeticamente para casa.

Então, o pobre garoto começou a chorar ainda mais e o sofrimento o deixou com uma expressão feia.

— Ah! Essas crianças! Fazem um tremendo alarido por nada! — exclamou outra senhora, solidária. — Bom, adeus, Sra. Hitler!

Elias, aturdido, sentiu um forte desespero dentro do peito. Fixou o olhar na mãe e no filho que se afastavam pelo pequeno caminho.

Então, ele percebeu a fonte de calor que irradiava sob seu casaco. Era um exemplar do Grande Livro que palpitava feito um



coração de luz. Perturbado e sem saber o que fazer, ele decidiu voltar depressa.

## 30

Quando Elias fechou o alçapão atrás de si naquela noite, percebeu imediatamente a casa suja e desarrumada. Olhou pela janela. Lá fora a cidade estava imersa em penumbra. Um inverno precoce e pesado, como os que atingiam aquela região da Áustria, parecia ter finalmente se instalado.

Seus pensamentos vagaram entre o passado e o presente.

Ele tentou mais uma vez calcular todas as consequências de seu plano, mas elas eram incontáveis. Se Hitler nunca houvesse existido... o Holocausto jamais teria acontecido.

Se a criança que ele acabara de ver chorando no parque não tivesse crescido, se houvesse conseguido seguir a carreira de pintor à qual aspirava, se não tivesse escolhido entrar para a política, se tivesse falhado...

Os Ein não teriam sido apagados do Livro da Vida. Elias considerava uma ironia fabulosa que aquele mesmo Livro lhe desse, no momento, a possibilidade de alterar a ordem das coisas.

Cinquenta milhões de mortos e dezenas de milhões de vidas haviam sido destruídas.

De repente, Elias ouviu a porta da casa se abrir. Ele desceu a escada e se deparou com Frau Polster.

— Vim buscar meu dinheiro! — bradou a mulher.

— Muito bem, cara Frau Polster. Então a senhora não quer mais receber no fim do mês?

— Não — respondeu ela bruscamente. — O senhor não entendeu? Não virei mais trabalhar na sua casa.

Elias ficou surpreso com aquela súbita decisão. Viu no rosto dela uma expressão vaga, uma mistura de medo e ódio.

— O que está havendo? — perguntou ele, se esforçando para ser cordial.

— Nada, não há nada. Não quero mais trabalhar para o senhor, só isso, e há dias quero encontrá-lo para receber meu pagamento. Mas o senhor estava trancafiado...

— Eu estava de cama, a senhora sabe. Não podia ver ninguém — justificou Elias.

— Pois bem, agora quero ir embora! E quero meu dinheiro — repetiu a mulher grosseiramente.

— Está bem, está bem, Frau Polster. Um instante, por favor — resignou-se Elias.

Ele foi até o quarto, que estava uma bagunça. Abriu o armário e procurou no bolso interno do casaco. Estava faltando dinheiro e Frau Polster era a única pessoa que tinha as chaves da casa...

Ele preferiu não causar confusão e pegou algumas das notas que restavam para pagá-la. Aquela mulher detestável arrancou as notas de sua mão e contou-as rapidamente diante do velho atônito.

Então, ela deu meia-volta sem dizer nada.

— A senhora poderia ao menos me dar alguma explicação, Frau Polster... — pediu Elias.

A empregada não respondeu e bateu a porta ao sair.

# 31

Tom se refugiara no seu prédio em ruínas, enquanto Braunau am Inn mergulhava de vez na escuridão.

Na antiga casa de caldeiras, ele localizou outra vez a pequena cavidade escondida sob o assoalho. Era um espaço de apenas um metro por sessenta centímetros, mas o esconderijo de algum modo o tranquilizava. Seria útil em caso de perigo. Bastaria entrar no buraco e recolocar as duas tábuas de madeira por cima para o cômodo parecer totalmente vazio.

Tom se tornara desconfiado e se preparava para enfrentar tempos difíceis. Tinha a firme convicção de que tudo estava relacionado: o assassinato do velho Sof, a impunidade de Erwan e seus comparsas, as repetidas ausências de Elias, a aparição de Böser, e até mesmo aquela noite que surgira em pleno dia e escondia o sol sem trégua...

Um pouco mais cedo, Frau Polster avisara a Thomas que tinha deixado de trabalhar para Ein. Ele podia escolher, portanto, se continuava indo até lá ou não. Porém, encontrara a porta fechada todas as vezes que voltara ao local. O velho parecia ter desaparecido. Na verdade, ele estava exclusivamente dedicado ao Livro.

Com Elias sumido e Marika enclausurada, Tom se sentia mais desamparado do que nunca. Ele ficou feliz por ter guardado mantimentos suficientes para várias semanas.

À noite, percorria os recantos do seu reino deserto, certas vezes descobrindo ainda alguns pequenos tesouros, velhas bugigangas, correspondências antigas, aqui e ali...

Então, a noite reinou absoluta. Thomas teve a impressão de que ela caíra subitamente sobre todo o país, e até para além das

fronteiras. Mas se esforçou para manter a esperança. Em breve o sol atravessaria a escuridão. Ele queria se convencer disso.

A noite era um breu, e a chuva forte desabou sobre Braunau mais uma vez. Tom, abrigado em sua propriedade, estava sentado tranquilamente perto dos livros e do fogo a lenha que acendera na lareira.

Ele ouviu um barulho metálico lá fora.

Levantou-se e olhou pela janela. A escuridão e a chuva o impediam de distinguir nitidamente o que estava acontecendo do outro lado.

Ao longe, porém, na estrada inundada, ele pensou ter visto uma silhueta branca avançar na sua direção. Era Marika, encharcada e aflita. Caminhava no vento e no frio para vir encontrá-lo. Uma rajada carregou seu lenço branco, que prendeu na grade mais abaixo, na rua deserta.

Tom estava ao mesmo tempo morrendo de preocupação e de alegria: ela voltara. A menina escapara da vigilância dos pais e fugira em meio ao dilúvio. Só podia ter um destino: o reino de Thomas.

O menino se enrolou num cobertor e saiu correndo ao encontro dela. Achou-a tremendo de frio, totalmente desorientada.

— Aqui! — gritou Tom para a amiga.

Então ele envolveu a garota encharcada nos braços e os dois se abraçaram tão forte que, durante um instante, tornaram-se um só.

— Estou tão feliz de ter conseguido encontrar você — disse Marika, tremendo.

— Achei que nunca mais ia vê-la...

Os dois se refugiaram lá dentro. Tom reconfortou Marika como só ele poderia fazer. Deu-lhe roupas secas. Enquanto a menina se trocava, ele notou os hematomas no corpo dela.

— O que aconteceu? — perguntou, preocupado.

— Eu fugi, só isso — respondeu ela. — Não posso mais morar naquela casa. E também precisava ver você.

Eles se entreolharam. Os dois tinham a inquietante beleza da inocência. Então, com naturalidade, sem saber muito bem o que aquilo podia representar, Tom deu um longo beijo nos lábios pálidos da garota e eles se abraçaram. Naquele momento, nada poderia separá-los.

— Aconteceram muitas coisas em Braunau nesses últimos dias, sabe?

— O quê? — perguntou o menino.

— Meu pai mandou Böser atrás de você. Querem pegá-lo.

— Ah, sim, Hermann Böser...

— Você o conhece?

— Há alguns dias esbarrei com ele na cidade. Tentou mesmo me pegar, mas sou rápido demais para esse cara!

— Böser significa mal em alemão. Esse nome combina mesmo com ele!

— É! Esse cara tem maldade até no nome. Foi comprado pelo meu pai e jurou que pegaria você...

— Mas para fazer o quê? — perguntou Thomas.

— Não sei. Para expulsá-lo de Braunau, colocar você numa instituição, nos separar, acho. Não sei direito, eles são capazes de tudo.

Thomas pareceu preocupado.

— E você, o que fez durante todo esse tempo?

— Trabalhei na casa de Elias, o senhor que comprou a casa do aduaneiro, até que ele parou de dar sinal de vida. Li muito. E, bom, na verdade descobri uma coisa também.

— Ah, é? O que você descobriu?

— Ainda não posso contar... É perigoso, mas assim que puder eu conto. Mas fique sabendo que, se precisar me procurar, é bem provável que eu esteja na casa do velho sábio.

Alguns agradáveis minutos se passaram, e, como o fogo diminuía, Thomas decidiu buscar lenha na casa de caldeiras. Pediu

que Marika esperasse um instante. Ela se agasalhou com o cobertor e dormiu um pouco...

No outro extremo da cidade, os Riefenstahl estavam em pânico. Tinham se dado conta da fuga da filha e alertado imediatamente a polícia. Apesar da tempestade, as patrulhas revistavam as ruas de Braunau.

Ao contrário dos outros, Böser, acompanhado de Fuchs, decidiu concentrar sua busca na periferia. Seu faro o guiou até o perímetro deserto onde Tom estabelecera seu refúgio. Subitamente, de dentro do carro, ele notou algo que despertou seu interesse.

— O que foi? — perguntou Fuchs.

— Vou dar uma olhada — respondeu Böser. — Espere aqui.

Fuchs viu Böser sair na chuva torrencial e andar alguns metros. Depois o perdeu de vista.

Um pouco mais longe, “o Arcanjo” avistou um pano branco preso numa grade de arame. Ele puxou o lenço e se deu conta de que estava no caminho certo. Seguiu adiante.

Com os olhos molhados de chuva, ele pensou ter visto uma luz no primeiro andar de um prédio em ruínas. Ajeitou a capa de chuva e se aproximou sem fazer barulho.



Em 1922, um jornalista chamado Joseph Hell perguntou a Adolf Hitler:

— O que o senhor pretende fazer com os judeus, quando tiver plenos poderes?

Alterado e olhando para o nada, Hitler respondeu:

— Quando eu estiver realmente no poder, minha primeiríssima tarefa será exterminar os judeus. Assim que eu tiver a possibilidade de fazer isso, construirei o maior número de forcas possível. Então, os judeus serão enforcados sem discriminação e continuarão na forca até apodrecerem.

Elias se lembrava dessa frase autêntica que lera alguns anos antes. Mas, no momento, estava ecoando em sua cabeça de um jeito totalmente diferente.

A personalidade de Hitler, a questão da origem de seu ódio, a do verdadeiro peso da sua psicologia na História... Elias estava obcecado por todos esses temas.

Não havia mais futuro na Europa. Nem para os judeus da Europa. A própria história do Velho Continente parecia andar em círculos desde o pós-guerra. Como era possível que aquela grande civilização, a pátria das Luzes e das maiores revoluções intelectuais, tivesse originado o mal absoluto?

Para Elias, tudo se devia ao “erro Hitler”. Este homem tinha sido um líder fora do comum, uma personalidade patológica levada acidentalmente a governar um povo em apuros.

E, da sua janela, Elias via sua velha Europa vagar pela História, e a Áustria, seu país, entrar em decadência.

Aquele país fantástico que havia sido o centro da vida cultural europeia nos anos 1900... O que se tornara? Será que, hoje em dia, Viena era mais do que um grande museu a céu aberto, assim como

Roma ou Paris? O futuro do mundo estava em outro lugar, em alguma parte da América e da Ásia.

O genocídio de todos os indesejáveis — fossem eles comunistas, judeus, ciganos, homossexuais, enfermos — havia sido um plano industrial administrado por funcionários dedicados.

O capitalismo inventara o homem como engrenagem de um sistema a serviço do lucro. Hitler inventara o homem como engrenagem de um sistema a serviço de seu próprio extermínio...

Elias visualizou outra vez o rosto esguio do pequeno Alface. Voltou a pensar no sofrimento do jovem Sof nos porões escuros do Gueto de Varsóvia.

Precisava de pouco para salvar milhões de almas, para dar mais uma chance àquele continente à deriva.

Por fim, pensou que se o próprio Deus tinha escolhido colocar aquele Livro em suas mãos, talvez Ele também achasse necessário retornar àquela gigantesca aberração da História que, em Sua infinita bondade, Ele não poderia ter realmente desejado.

Marika dormia debaixo da coberta, sob a luz da lareira. Sentiu uma presença bem próxima e abriu os olhos: uma mão lhe tocava. A princípio, achou que fosse Tom.

De repente, a menina gritou a plenos pulmões enquanto Hermann Böser, com o rosto encharcado, a segurava.

— Aí está você! Sabia que seus pais estão morrendo de preocupação? — sussurrou ele no ouvido dela de um jeito maldoso.

Ele usou o lenço da menina como mordaca. Depois, uniu as mãos dela nas costas e as amarrou com um fio de náilon. Estava muito apertado e a garota tentou gritar, em vão.

No subsolo, Tom ouviu um estardalhaço e imediatamente se deu conta do que acabara de acontecer.

— Agora — murmurou Böser no ouvido dela —, você vai gentilmente me levar até seu amiguinho. Senão...

— Não sei onde ele está! — revoltou-se Marika, falando através da mordaca.

— Não me faça de idiota. Ele só pode estar aqui.

Böser enfiou a cabeça para fora da janela e viu o carro estacionado, com os faróis apagados. Fez sinal para que Fuchs se movesse e viesse até ele.

Então, "o Arcanjo" segurou a menina outra vez e a empurrou para a frente.

— Venha comigo, vamos encontrar seu namoradinho — ameaçou, acendendo a lanterna presa ao cinto.

Empunhando um revólver, como se estivesse prestes a deter um bandido perigoso, Böser guiou a jovem refém pelo prédio, farejando os rastros feito um cão policial, em busca de qualquer detalhe.

De repente, pensou ter escutado um barulho suspeito no andar de baixo. Conduziu a menina pela escada. Então, empurrou devagar com o pé a porta da casa de caldeiras. Ao ver a lenha armazenada, se deu conta de que o menino passara por ali. Impulsionou Marika, que oferecia resistência, para forçá-la a entrar. Ela chorava sem parar.

Debaixo do assoalho, entre as tábuas, Tom mordia o lábio: o policial parecia gigante, então o menino não podia fazer nada além de tentar salvar a própria pele. Uma tábua do piso estalou sob o passo lento de Böser, alguns centímetros acima do rosto do garoto.

Marika estava de cabeça baixa e arregalou os olhos ao notar, sob o brilho frio da lanterna, seu amigo entre as tábuas. Ela reprimiu um grito entre os dentes para não revelar a presença do menino.

E enquanto Böser farejava a pista de sua presa, Tom e Marika se entreolharam com um amor infinito através da luz do assoalho. Em um instante, apenas com o olhar, os dois conseguiram comunicar a força de seus sentimentos e a necessidade de não entrarem em desespero.

Tom estava morrendo de vontade de pular para fora do seu sepulcro de madeira e estraçalhar o homem que maltratava seu amor e machucava seus pulsos, fazendo-os sangrar. Mas seu fervor arrefeceu quando ouviu os passos do oficial Fuchs entrando no recinto.

— Você encontrou a menina? Muito bem. O que ainda está procurando aqui?

— Aquele rapazinho. Ele estava com ela, e tenho certeza de que não foi para longe.

Fuchs olhou em volta no cômodo e disse:

— Você está vendo que não tem ninguém!

— Shhh! Silêncio! — ordenou Böser, escutando com atenção, feito um caçador.

Tom prendeu a respiração e fechou os olhos durante alguns segundos que lhe pareceram intermináveis. Em seguida, Fuchs falou:

— Estamos perdendo tempo aqui, Böser! Vamos embora.

“O Arcanjo” se resignou e eles saíram. Tom voltou a respirar, mas estava muito preocupado com Marika.

Böser e a menina deixaram o prédio. Tom saiu de seu esconderijo em silêncio e voltou ao andar de cima para observá-los pela janela.

Foi nesse momento que, chocado, Tom viu que Fuchs ainda estava ali. O homem o observava da porta. O menino teve a impressão de ter sido pego numa armadilha. Fuchs era forte e ágil demais para que tivesse qualquer chance de escapar.

Mas o oficial levou um dedo à boca e se ajoelhou para ficar da altura do pequeno fugitivo. O policial olhou com bondade para a criança e murmurou:

— Não faça barulho. Pegue alguns pertences imediatamente e saia pela porta do pátio...

— Ah, obrigado, Sr. Fuchs — disse Tom quase às lágrimas.

— Você tem para onde ir?

— Sim, senhor — respondeu ele.

— Não demore, vá embora logo. Este lugar não é mais seguro para você.

Tom pegou algumas roupas de frio e alguns alimentos e enfiou tudo numa bolsa de pano. Antes de passar pela porta, ele se virou para o seu salvador.

— Prometo que ele não vai machucá-la — afirmou Fuchs.

Em seguida, Thomas saiu feito uma sombra na noite tempestuosa.

# III

---

MAJESTATIS

Alguns dias depois, a paz retornara à cidade. A tempestade dera lugar a uma temperatura amena inesperada e a um céu clemente.

Marika estava enclausurada em seu quarto. Dessa vez era para valer. Mas, no fundo, ela não sentia mais medo. O pouco tempo que passara com Thomas lhe dera uma força interior. A lembrança do beijo deles a transformara. Dali em diante, ela não seria mais uma menininha. Estava se tornando uma jovem mulher, o que representava uma vitória contra o pai que ele nunca poderia tirar dela.

Marika não tinha qualquer notícia de Tom, mas, por alguma razão desconhecida, não estava preocupada. Queria simplesmente revê-lo.

Böser continuara atrás do menino durante vários dias, mas não conseguia encontrá-lo: Thomas conhecia todos os recantos de Braunau como a palma de sua mão, melhor do que ninguém.

Todo mundo o perdera de vista, e o clima de tensão estranhamente se apaziguara.

“Afinal, Braunau era uma bela cidade quando queria”, pensou Marika olhando pela janela. Seus moradores podiam ser amáveis e receptivos. Em breve tudo poderia ficar em ordem.

Na verdade, todas as coisas pareciam estar melhorando, o que era inesperado. Pelo visto, era o início de uma nova época. Mas a brasa ainda ardia sob as cinzas. E, a bem da verdade, a partida estava sendo jogada em outro lugar.

O homem estava sentado diante de uma grande escrivaninha de madeira escura. Atrás dele havia a estátua de uma águia monumental, ameaçadora. Ele se irritou por um instante ao telefone e então o desligou com violência.

Levantou-se e andou até o grande espelho com moldura de estuque e douradura que decorava o fundo do cômodo.

Observou seu reflexo com satisfação, ajeitando a dobra da gola, e depois foi até a janela. O céu branco estava ofuscante.

O telefone tocou pela segunda vez e a voz tímida de uma mulher anunciou:

— Chanceler, estão aguardando o senhor.

Ele desligou de forma brusca e voltou-se para o grande espelho, constatando que seu terno cinza ainda estava perfeitamente ajustado e que de fato ele era o digno herdeiro dos grandes imperadores germânicos.

Então, o homem abriu a imensa porta de seu escritório e encontrou-se diante de um vasto corredor ladeado de colunatas.

No fim do corredor, o chanceler desceu a imponente escadaria de mármore branco.

Dois homens o aguardavam ali. Um deles tinha um aspecto sombrio, acentuado por suas sobranceiras grossas. O outro, mais rechonchudo e jovem, o acolheu de braços abertos e o parabenizou calorosamente.

O primeiro interrompeu o que lhe parecia uma efusão imprópria e disse:

— Vamos, é a sua vez. Temos que ir agora.

Depois, abriu totalmente as duas portas que davam para uma grande varanda de pedra, e a claridade do dia inundou o rosto dos três sujeitos.



Ouviu-se um clamor profundo vindo de trás das cortinas. Era o clamor de uma imensa multidão, amontoada diante da sacada do edifício. A praça estava repleta de gente e dezenas de milhares de cabeças se voltavam para aqueles homens.

Uma voz autoritária ressoou nos alto-falantes:

— *Hitlers Rede!*

E o ruído foi substituído por um silêncio total.

Em seguida, o chanceler seguiu até a varanda e o clamor do povo aumentou a ponto de fazer o céu tremer. Hitler permaneceu imóvel diante do fervor da massa reunida e ficou um tempo contemplando a praça, com o torso ligeiramente inclinado para a frente.

O chanceler iniciou um discurso acalorado e as centenas de milhares de olhos se fixaram nele, conduzidos pelo fluxo crescente de suas palavras.

Em meio ao redemoinho daquela maré humana, um homem lívido observava o orador de um jeito diferente.

Era Elias, com o rosto coberto de suor. Alguns dias antes, na privacidade de sua biblioteca, ele decidira colocar o plano em ação.

Sua mão direita estava escondida no bolso do casaco e segurava com firmeza o revólver Luger Parabellum 9mm do pai. Em Braunau, ele conseguira, com paciência, fazer a arma funcionar novamente.

O chanceler Hitler acelerou o ritmo do discurso. O homem estava ali, bem perto, ao alcance da mão, providencialmente ao alcance da mão.

Os traços do velho ficaram paralisados. O poder de Hitler sobre o público era tão absoluto que ninguém o veria. Ele ergueu o revólver na direção do novo chanceler.

Mas a mão de alguém tocou seu braço e ele ouviu:

— Não é o momento, camarada... Olhe os guardas em torno de você.

Atordoado, o velho se virou para o intruso.

Com um gesto de cabeça, o homem indicou vários membros da SA bem perto deles, acima da multidão, em diversos pontos. Tivera a sorte de ser interrompido. Com certeza, Elias acabaria sendo pego imediatamente, antes mesmo de atirar.

— Acredite em mim, seria suicídio fazer isso aqui. Vamos embora — insistiu o desconhecido.

Se não estivesse tão desestabilizado à essa altura, talvez Elias houvesse sentido o Livro escorregar de dentro do seu casaco e cair no chão da grande praça... Enquanto se afastava, sendo guiado em meio à multidão amontoada, perguntava-se quem poderia ser aquele surpreendente cúmplice.

— Doutor Gomel, advogado — adiantou-se o jovem. — Tenho as mesmas ideias que o senhor. Há muitos nessa situação. Mas o melhor, por enquanto, é que eu lhe apresente meus amigos... — explicou ele.

Gomel parecia um jovem notável e seguro de si. Era alto, magro, e usava um elegante terno transpassado de flanela cinza. Não devia ter nem trinta anos. Seus olhos castanho-escuros, seu nariz aquilino e o cabelo engomado e preto feito carvão lhe davam um ar perspicaz, profundamente humano... Sem saber explicar, o velho sentiu que estava em boas mãos.

— Meu nome é Elias... — disse o viajante em um momento claramente inoportuno.

Mas, de repente, ele percebeu que havia perdido o Livro em meio à multidão.

— Espere! — exclamou Elias. — Tenho que voltar. Perdi algo muito importante!

Gomel tentou dissuadi-lo, mas o velho, muito aflito, logo deu meia-volta.

Retornando por onde viera, Elias encontrou o Livro sagrado a alguns metros, bem no meio da multidão.

Viu algo horrível. Uma mão desconhecida agarrava o Livro. Não era qualquer mão, e sim a de um soldado da SA nazista. Um miliciano magro e destemido contemplava a capa do Livro, parecendo intrigado.

Quando o homem abriu o exemplar, Elias achou que iria desmaiar. Mas, em mãos estranhas, os caracteres do Livro ficaram com um aspecto comum, a obra não se consumia mais. No fundo, o velho esperara que isso fosse acontecer, e conseguira a prova. O arquivo de Deus apenas revelava seu prodígio àqueles que Ele escolhia... e só.

Porém, a situação era grave: aquele não só era um Livro sagrado, como também consistia em seu único meio de voltar. Não podia deixá-lo nas mãos de um nazista!

O soldado tentou entender como um livro que parecia hebraico podia ter ido parar ali. Então encontrou o olhar petrificado de Elias.

Em uma fração de segundo, soube que precisava deter aquele homem e deu o alerta.

Mas, no mesmo instante, o soldado da SA levou uma pancada violenta na lateral do corpo. Um menino vinha correndo e esbarrara no homem, empurrando-o com toda a sua força. O oficial vacilou e o Livro escapou de suas mãos. O pequeno agressor pegou o objeto em um piscar de olhos, saiu correndo o mais rápido que pôde pela praça lotada, e depois entrou numa ruazinha adjacente.

Elias não acreditou no que viu. Mal tivera tempo de identificar o ladrão: ele conhecia aquele menino que corria pelas ruas de Berlim dos anos 1930. Sim, não havia dúvida alguma... era Tom!

O oficial gritou. A multidão entrou em pânico. Elias sentiu o olhar do soldado nazista fixo nele.

Gomel o segurou pelo braço e os dois homens saíram apressados pelas ruas pavimentadas da velha Berlim. Não era mais hora para conversa. Perseguidos pelo som das botas que mais pareciam tiros de advertência, os dois correram tão rápido que o coração do velho quase parou.

Apesar da corrida desenfreada, Elias não conseguia reduzir a angústia dentro de si: como faria para voltar sem o Livro? Enquanto seguia o jovem advogado, ele se afastava da obra e de qualquer possibilidade de retorno.

Mas Gomel não lhe deu tempo para pensar em mais do que isso, ele parecia conhecer Berlim perfeitamente. De qualquer forma, era preciso fugir. Os dois atravessaram ruas que pareciam sem saída, ruas fechadas nas quais os pedestres os encaravam com preocupação. Por fim, após longos desvios, o advogado achou que tinham despistado os inimigos.

Atravessaram o saguão de um prédio e logo chegaram a um apartamento decrépito e quase sem móveis. Havia quatro indivíduos sentados ali, todos jovens e parecendo determinados.

— Esses são nossos amigos. Respondo por eles — afirmou Gomel para Elias. Então, dirigindo-se a seus companheiros, ele disse: — Camaradas, eu lhes apresento... Elias. Elias de quê, aliás?

— Elias Ein.

— Pois bem, imaginem só que Elias ia tentar assassinar Hitler agora mesmo na praça! Sem a minha ajuda, ele estaria nas mãos da SA neste momento, e Hitler continuaria vivo. Acho que podemos falar com ele tão abertamente quanto entre nós...

— Quem é o senhor? — perguntou o mais jovem do grupo.

Elias aproveitou a ligeira vantagem de ter uma idade mais avançada e devolveu a pergunta:

— E *vocês*, quem são?

Gomel, que parecia se impor naturalmente como líder do grupo, apresentou seus companheiros um por um.

— Todos nós somos combatentes comunistas, membros do Exército Vermelho. Como o senhor, juramos que iremos derrubar Hitler, Göring e todo o bando. Formamos esse grupo de voluntários dentro do partido. Todos estão aqui porque querem, ninguém foi comissionado por Stalin ou por quem quer que seja, em Moscou ou em qualquer outro lugar... Kepler é o mais jovem entre nós — disse ele, indicando um rapaz de aproximadamente dezessete anos, de cabelo ondulado e aparência frágil. — Esse é Tilmann, nosso colosso! — prosseguiu, colocando a mão no ombro daquela força da natureza com um metro e noventa e cinco e um rosto infantil. — Esse aqui é Erik, conhecido como “Vassourinha” — indicou o jovem advogado apontando para um menino que parecia astuto e experiente. — Esse garoto consegue arranjar tudo o que o senhor quiser em Berlim, como armas, comida, ferramentas, tudo! Ele conhece Berlim melhor que todos nós. E, finalmente, essa é Hilghe, nossa camarada feminista que vale por dois homens no combate.

Ele olhou para uma jovem de traços muito elegantes e cabelo bem curto.

Elias entendeu que, além de sua destreza, certamente sua beleza estonteante também era uma qualidade decisiva.

A jovem falou de forma um tanto solene:

— Se Gomel o trouxe até nós, foi porque você o impressionou com sua audácia.

— Ou mais ainda com sua incosequência — objetou o advogado, sorrindo.

— Tenho que continuar com a minha missão! — respondeu Elias de modo inesperado.

A determinação do velho surpreendeu a todos. Apenas Tilmann e Kepler pareciam desconfiados.

— Muito bem — começou Vassourinha —, só que Hitler tem mais proteção que o rei da Inglaterra. Sua guarda especial está

sempre atenta. Não dá para assassiná-lo de forma improvisada...

— Com certeza — concordou Hilghe. — Conheço um membro da escolta dele, que acha que estamos do mesmo lado. Sei como se organizam. Ao ar livre, Hitler nunca fica a mais de dois metros de distância dos seus guarda-costas e não são todos os oficiais da SA que usam uniforme, eles também se misturam na multidão.

— Foi assim que ele escapou de um atentado em Munique em 1923 — acrescentou Gomel.

— Mas preciso matá-lo a qualquer preço! Vocês não têm ideia do perigo que esse homem representa! Acreditem em mim, se não intervirmos, ele vai iniciar uma guerra, acabar com a Europa e causar dezenas de milhões de mortes.

O grupo ficou chocado com aquela previsão terrível.

— Como você sabe disso? — perguntou Tilmann, incrédulo.

Elias hesitou, e depois de um tempo declarou:

— Peço que vocês acreditem em mim de boa-fé! Von Papen e Hindenburg acham que conseguem controlar Hitler, mas em breve vão perceber que ninguém é capaz de controlar esse homem. É ele quem vai dominá-los. Vai tomar conta da polícia, do Exército, da Alemanha inteira. Tudo, ele vai conseguir tudo, até mesmo controlar as pessoas! Ele tem o espírito de um demônio como poucos que a humanidade já viu. Vocês precisam me ajudar a encontrar um jeito de...

— Mas ele não tem a maioria no parlamento — objetou Kepler, hesitante.

— Acredite em mim, ele vai dar um jeito. Depois, utilizará o medo de um golpe de Estado comunista para conseguir poder absoluto.

— Está feito — murmurou Gomel. — O decreto acaba de ser assinado... Ele já tem plenos poderes.

As expressões dos companheiros ficaram paralisadas: lá no fundo, Gomel, Hilghe e Vassourinha sabiam que Elias dizia a verdade. A situação do Exército Vermelho era desastrosa. Hitler ia proibir a existência de partidos políticos, dissolver os sindicatos, exterminar a oposição, a começar pelos comunistas, e, na realidade, tudo isso já havia se iniciado.

A vagarosa disputa eleitoral e as pauladas na rua tinham escondido durante algum tempo a verdadeira face do problema: tratava-se de uma luta até a morte. E os nazistas estavam prestes a vencer. Em breve, para aquelas pessoas, seria fugir ou morrer.

Tilmann e Kepler, porém, ainda não pareciam convencidos, mas nenhum dos dois ousou falar.

— Sim, é tarde demais — retomou Erik. — Hindenburg está subjugado, Göring foi nomeado ministro do Interior, eles controlam a polícia do Estado, além da SA e das próprias tropas. São quase dois milhões de pessoas.

— Pois é, por isso mesmo a única opção que temos é ir com tudo! É nossa única chance — reforçou Gomel.

— Camaradas, abram os olhos! — protestou Tilmann, por fim. — O Partido e os sociais-democratas ainda são a força majoritária neste país! Pouco importa o que vocês digam, os nazistas se aproveitam de nossa desunião. Precisamos reunir todos os aliados da esquerda.

— E quanto ao Reichstag? As pessoas estão convencidas de que nós estamos por trás do incêndio! O povo nos virou as costas, perdemos apoio e vários camaradas nossos caíram ou foram detidos. Quanto tempo mais vamos conseguir aguentar? — interrogou Hilghe.

Todos estavam perplexos, mas tinham o mesmo sentimento da jovem. Era verdade que em Berlim e em outras grandes cidades, de maioria operária, os comunistas ainda podiam causar algum encanto, mas, no Leste, o país já mudara totalmente. Os nazistas dominavam e a oposição já havia perdido batalhas demais para ter esperança de reverter o jogo.

— Só Stalin poderá nos tirar dessa situação — concluiu Tilmann.

— Stalin não fará nada! — objetou Elias. — Em breve ele vai assinar um pacto com Hitler... Se não assassinarmos Hitler agora, seremos todos aniquilados!

Fez-se silêncio.

— Esse homem é totalmente maluco! Vocês não vão acreditar nisso, não é, camaradas? E, aliás, quem é você para insultar o



camarada Stalin? — questionou Tilmann. — A União Soviética jamais nos abandonará. Ninguém sabe o futuro, nem você nem ninguém!

— Sim, concordo com você, Tilmann — confirmou timidamente Kepler, que raras vezes participava dos debates. — O que ele está dizendo é impossível. Stalin nunca faria uma coisa dessas...

Elias não respondeu, em vez disso, encarou Tilmann nos olhos com compaixão. Os outros não disseram nada, o que confirmava o constrangimento deles. Se a ideia de uma traição por parte de Moscou lhes parecia verdadeiramente irrealista, todos, no entanto, achavam que o assassinato de Hitler era uma necessidade absoluta e, em suma, a única opção que tinham. Então, o colosso exasperado falou:

— Gomel, escute bem, você está enlouquecendo! Isso é história para boi dormir. Acreditem no que quiserem, mas vai ser sem mim!

E Tilmann bateu a porta ao sair do cômodo. Kepler o seguira de perto, parecendo desolado.

Deixaram um silêncio pesado pairar na sala. Só quatro permaneciam: Elias, Gomel, Hilghe e Vassourinha. Os partidários não fizeram qualquer comentário sobre a saída dos camaradas, pois uma espécie de pressentimento os mantinha ali: não, aquele Elias não era louco.

— Diga-nos de onde você vem, Elias — pediu Gomel.

— Vou contar tudo a vocês — respondeu o velho —, mas vamos precisar de um tempo.

## 39

Tom também conseguira escapar de seus perseguidores, mas continuava em perigo.

Na realidade, durante todo o tempo em Braunau, o menino seguira o velho Ein em suas descobertas. Ele encontrara o esconderijo logo nos primeiros dias: Tom era uma criança observadora e Elias tinha sido descuidado.

O garoto não levava muito tempo para conseguir abrir a porta do quarto azul. Tivera a ideia de deslizar um jornal por debaixo da porta, fazendo a chave cair sobre a publicação ao empurrá-la com cuidado pelo buraco da fechadura.

Thomas seguira, portanto, o mesmo caminho que o velho até ali, tomando cuidado para que não o vissem.

Além disso, as ausências do velho haviam lhe dado tempo suficiente para entender o funcionamento do Livro e se familiarizar com ele.

Thomas descobrira assim que cada um dos exemplares daquele grande arquivo era, de certa forma, uma porta, e que cada uma daquelas portas podia ou não levar ao mesmo local. Elas conduziam o viajante exatamente para onde o Livro queria. Como uma mão invisível, o exemplar orquestrava tudo, decidia tudo.

---

Já era quase noite e o menino estava abandonado no frio do inverno de 1933.

Furtou habilmente uma bolsa de couro em uma loja de Berlim. Colocou-a a tiracolo, guardou o Livro que o levava até ali e pôs o de

Elias debaixo do braço.

A presença dos dois exemplares o tranquilizava, ainda que o fizessem andar mais devagar.

Naquele momento, Tom quis parar, voltar para casa, mas não imaginava retornar sozinho: tinha que encontrar Elias.

Porém, a situação não estava mais sob controle. Os dois arriscavam a vida ali e a Berlim dos anos 1930 era muito mais ameaçadora do que a Braunau de onde vinham. O ar era glacial e hostil. Anoitecia depressa e ele não fazia a menor ideia de onde Elias se refugiara. Precisava encontrar um lugar para passar a noite. Mas onde?

Depois de vagar pelas ruas, ele seguiu para um pequeno albergue no centro, pretendendo escapar dali logo que amanhecesse. O estabelecimento era de estilo tipicamente bávaro. No entanto, o mais importante era o fato de ser muito bem aquecido. Ele empurrou a porta e seu corpo inteiro estremeceu ao receber um pouco de calor. A lareira crepitava no pequeno hall que servia de área para fumantes. Alguns clientes passavam o tempo fumando ou lendo o jornal, sentados em sofás de couro gastos.

Tom se apresentou à proprietária.

— Boa noite, senhora, ainda tem algum quarto para esta noite?

— Você é muito novo para dormir sozinho num albergue, não?

— perguntou a simpática mulher.

— Minha mãe morreu hoje de manhã em Berlim, então vim de Salzburgo para o enterro — respondeu ele instintivamente.

— Ah, pobre menino! — exclamou ela, perturbada com a notícia. — Entre e fique à vontade...

Ela fez Tom assinar o livro de registro e lhe deu uma pequena chave de metal.

— Número quatro — disse ela, sorrindo. — É o último que resta...

Um dia de cada vez: já era tarde, ele estava cansado, então amanhã daria um jeito de encontrar Elias e colocar tudo em ordem de novo.

Estava anoitecendo e o menino foi logo se deitar, provisoriamente aliviado. Por um instante, folheou as páginas

luminosas do Livro sagrado que brilhavam na escuridão do quarto, como uma criança brinca com sua lanterna debaixo do lençol antes de pegar no sono.

## 40

Seus amigos do Exército Vermelho ficaram incrédulos quando Elias, o Sábio, viajante do tempo, lhes explicou quem era, de onde vinha e como a História se desdobraria.

Mas a precisão com que o velho contava as coisas bastara para imergi-los em certa credulidade. Era, porém, uma revelação absolutamente estarrecedora, que a mente de ateus convictos como eles tinha dificuldade de aceitar.

Exigiram uma prova, exigiram ver o Livro.

Elias relatou o que acontecera na praça algumas horas antes: a SA, o surgimento de Tom. Descreveu rapidamente o menino para que seus amigos pudessem reconhecê-lo. Gomel assentia. Ele tinha visto toda a cena.

— Se o que está dizendo é verdade, então temos que encontrar esse menino e esse Livro de qualquer maneira. Imaginem se caírem nas mãos dos pró-Hitler?! — disse Hilghe.

— Se Hitler colocar as mãos no Livro, vai usá-lo para alcançar seus objetivos — murmurou Vassourinha.

Um silêncio terrível tomou conta da sala. Elias reavaliou a gravidade da situação. Foi tomado por uma angústia profunda: ele falhara totalmente. Não apenas Hitler continuava ileso, como Elias levara Tom na sua loucura. Os dois estavam correndo risco de vida, presos para sempre naquele período funesto da História.

Pior ainda, por sua causa, o Livro de Deus poderia cair nas mãos do demônio! Quais seriam as consequências devastadoras?

Enquanto a noite fria tomava conta da cidade, seus pensamentos se voltaram para Tom. Todo o peso estava sobre seus frágeis ombros de criança. Será que ele conseguira escapar da SA? Será que encontrara um abrigo seguro para si e para o Livro?

Uma fresta para o inferno se abria sob os pés de Elias, o Sábio.

O dia ainda não raiara totalmente, mas Tom já estava pendurado na calha da estalagem, tomando o cuidado de deslizar até o chão da forma mais silenciosa possível.

Colocou o pé na calçada de um pequeno beco e, levantando a gola, afastou-se depressa.

Perambulou por Berlim naquela manhã fresca à procura de uma solução, aquecendo-se com os livros ao lado do corpo.

— Aí está ele! — gritou uma voz do outro lado da rua. Era o marido da proprietária do albergue que o encontrara e chamava a polícia.

Tom fugiu a toda velocidade, mas um homem de uniforme escuro já vinha atrás dele. Alertado pelo barulho, um pequeno grupo de camisas pardas, como eram conhecidos os membros da SA, também saiu atrás do menino. Perto dali, avisaram o oficial que estivera na praça no dia anterior e que não abandonara sua busca.

O menino disparara como uma lebre em meio aos pedestres e às latas de lixo, derrubando tudo no caminho. Ele corria desenfreadamente. Logo percebeu que a SA o seguia de perto e que o homem que o procurava estava à frente deles.

— Não adianta correr, rapazinho! — vociferou o soldado. Depois, gritou para suas tropas: — Separem-se, vamos pegá-lo!

Os nazistas rapidamente estenderam seu alcance pelas ruas adjacentes. Tom mudou de direção numa via estreita. Na outra extremidade da ruela, viu um grupo de homens vestidos como os russos. Vassourinha e Hilghe estavam ali, além de diversos partidários, conversando com Kepler.

— É ele! — berrou Vassourinha. — Tenho certeza de que é o menino do Livro! Temos que ajudá-lo de qualquer maneira! —

Depois gritou para Kepler: — Vá avisar Gomel e Ein imediatamente! Diga a eles que o menino está aqui!

Kepler estava animadíssimo: o velho dissera a verdade. Correu por Berlim feito um louco, entrou no prédio e gritou:

— Venham, encontramos o garoto, a SA está atrás dele. Sigam-me depressa.

Enquanto isso, Tom tentava escapar de seus perseguidores. Correu ao acaso pelas ruas e foi parar numa avenida. Os nazistas tinham dado a volta e o cercavam.

Alguns instantes depois, Elias chegou ao local, precedido por Gomel e Kepler. Hilghe se juntara a eles acompanhada de todos os camaradas do Exército Vermelho.

A vários metros de distância, Tom achou que estava a salvo. Mas, enquanto seguia pelo meio da rua, a SA surgiu atrás dele. Um tiro soou entre os muros. O menino parou bruscamente e se jogou para o lado em seguida, em um pequeno abrigo de metal sinuoso.

Começou um tiroteio entre os partidários do Exército Vermelho e a SA. Os tiros se tornaram um dilúvio de rajadas enquanto os combatentes se escondiam em ambos os lados atrás de barricadas.

Várias balas perfuraram a chapa de metal. Lágrimas brotaram nos cantos dos olhos de Elias quando ele começou a gritar o nome de Tom.

De repente, chutando a parte de metal que o escondia da barricada do Exército Vermelho, o menino apareceu. Elias o viu a aproximadamente quinze metros de distância. Mas eram tantos tiros que Tom não conseguia imaginar um jeito de alcançar seu velho amigo sem correr risco de vida.

— Tom, vá embora! — gritou Elias.

Os tiros faziam um barulho infernal. A criança se levantou e mostrou o Livro a Elias, como se dissesse: “Estou com ele, não se preocupe!”

Uma bala passou de raspão por ele, quase arrancando seu ombro. Outra acabara de derrubar um partidário comunista bem diante de Gomel e do velho.

— Vá embora! — repetiu Elias. — Use o Livro!



Tom fez uma expressão que queria dizer: “Mas e o senhor? Como vai fazer?”

A SA avançara. O abrigo de Tom ruiu sob a violência dos tiros. Uma bala atingiu a chapa, desviando-a para a diagonal. Gomel ficou paralisado. O menino não teria conseguido escapar. Mas, de repente, do lado dos partidários de Elias deu para ver um forte brilho dourado emergir do alto da ruela, vindo do pequeno esconderijo.

Tom tinha desaparecido. Voltara para casa.

— O livro está lá! — gritou Vassourinha, que enxergava tudo do alto, já que estava em cima das caixas de madeira.

— Precisamos recuperá-lo a todo custo — implorou Elias.

— Estamos em menor número do que eles — respondeu Hilghe, mirando o inimigo com o revólver. — Se demorarmos muito vamos todos morrer!

— Estou indo! — disse o velho. — Preciso reparar meus erros!

Elias se preparava para correr quando, de repente, uma grande sombra surgiu atrás deles. Era Tilmann, que voltara para ajudá-los.

O brutamontes olhou Elias nos olhos por um instante, como se quisesse se desculpar por não ter acreditado nele. Então, sem dizer nada, ergueu uma grande tora de madeira maciça, usou-a como escudo e avançou com um passo regular em direção ao inimigo. Tiros nazistas se precipitaram em direção a ele.

Apesar de ter sido atingido diversas vezes, ele continuava avançando na direção da SA, semeando confusão em suas trincheiras. Elias olhou para o colega por um instante: Tilmann não era um herói invencível, só um rapaz que abraçara sua causa e decidira se sacrificar por ela.

Então, feito um sonâmbulo, Elias começou a andar até o Livro. Teria sido um alvo fácil se Tilmann não estivesse ali. Gomel tentou, em vão, chamar o velho de volta, até que, apesar do perigo, acabou seguindo-o.

O confronto estava no auge. Tendo se aproximado alguns metros da SA, Tilmann ergueu seu espesso escudo de madeira acima da cabeça e jogou-o ruidosamente nos atiradores de camisa

parda. Em seguida, desabou, e sua figura maciça desapareceu numa nuvem de poeira.

Transtornados com a coragem dele, seus amigos decidiram imitá-lo enquanto Gomel e Elias já haviam chegado à barricada destruída. O advogado ficou estarecido.

— Esse é o Livro?

— É, é, sim... Não fosse Tom, poderíamos tê-lo perdido para sempre — respondeu Elias.

Então o velho abriu o Livro murmurando alguns salmos.

— O que está fazendo?! — gritou Gomel em meio ao ruído dos tiros constantes.

— Vou terminar minha missão!

Elias já tocara o texto em chamas com os dedos, quando Gomel o segurou subitamente.

— Vou com o senhor! — berrou ele.

Outro halo de luz envolveu os dois homens e inundou a rua enquanto a SA e os partidários se enfrentavam até a morte numa última batalha.

Ao lado de Elias, Gomel foi o primeiro a voltar a si. Não tinha a menor ideia do lugar ou da época em que foram parar. Estava frio, visivelmente ainda era inverno e já anoitecera. Ele não conhecia aquela cidade e o aspecto das carruagens o fazia lembrar os anos 1920.

O advogado acordou Elias sacudindo-o delicadamente. Quando o velho abriu os olhos, deparou com o rosto magro de Gomel.

— Você não deveria ter vindo até aqui — protestou Elias.

— Ah, posso ser útil. Não é exagero ter duas pessoas para fazer o que temos de fazer...

Na realidade, Elias se sentia mais tranquilo com a presença de Gomel. O rapaz tinha a força e a energia que lhe faltavam. E também estava aliviado por não ser mais o único carregando o fardo secreto de seu plano.

Um pequeno folheto vermelho esvoaçando no chão de repente chamou a atenção de Gomel. Estava amassado — como se tivessem pretendido jogá-lo fora —, mas, ao desdobrá-lo, o advogado conseguiu ler as palavras: "*Was uns not tut!*" ou "Aquilo que é mesmo necessário!" "Palestra do Doutor Johannes Dingfelder — Anton Drexler. Juntem-se a nós no dia 24 de fevereiro às 19 horas no salão da Hofbräuhaus." O panfleto era assinado por "DAP".

Elias e Gomel se entreolharam. O Livro os havia colocado no caminho certo outra vez. O DAP, Partido dos Trabalhadores Alemães, era o antecessor do Partido Nazista. Portanto, era bem provável que Hitler estivesse naquela reunião.

Eles estavam em Munique, eram quase 19 horas do dia 24 de fevereiro de 1920.

— Não podemos demorar! — disse Gomel tateando o revólver no bolso interno do casaco.

Elias sentiu um nó no estômago. Será que iriam encontrar Hitler mais uma vez? Será que conseguiriam finalmente se aproximar dele, olhá-lo de igual para igual? Ainda que sua notoriedade já estivesse aumentando nos círculos nacionalistas daquela época em Munique, ele ainda estava longe de se tornar o Führer intocável de fevereiro de 1933.

Foi fácil encontrar a Hofbräuhaus: todos a conheciam. Quando Elias e Gomel chegaram, já havia no mínimo duas mil pessoas em uma sala que comportava apenas metade desse público.

Eles abriram caminho em meio aos membros do partido até alcançarem a lateral do palanque. Mas quem estava na tribuna não era Hitler... e sim o Doutor Dingfelder. O homem fazia um discurso nacionalista bem clássico, e o público escutava calmamente.

Vários comunistas pareciam ter se infiltrado na plateia. Gomel comentou isso com Elias. Porém, enquanto o público olhava fixo para Dingfelder, Elias virou a cabeça, feito um ímã atraído por um intenso campo magnético. A alguns centímetros dele, no escuro, notou a silhueta de um homem inquieto e de postura rígida. Adolf Hitler estava ali.

Elias ficou sem palavras. Observava Hitler pela primeira vez, e viu nele uma paixão verdadeira. Uma perturbadora sinceridade extrema. Elias sentia que, naquele momento, Hitler não fazia a mínima ideia do que iria se tornar. Era um homem inteiramente dedicado à Alemanha, fanático, mas — para além de qualquer pensamento simplista — o velho entendeu também, ao vê-lo, que Hitler acreditava estar do lado do bem.

Elias conseguia perceber isso nele. Era um ser humano, mas sua visão estava totalmente equivocada. Assim como um capitão enganado por seus instrumentos de navegação, ele provocaria um cataclismo humano sem precedentes.

“Poucos homens fazem o mal achando que estão fazendo o mal”, pensou Elias.

Se Gomel tivesse visto Hitler naquele momento, talvez houvesse atirado. Mas Elias ainda estava com um nó na garganta. Seus olhos continuavam fixos no perfil do futuro Führer. Hitler escutava Dingfelder, estava absorto por seu discurso, totalmente

impregnado pela ideia da grandeza alemã que em breve seria recuperada.

Então, o público começou a aplaudir e a aclamar o orador. Elias viu Hitler seguir em frente, passar diante dele, imperturbável, e subir ao palanque.

O alvoroço da plateia ainda era grande quando Hitler se apresentou diante dela. Não falou nada, observando o público com um olhar paciente e frio. Cruzou os braços, fingiu dar uma olhada em suas anotações e fixou novamente os olhos glaciais nos da multidão.

As pessoas ficaram quietas, e Hitler permaneceu em silêncio, o que contribuiu para semear certa apreensão no público. Quando ele finalmente achou que estava na hora, após um longo silêncio, começou a discursar, primeiro com um tom de voz sereno.

Ele falou sobre a Alemanha. Sobre a guerra de 1914. Sobre a vitória roubada. As coisas esquentaram rapidamente. Suas frases adquiriram um tom mais agressivo, diferindo do discurso convencional do antecessor. Como uma maré subindo, suas palavras ficaram cada vez mais cativantes. Sobretudo, ele falava um alemão popular, acessível. Fazia expressões incisivas como facadas. Ele criticou severamente o Tratado de Versalhes, aquele *diktat* imposto pelos Aliados que humilhava o povo alemão. Os signatários eram pessoas covardes, traidores da nação. Atacou os judeus, os aproveitadores, e suas palavras estalavam no ar feito o chicote na pele de um escravo.

— Para a força! — gritou a multidão.

Sob um dilúvio de aclamações, ele detalhou seu programa de vinte e cinco metas: reconstituição de uma grande Alemanha unificada, revogação do Tratado de Versalhes, anulação da cidadania alemã para os judeus, expulsão dos estrangeiros, confisco de todos os “benefícios de guerra”, participação dos funcionários nos benefícios das empresas, criação de um grande Exército nacional, purificação da imprensa controlada pelos estrangeiros e judeus...

O público estava exultante! Hitler, então, concluiu:

— Temos só um lema: o combate. Nada nos desviará de nosso objetivo!

Quando Hitler encerrou o discurso, a sala estremeceu com gritos e aplausos.

Gomel se juntara a Elias na multidão. Ele foi logo segurando o velho pelo braço.

— Vamos dar a volta por aqui — sussurrou o advogado ao ouvido de Elias, indicando uma saída.

Lá fora, a esplanada estava deserta. Os dois homens ficaram ali, em silêncio, com o coração acelerado, sem que nada acontecesse.

Então, alguns membros do partido saíram do prédio, embriagados de cerveja e de palavras. Absortos em sua conversa, passaram diante de Elias e Gomel sem notar a presença deles.

De repente, saiu um grupo maior de homens sombrios. A estatura de Hitler era estranhamente fácil de distinguir.

Gomel pegou o revólver e mirou, escondendo-o sob o casaco enrolado no braço. Elias apoiara a mão na pistola Luger do pai, dentro do bolso do seu sobretudo.

— Agora! — exclamou Gomel entredentes.

O jovem Adolf Hitler e seu grupo passaram pela calçada e atravessaram a rua bem perto dos dois.

Gomel deu alguns passos para se aproximar de seu alvo, mas, quando ia atirar, um homem se jogou em cima deles, gritando:

— *Achtung!*

Com a violência do choque, o revólver escapou das mãos de Gomel e o Livro sagrado caiu na calçada. Em seguida, instaurou-se um caos absoluto. Hitler recuou. Ouviram-se tiros e os membros do partido comunista infiltrados na manifestação logo se juntaram à briga, aumentando a confusão.

A rua se tornou palco de um tumulto terrível. Elias conseguiu fugir de seus agressores e tentou se acalmar. Viu o Livro luminoso mais ao longe nos paralelepípedos e se jogou em cima do exemplar...

Abaixou-se para pegá-lo. Enquanto a briga se desenrolava, notou que um homem o encarava ao se afastar. Era Hitler.

Elias apertou com força o cabo do revólver e se levantou. Era chegada a hora, tinha que acabar com aquilo! Hitler gritou. Um tiro foi disparado.

O velho se aproximou de sua vítima caída no chão. Os membros da extrema direita ficaram paralisados de medo. Seu líder acabara de ser atingido.

Elias ainda teve tempo de se aproximar de Hitler. Como ele ainda respirava, o velho apontou a arma para a cabeça dele e fechou os olhos.

Um segundo tiro foi disparado. Adolf Hitler finalmente deixava aquele mundo. Em 1920, e de uma vez por todas.



Encolhido na biblioteca em Braunau, Tom saiu de seu torpor.

Tudo retornou à sua memória. Ele agradeceu aos Céus por estar de volta. Pensou em Elias, que ele deixara lá, em meio à confusão.

Então sentiu uma forte dor na perna: estava sangrando, havia um grande corte em sua coxa.

Levantou-se com dificuldade e avistou um dos exemplares do Livro aberto. Como se quisesse pôr fim a um pesadelo ou talvez impedir seus agressores de encontrá-lo, ele o fechou bruscamente. Depois Tom contemplou, mais uma vez, aquele cômodo majestoso.

Foi para o andar de cima cuidar de seu machucado. Saiu do quarto azul e seguiu pela velha escadaria em direção ao banheiro. O menino limpou o corte e enrolou gaze na ferida, e então ouviu um barulho de vidro se espatifando.

Olhou para o hall, mas não notou nada suspeito.

Entrou na cozinha e viu uma sombra passando atrás da porta de vidro. Seu coração acelerou. Ele não estava sozinho...

## 45

Depois do disparo, Elias foi espancado e arrastado por um turbilhão de violência e insulto, mas não perdeu a consciência. Apitos soaram e a briga arrefeceu, pelo menos o suficiente para que, a alguns metros dali, ele conseguisse ver o corpo ferido de Gomel.

Elias conseguiu se arrastar até o amigo. Gomel estava morrendo. Duas facadas haviam rasgado seu peito. Os dois homens não trocaram nenhuma palavra, apenas um olhar cheio de gratidão recíproca e profunda.

Antes de fechar os olhos, Gomel compreendeu que haviam concluído sua missão, que ele podia partir em paz.

A lágrima que escorreu da bochecha de Elias, o Sábio, encerrou seu percurso no rosto sem vida do jovem combatente, pouco antes da polícia de Munique prender o velho.

Quando os oficiais o levaram, a mente de Elias já estava distante. Hitler tinha acabado de ser assassinado, apagado, anulado da História.

Que importância tinha o que lhe aconteceria agora, afinal? Nada mais importava. Gomel não morreria em vão. Eles haviam cumprido a vontade do Livro, a vontade de Deus.

Mas, enquanto a multidão se dispersava, um agente avistou um objeto abandonado no chão úmido. O que aquele livro estava fazendo num lugar desses?

Thomas reconhecera imediatamente o vulto atrás da porta de vidro: era Böser, impossível confundi-lo.

Alguns dias antes, "o Arcanjo" telefonara para o prefeito para admitir que perdera o rastro do menino. Havia procurado em todos os lugares, sem sucesso. Riefenstahl ficara exasperado. Não queria deixar Marika sair por aí antes que Böser pegasse aquele jovem vagabundo.

Então, o chefe de polícia teve uma ideia. Propôs que o prefeito deixasse a filha passear livremente. Ele a seguiria com toda a discrição e, mais cedo ou mais tarde, ela o levaria direto ao esconderijo de Tom.

Riefenstahl aceitou, e a menina achou que sua vida poderia, enfim, voltar ao normal.

Em liberdade, Marika ficou atenta. Mas, exatamente como Böser previra, sua vigilância logo diminuiu e ela parou de ser tão cuidadosa.

Na tarde seguinte, lembrando-se das palavras de Tom durante aquela fatídica noite, ela foi até a casa de Elias e bateu à porta. Na mesma tarde, Tom tinha acabado de voltar de sua expedição em Berlim.

O céu finalmente estava límpido e a casa parecia desocupada havia vários dias.

Ninguém abriu a porta para Marika, mas ela estremeceu quando viu Böser ao longe no reflexo do vidro, espiando-a de dentro da viatura. A menina não demonstrou qualquer emoção e decidiu voltar por onde viera para não atijar ainda mais a curiosidade do "Arcanjo".

Porém, agora era inútil. Böser procurara Tom em toda parte, exceto ali! Tinha ficado óbvio. O menino certamente se refugiara na

casa do velho. Por que ele não pensara nisso antes?

Enquanto Marika fazia seu caminho de volta, ela se virou e ficou preocupada ao notar que não estava mais sendo seguida. Uma perturbação latente tomou conta dela. Böser devia estar examinando mais de perto a casa do velho.

O menino olhou discretamente pela janela e notou algo que o fez recuar: depois de quebrar o vidro, o intruso enfiara a mão na abertura e estava entrando na casa. Tom foi logo se esconder atrás da porta da cozinha. Silenciosamente, o homem pegou seu revólver. O álibi de arrombamento era perfeito para explicar um erro da polícia. Então ele seguiu pelo hall e foi andando devagar até a sala.

Böser deu uma olhada na pequena biblioteca e no tabuleiro de xadrez de mármore e ébano. Avistou também a caixinha de música de Elias, porém, o mais importante foi que reconheceu o casaco de Tom pendurado na parede. Mais uma vez, acertara em cheio.

Alguns dias antes, o chefe da polícia se livrara de Fuchs sob o pretexto de que estava em uma missão especial e, por isso, precisava agir sozinho. A oposição entre os dois homens chegara ao ápice. "O Arcanjo" conseguira total liberdade para fazer o que quisesse.

Entrou na cozinha. Tom observava, sem piscar, atrás da porta. O homem vasculhou o recinto com o olhar e verificou debaixo dos móveis. Depois explorou metodicamente os outros cômodos.

O rosto de Tom ficou pálido: ele se esquecera de fechar o alçapão do quarto azul ao sair.

E aconteceu o esperado. No mezanino, Böser empurrou a porta do quartinho e descobriu a passagem. Thomas o seguia a uma boa distância. O menino viu "o Arcanjo" se esgueirar pela abertura e descer a escada de pedra.

O fato de aquele homem maligno ter entrado no lugar sagrado já era o suficiente para aterrorizar Tom. Entre os corredores e as colunatas, o policial ficou estupefato diante da grandeza inesperada do local. Mas o medo do menino logo deu lugar à raiva, a uma

vontade de acabar com aquilo. Continuou a segui-lo, prendendo a respiração.

“Ele não pode de jeito nenhum descobrir o segredo do Livro”, pensou Tom.

Precisava tentar alguma coisa, de qualquer maneira...

Sentado no escuro, Elias oscilava entre sonho e realidade.

Sua mente começou a vagar. Ele se deixou levar, imaginando o que seria do mundo.

Imagens de cores vivas passaram diante de seus olhos, imagens de crianças, brincadeiras e gargalhadas. Hitler fora a condição necessária para o surgimento do nazismo. Claro que eliminá-lo não bastaria para tornar o mundo perfeito. Ainda faltava muito para isso.

Mas Elias estava convencido de que o processo de industrialização do genocídio orquestrado pelo Partido Nazista só fora humanamente possível sob o impulso daquela personalidade fanática.

Sem Hitler, o mundo conheceria, sem dúvida, outros massacres. Os judeus teriam que passar por outros *pogroms*, no Leste Europeu e em demais lugares. Vivenciariam outras aflições, outros afastamentos, outros guetos.

Mas, sem Hitler, tudo não passaria de um ódio disparatado, incapaz de produzir aquele Leviatã moral que fora a invenção da morte, em escala industrial, de um povo inteiro e de categorias da população consideradas indignas da vida.

“A Segunda Guerra Mundial vai acontecer”, pensou ele.

O sentimento de humilhação provocado pelo Tratado de Versalhes era um dado histórico insuperável, com ou sem Hitler. Por isso, uma nova guerra parecia inevitável.

A queda da República de Weimar, ou seu desvio autocrático, provavelmente também era uma consequência lógica do processo histórico. Sem dúvida, a Alemanha ia reafirmar sua independência em relação ao *diktat* que resultara da Primeira Guerra e, mais cedo ou mais tarde, exigir de volta a anexação da Renânia.

“Havia também a pressão da ideologia comunista”, pensou Elias. Será que sem o NSDAP a Alemanha sucumbiria ao bolchevismo, transformando a História da segunda metade do século XX em um conflito direto entre os blocos?

Quem poderia dizer o que aconteceria, além do próprio Deus? Elias ficou ali prevendo todos os cenários possíveis. Era como tentar imaginar o progresso de uma partida de xadrez. O sacrifício necessário que uma torre fazia para pegar um bispo... era exatamente isso.

Antecipar, prever várias jogadas à frente.

Independentemente de quais fossem as combinações que era capaz de imaginar, Elias sorria, pois todos os rumos que a História expurgada seguiria dali em diante com certeza seriam melhores do que o inicialmente tomado pelo mundo.

Elias especulava sobre um desdobramento diferente das três grandes décadas de crescimento significativo que o Ocidente vivera de 1945 a 1973. Ele imaginava outra relação entre o Norte e o Sul. Imaginava que a questão do Oriente Médio seria alterada de forma radical.

Sem o Holocausto, o destino da ideia sionista seria completamente diferente. É provável que não fosse criado um Estado judaico na Palestina.

Elias tentava prever o percurso do mundo recomposto à luz do seu ato, como se fosse uma espiral de DNA consertada, que se livrou de uma indesejada mutação cancerígena. Um DNA corrigido por um agente que trabalhava sozinho pelo bem comum.

Aqueles que haviam perdido a fé em Deus poderiam recuperá-la. Aliás, talvez fosse isso que Ele buscava.

O barulho de um gotejar dispersou Elias de seus pensamentos. Algo respingava no chão da cela. Pelo cheiro, ele percebeu que não era água. As paredes daquela terrível prisão eram decrépitas, as tubulações não funcionavam. Dignidade não era admissível ali.

Aqueles muros cheios de mofo exalavam miséria. Para escapar, Elias se refugiou em seus pensamentos. Imaginava com alegria o novo destino próspero e abundante de sua família.



Graças ao seu ato, finalmente tinha realizado o último desejo do pai: salvara o sobrenome deles da extinção. E o acaso ou a necessidade quiseram que aquele milagre fosse realizado pelo cano de sua própria arma... Aquela linhagem orgulhosa e repleta de talentos tão diversos poderia talvez encontrar de novo um lugar no Livro da Vida.

Os dedos de Elias se moveram novamente na penumbra, mas, pela primeira vez, ele reconheceu a música que sua mão tocava em silêncio havia tantos anos: era a da caixinha de música. E a mão que se movia em sua memória desde a infância era a do pai que imitava as notas, sentado perto dele na Ópera.

Sozinho em sua cela sórdida, Elias sorriu. Ninguém no mundo poderia lhe tirar aquilo. Sua memória estava se reconciliando consigo mesma.

Apaziguado, ele tentou, enfim, visualizar os rostos dos filhos de seus avós desaparecidos havia tanto tempo, e os dos filhos desses filhos, seus primos. Naquele mundo reparado, Elias encontraria uma família. Daria tudo para ver o resultado daqueles incríveis prodígios antes de morrer.

Um barulho de trinco soou dentro da cela.

Escondido atrás de uma das colunas do grande cômodo, Tom vigiava o intruso. Alguns minutos se passaram e “o Arcanjo” se aproximou perigosamente dos corredores do Livro. Ele se preparava para abrir um exemplar.

Lentamente, o menino pegou uma cadeira de madeira e tentou derrubar o adulto. Mas, com perspicácia e agilidade surpreendentes, Böser se virou e segurou a cadeira com firmeza. Sua arma caiu no chão e Tom, movido por um reflexo de sobrevivência, se apoderou dela.

Thomas mirou em Böser, mas o homem conseguiu desarmá-lo com um chute, fazendo o revólver sair voando até a outra extremidade do cômodo. “O Arcanjo” se aprumou. Ele era um homem enorme. Os dois adversários começaram uma luta mortal, com uma agressividade assustadora.

Mas o combate era injusto. Böser tirou um enorme prego da bota. Tom, se movimentando com dificuldade, quase foi atingido várias vezes. Os livros pareciam assistir, impassíveis, à cena que se desenrolava diante deles.

Era óbvio que o menino estava em desvantagem. Tentou fugir, despistando Böser pelos meandros dos corredores circulares. O policial, divertindo-se, o seguia de perto.

— Vamos lá, pequeno Thomas, comporte-se. Venha... Garanto que não vou machucar você.

Enquanto tentava chegar na grande escada, Tom tropeçou no momento em que “o Arcanjo” conseguiu agarrá-lo. O homem o imobilizou no chão, perto de um lampião a óleo, e torceu seu braço, evidentemente querendo machucá-lo tanto quanto podia.

Böser não disfarçava sua satisfação com aquele combate corpo a corpo. Seus olhos tinham um brilho doentio. Aquilo já não

correspondia mais à ordem de Riefenstahl, ele agia daquela forma para o próprio prazer.

Encostou seu prego na artéria carótida do jovem adversário.

— Agora você vai me dizer para o que servem esses Livros!

Com a pressão da ponta, algumas gotas de sangue escorreram pelo pescoço de Tom, que entrou em pânico.

— Ou conta ou mando você para o além, com o seu amigo antiquário...

Como Tom permaneceu calado, “o Arcanjo” amarrou-o na cadeira.

O menino continuava sem dizer nada. O homem começou a torturá-lo, rasgando sua pele com o prego. Ele estava tão animado que parecia transfigurado. Sua expressão delirante fez a criança temer o pior.

Então, o órfão revelou a natureza secreta do Livro.

— Quando tocamos as letras luminosas, somos transportados para outro lugar. Elas têm o poder de nos fazer viajar, para onde quiserem — murmurou Thomas.

Perplexo e encantado, o homem quis ver aquilo com os próprios olhos. Abriu o Livro, examinou as páginas, mas não apareceu luz alguma. O texto não acendia. Ele se aproximou e pôs a mão na página. Nada aconteceu.

— Que baboseira é essa? Isso aqui não tem poder algum!

Irritado, Böser pegou seu prego, decidido a acabar com aquilo.

Tom gritou:

— Espere! Não, o senhor vai ver. Dê o Livro para mim...

## 50

O Livro se iluminou. Böser arregalou os olhos. O menino não estava mentindo, aquele texto era extraordinário. O homem nem sequer reparou no pequeno vulto que se esgueirava atrás dele.

Era Marika. Ao notar que o policial parara de segui-la, ela se dera conta de que ele passaria a ficar inteiramente interessado na casa de Elias, que procuraria ali alguma pista de Tom. Por isso, a menina dera meia-volta e chegara a ver Böser invadindo a casa. Ela o seguira, constatando, apavorada, que Thomas estava muito perto. Tentar avisar o amigo da presença de Böser poderia colocar tudo a perder.

Ela os deixou ir na frente e depois, descendo também pelo alçapão, ficou maravilhada ao descobrir o incrível segredo do velho Elias e daquela casa.

Marika esperou para agir: ela não podia errar.

Enquanto Böser se curvava sobre Tom, que se encontrava amarrado e aos prantos, ela atingiu o policial nas costas com toda a sua força, usando como arma o lampião a óleo que soltara de uma viga.

O vidro do lampião se espatifou na cabeça de Böser, deixando-o coberto de querosene, mas nada aconteceu. "O Arcanjo" se virou lentamente para a menina, encarando-a nos olhos com uma expressão apavorante.

Nesse momento, em uma fração de segundo, o querosene pegou fogo.

Virando uma tocha humana, Böser gritou como se estivesse possuído e, sob o efeito da dor, derrubou tudo que encontrava pelo caminho.

As paredes com os livros ruíram sob os golpes violentos do homem enraivecido e seus gritos ressoaram horrivelmente nos

quatro cantos do cômodo. Uma grande seção da biblioteca desmoronou em cima dele.

Tom tentou conter o incêndio para salvar o Livro Secreto, mas, por uma estranha razão, os exemplares se inflamaram internamente. Em alguns minutos, sob o olhar desesperado das duas crianças, a sala inteira virou uma labareda, deixando o local irrespirável...

O corpo do policial foi consumido pelo fogo. Mas também era tarde demais para a biblioteca. O lugar estava condenado e o Livro desapareceria. Ninguém podia fazer nada.

Então, dando-se as mãos para ganhar coragem, Tom e Marika abriram caminho pelas chamas em direção à escada. Após uma corrida desenfreada, conseguiram sair daquele inferno.

Finalmente chegaram ao quarto azul. Quando fecharam o alçapão ao sair, se lançaram nos braços um do outro, chorando.

As crianças já tinham se afastado quando a fumaça do incêndio ficou visível da rua. As irmãs Schiller, que moravam ali perto, deram o alerta. Os bombeiros da cidade e a polícia chegaram ao local pouco depois.

Apesar da nuvem espessa que se espalhara pelo bairro inteiro, o incêndio se concentrara no subsolo e logo fora contido. A biblioteca tinha sido inteiramente reduzida a cinzas, mas o restante da casa, a não ser pela desordem causada pela intervenção, não sofrera grandes danos.

Elias não foi encontrado e a polícia não encontrou nenhuma testemunha para interrogar.

Temendo um escândalo que envolvesse seu nome e o da filha, Teodor Riefenstahl usou mais uma vez sua influência: iriam abreviar a investigação sobre o cadáver calcinado de Hermann Böser e concluir rapidamente que se tratara de um incêndio acidental ocorrido durante uma patrulha de rotina.

Thomas acompanhou Marika pela cidade lúgubre até o portão de ferro forjado da casa de seus pais. Os dois ainda estavam abalados com o que tinham acabado de vivenciar e prometeram guardar segredo.

— Também vou voltar para casa agora — disse Tom. — Pelo menos não precisamos mais ter medo de Böser...

Então Thomas retornou para seu esconderijo abandonado.

No caminho de volta, todos os seus pensamentos se direcionaram para Elias, o Sábio. Onde ele poderia estar? À sua maneira, guiado por uma intuição de perigo, Tom rezou para que o velho se salvasse.

# 51

Após alguns dias na prisão, a polícia anunciou que Elias seria julgado pelo assassinato de Adolf Hitler. A perícia médica concluía não haver qualquer indício de irresponsabilidade penal de sua parte: devido ao seu gesto, ele seria condenado à pena de morte por enforcamento.

Elias informara aos juízes que não queria a assistência de um advogado e preferia se defender sozinho. Mas, na realidade, o velho acompanhava muito de longe os acontecimentos, como se já não pertencesse àquele universo.

Apesar de tudo, o Ministério Público tentou impor a indicação de um advogado. Elias, no entanto, se revoltou e recusou a defesa. Desejava responder sozinho à Justiça daquele tempo. Queria dirigir a palavra ao mundo uma última vez.

O advogado indicado, Doutor Egon Apfelmann, era jovem e entusiasmado. Elias se recusava obstinadamente a recorrer à sua ajuda e Apfelmann estava desolado. No entanto, passara muito tempo estudando o caso e tentando convencer seu cliente refratário.

De vez em quando, na solidão de sua cela, Elias, o Sábio, inventava partidas de xadrez contra si mesmo, assim como o pequeno Sof fazia antigamente, no gueto.

Será que a morte prematura de Hitler mudaria alguma coisa para ele? Elias estava convencido de que sim. Ele esperava que o jovem Sof se tornasse, quem sabe, um mestre do xadrez, um jovem e tranquilo pai de família, cercado pelo amor de seus filhos.

Apfelmann, decididamente tenaz, ia visitá-lo com frequência. Elias corria risco de morte e sabia disso. Mas o advogado já não tinha qualquer esperança real de fazê-lo mudar de ideia. Na

verdade, ia até lá mais para aprender com Elias: queria entender, aquecer-se à chama de sua sabedoria.

Na véspera do julgamento, Apfelmann fez, com nervosismo, uma pergunta pessoal a Elias:

— O senhor não tem medo de morrer?

Elias ergueu os olhos para o jovem advogado. Um sorriso repleto de bondade se formou em seus lábios e, em voz baixa, ele sussurrou:

— O senhor teve medo de nascer? — Diante do silêncio abalado de seu interlocutor, o velho continuou: — Veja bem, Doutor, sei que vou morrer em breve. É a ordem natural das coisas. A morte e a vida estão ligadas, são as duas portas que delimitam nosso caminho.



Um homem observava o mundo, do alto de um penhasco intransponível, ao amanhecer.

De repente, o sujeito percebeu que alguém se esgueirara atrás dele. Um misterioso desconhecido empunhava uma faca às suas costas.

O estranho levou a vítima até a beira do penhasco, de frente para o nada.

— Vou contar até três... — sussurrou ao seu ouvido. — E você vai voar.

A princípio, o homem encurralado quis revoltar-se, em vão.

Depois pensou na morte terrível que o aguardava sob o penhasco.

Mas, quando estava prestes a cair, duas asas imensas e magníficas se abriram nas costas do refém.

Ele voou como um anjo majestoso, feito um personagem transfigurado dos quadros de Ticiano.

Flutuando, voltou-se para olhar pela última vez a beira do penhasco, no lugar exato onde alçara voo: não havia ninguém ali.

Foi então que, em sua cela, Elias acordou do sonho que assombrava suas noites.

Já fazia vários dias que Elias, o Sábio, estava preso naquele mundo que não era seu. O que estaria acontecendo em sua casa em Braunau?

Respeitando a vontade de Elias, o Doutor Apfelmann estivera presente na audiência no banco do réu, sem intervir. O velho entrou no tribunal cercado por dois guardas, ambos uns bons quinze centímetros mais altos do que ele. Enquanto o procurador recitava solenemente para o tribunal as acusações contra Elias Ein, nascido de mãe e pai desconhecidos, em uma data desconhecida, de nacionalidade alegadamente austríaca, o velho observava os mínimos detalhes do local.

Seu olhar se detinha em coisas aparentemente banais: as paredes, os móveis, a roupa dos oficiais de justiça... Aqueles dias de solidão e penumbra pareciam tê-lo tornado totalmente ausente.

Ele pensava naquele sonho perturbador. Seu significado parecia claro. Elias tinha que se distanciar do mundo, aprender a não temer a morte.

Porém, durante toda a sua vida, Elias tentara apreender a ideia da morte. Mas, como se aproximava dela, ele precisava admitir que, apesar de todos os fatos extraordinários que pudera testemunhar nas últimas semanas, sentia, lá no fundo, mais medo do que nunca...

Os guardas forçaram o velho a sentar-se no banco dos réus. Ao virar a cabeça, ele viu Apfelmann esboçando um aceno tímido.

O restante dos presentes era quase inteiramente hostil ao assassino do jovem líder ultranacionalista. Em seu íntimo, Elias sorriu ao pensar que seria julgado por tantos sujeitos incrédulos, sendo que havia salvado a vida, bem mais que a vida, na verdade, de todos eles.

Mas ele tinha consciência de ser o único capaz de medir o impacto histórico e moral de seu gesto. Inclusive estava disposto a pagar o preço dessa ironia diante daquele tribunal moralista, se essa fosse a vontade do Criador.

— Eles nunca saberão! — disse Elias a si mesmo. — E, na realidade, lutei para que nunca precisassem saber.

O escrivão se inclinou para o lado, deixando à mostra uma mesinha cheia de documentos e provas.

O coração de Elias se sobressaltou. Ele tinha acabado de notar, em cima da mesa, ao lado de outros pertences seus, o volume perdido do Grande Livro. Estava ali. Como se o esperasse para voltar.

Elias se ajeitou na cadeira para observar melhor o objeto. Sim, era aquilo mesmo. O Livro não reluzia, nada fomentava suspeitas sobre o seu caráter divino. Ele agradeceu aos Céus.

A esperança de sair daquele pesadelo se tornou menos inacessível e, sem pensar, o velho se levantou para percorrer os poucos metros que o separavam da obra. Os presentes se agitaram ao ver o réu se erguer e Elias foi levado de volta ao seu lugar *manu militari* pelos dois homens que o cercavam.

O juiz conversava com o procurador e não notou o que aconteceu. Diante do tumulto suscitado pelo incidente, ele bateu duas vezes na mesa com o martelo, pedindo para que o público parasse de atrapalhar a sessão.

Elias ficou aflito: a porta de saída estava muito próxima, mas não conseguia alcançá-la. Será que Deus estava brincando com ele?

Será que o Senhor pretendia entregá-lo ao julgamento dos homens? Mais do que nunca, seu destino estava nas mãos Dele...

Elias fechou os olhos um instante para se concentrar. Estava exausto. Pedia que o Criador lhe mostrasse uma saída, qualquer que fosse.

Na plateia, apenas um homem realmente notou a agitação do velho, e foi o Doutor Apfelmann.

Durante todo aquele tempo, o procurador seguia com um fluxo interminável de acusações inaudíveis. Mas Elias não prestava atenção.

Então, uma pergunta direcionada a ele emergiu do caos:

— Herr Elias Ein, é esse mesmo o seu nome?

— Sim, esse é meu nome — balbuciou o velho após um longo silêncio.

— Herr Ein, o senhor se declara culpado ou inocente das acusações que recebeu?

Elias observou o juiz. Sua toga era vermelha: como ele, a vestimenta clamava por sangue. Para aquele homem não havia a menor dúvida: um judeu errante arruinara o futuro político da Alemanha. Evidentemente, Elias não podia esperar qualquer gratidão nem compreensão de todas aquelas pessoas por tê-las salvado de tamanho mal.

— Eu me declaro culpado, Excelência — afirmou Elias, levantando-se, para surpresa de todos. — Matei Adolf Hitler! — gritou. O alvoroço aumentou. — Vocês ignoram tudo o que poderia ter acontecido, ignoram tudo o que teria ocorrido por causa dele, o abismo em direção ao qual ele conduzia a Alemanha e o mundo! — exclamou Elias.

As reprovações do público se multiplicaram. O juiz interveio, mas teve dificuldade em restabelecer o silêncio.

— Réu, sente-se!

Elias ignorou a ordem e disse em voz alta com ares de profecia:

— Aceitei ser culpado diante de todos vocês! Aceitei endossar esse castigo por *vocês*! Se sou culpado de alguma coisa é de ter lhes devolvido a inocência diante da História. De tê-los tornado inocentes diante do mundo e de Deus, das atrocidades que aquele tirano cometera em nome de vocês!

Elias voltou para o isolamento da prisão. Poucos dias haviam passado desde a audiência. O pobre homem rezava constantemente para que Deus o libertasse.

No lado de fora, hordas de membros do Partido e simpatizantes nacionalistas se manifestavam. O processo desencadeara uma verdadeira crise política na Alemanha.

Em frente ao Tribunal, os Vermelhos e os moderados que estavam do lado de Elias se desesperavam, pois queriam ser ouvidos. Eles entoavam sua gratidão e elaboravam planos de uma impossível libertação.

Era noite, uma hora incomum, observou Elias consigo mesmo, quando o guarda anunciou pela abertura da porta de sua cela que ele tinha visita.

Ao entrar aquela noite no pequeno cômodo úmido, o Doutor Apfelmann parecia particularmente nervoso e havia gotículas de suor em sua testa. De uma só vez, ele falou:

— Herr Ein, o senhor não quis minha ajuda enquanto advogado... Mas eu queria declarar minha amizade, apesar do acontecimento que torna o senhor um criminoso. Peço pela última vez que me deixe lhe ser útil.

O coração de Apfelmann batia acelerado. Ele estava escondendo alguma coisa.

— Doutor — respondeu Elias observando-o com compaixão —, o senhor teve uma enorme paciência comigo. Mas, repito, não há nada que possa fazer para me ajudar...

— Mesmo lhe entregando isso? — interrompeu Apfelmann.

E ele tirou de sua maleta o volume perdido do Livro sagrado.

— No dia da audiência, notei quando o senhor viu o Livro na mesa do escrivão. Parecia algo muito importante para o senhor,

então furtei-o essa tarde do escritório do magistrado! Acho que ninguém vai perceber até amanhã de manhã. Tive que ser rápido e subornar alguns guardas para que não fizessem perguntas. — Um pouco sonhador, Apfelmann observou por um instante o Livro que segurava cuidadosamente nas mãos. Após alguns segundos, ele continuou: — Tentei ler, mas é incompreensível para mim...

O advogado arriscara a vida por ele, mas Elias já não prestava atenção no que o homem dizia, pois também estava com o olhar fixo no Livro. Todo o seu ser recuperou a esperança e, diante daquele silêncio, o advogado se calou.

Então, lentamente, Elias se dirigiu a ele nesses termos:

— Foi Ele quem enviou o senhor. Obrigado, Herr Apfelmann, o senhor é o sábio que redime essa época.

Elias contemplou a capa da obra: não estava brilhando. Em seguida, colocou carinhosamente a mão no ombro do homem, em sinal de amizade, e disse:

— Meu amigo, eu nunca serei suficientemente grato.

O advogado entregou o Livro a Elias, e o objeto logo começou a emanar o calor delicado que o velho conhecia. Por um instante, Elias pensou em revelar seu segredo ao sujeito. Depois mudou de ideia. Para quê?

O velho deixou delicadamente o Livro no chão, ao seu lado.

— O senhor não vai abrir? — perguntou Apfelmann.

— Agora não — respondeu Elias.

— Parecia algo tão importante para o senhor...

— E é, caro Doutor. Este Livro é o bem mais precioso que há no mundo.

— Verdade? Talvez seja por isso que a polícia ficou tão interessada. Só o colocaram no dossiê recentemente.

A porta da cela rangeu e a silhueta robusta do guarda apareceu na luz. O homem espiou o interior do recinto.

— Preciso falar com o senhor — disse o carcereiro ao advogado, fazendo sinal para que ele se aproximasse.

Apfelmann se juntou ao homem na porta.

— Não pode demorar, Doutor — sussurrou o guarda. — Teoricamente, não tem direito de estar aqui a essa hora. Meu

colega e eu podemos ser punidos. E se alguém vir o senhor aqui com o detento... Não queremos problemas, entende?

— Não se preocupe — respondeu Apfelmann, disfarçando seu nervosismo. — Está tudo muito bem! Vou terminar em breve. Chamo você em um instante.

Resmungando, o oficial trancou a porta.

Ao se virar para o fundo da cela, o advogado foi surpreendido por um imenso clarão de luz dourada. Ouviu um “obrigado” ecoar delicadamente no recinto. O Livro se fechava. Elias tinha ido embora.

## **FIM**

Elias acordou com o corpo todo dolorido. Estava sentado na sala de casa, diante do velho tabuleiro de xadrez de Sof. Um cachorro latia no pátio. Elias estava sujo e não fazia a barba havia dias. Mas o pesadelo acabara e, tendo concluído sua missão, ele finalmente sentiu um grande alívio.

Ficou surpreso com o cheiro de queimado, e também por encontrar a casa em tamanha desordem. Claro que Frau Polster deixara de trabalhar lá e ele estivera ausente durante algum tempo. Mas, com exceção desses inconvenientes, a residência estava intacta e ele supôs que o odor viesse do lado de fora.

Abriu a janela, o céu tinha um tom exuberante de azul. O dia estava magnífico. Ao longe, na estrada, crianças brincavam com uma bola vermelha.

Os belos dias voltavam e com eles seu cortejo de renascimentos. Elias, o Sábio, estava com o coração leve, pois, a seu ver, o mundo recuperara a harmonia.

Na mesa retangular da sala, ele deu uma última olhada no tabuleiro de mármore e ébano.

O espetáculo daquele mundo reparado, enfim em paz consigo mesmo, o reconfortou a ponto de livrá-lo dos seus antigos pesares. Ele estava pronto, durante o tempo de vida que lhe restava, para amar aquela nova era.

Ergueu os olhos em direção ao céu para homenagear Deus e Sua vontade.

Então foi para o quarto e percebeu que seus pertences, em geral impecavelmente organizados, haviam sido vasculhados. Todo o dinheiro que ele escondia no armário tinha desaparecido. Algum ladrãozinho, sem dúvida. Afinal, isso também explicava a bagunça.

— Bom para ele! — disse consigo mesmo.



O aspecto daquele mundo o convencera, sem que ele precisasse de mais provas: o ambiente mudara de forma radical, aquele novo começo lhe parecia evidente, ao seu alcance.

O velho sentou-se na poltrona da salinha. Estava orgulhoso de ter sido o encarregado daquela reparação.

No momento, queria descobrir as inúmeras consequências benéficas de sua ação.

De onde estava sentado, notou que alguns envelopes se amontoavam junto à porta. Pegou a pilha espessa: havia duas cartas de Viena.

Ele pressentiu um acontecimento feliz em sua vida... e que não ousava esperar.

Seu coração se encheu de alegria: era sua irmã Yélèna que lhe escrevia! Pedia que ele fosse visitá-la em Viena porque seus filhos e netos exigiam constantemente a presença de seu velho tio Elias.

— Tio Elias! — exclamou ele. — Fantástico!

A realidade tinha sido mesmo profundamente modificada. Mas seu êxtase chegou ao auge quando ele deu uma olhada na outra carta. Trazia a assinatura de um tal Huber Ein, que Elias já não sabia quem era, e dizia o seguinte:

Viena, 24 de outubro

Caro primo,

Eve-Lynn e eu, assim como toda a família, ainda não entendemos por que você decidiu se mudar para essa cidade tão afastada, tão longe de todos nós. Estamos com saudade. Eu queria saber se está tudo bem, porque já faz algum tempo que você não atende nossas ligações. Gostaríamos muito que nos desse notícias.

Você sabe que os Ein sempre foram muito unidos, mesmo nos momentos difíceis. Por isso eu gostaria de ter certeza de que não está precisando de nada e que encontrou em Braunau o que procurava.

Não perdemos a esperança de que você volte a morar em Viena. Mais do que nunca, eu gostaria que a família

permanecesse unida. Estamos contando com você.  
Seu primo dedicado,  
Huber H. Ein

Foi assim que Elias ficou sabendo que recuperara a família, que já não estava mais sozinho no mundo.

Após todas as reviravoltas que testemunhara nos últimos tempos, aquela sem dúvida era a mais tocante. Tinha a impressão de quase conhecer aquele primo Huber. Seu rosto surgiu devagar na mente de Elias. Os de seus sobrinhos, sobrinhas, primos e primos-netos vinham em forma de lembranças que voltavam à superfície após uma longa amnésia.

Mas Elias tinha duas histórias.

“Tenho uma família!”, pensou ele.

Essa notícia o encheu de alegria enquanto algum cachorro latia novamente no pátio. Ele encontrou no verso do envelope o endereço do remetente: Huber & Eve-Lynn Ein, Schönburgstrasse 72, Viena.

Elias sentiu imediatamente vontade de se juntar a eles, de conhecê-los. De se divertir com eles.

Precisava ir a Viena naquele mesmo dia.

Subiu até seu quarto. As pernas o levaram como se ele tivesse vinte anos. Viena ficava a apenas cinco ou seis horas de trem, e havia sempre um saindo a cada duas horas. Três ruídos abafados soaram na entrada.

Elias passava por um momento intenso, estava no auge da felicidade. Animado, ele foi até o banheiro, tomou banho, e a água em seu corpo teve o efeito de uma purificação. Ele se olhou no espelho e fez a barba. Seu rosto finalmente lhe pareceu mais apresentável, ainda que magro. Ele também se tornara um novo homem. Mais latidos ecoaram pelo pátio. Apesar do cansaço físico, seus traços exprimiam certa plenitude.

Elias se vestiu depressa. Desceu a escada com uma pequena mala nas mãos. Logo estava diante da porta.

Três novos golpes ensurdecedores soaram: *Bum! Bum! Bum!*  
Um estrondo infernal. Elias ficou paralisado.



As pancadas eram tão fortes que a porta ameaçava ceder. Lá fora, os berros dos homens se misturavam aos latidos dos cães. Elias ouviu os sujeitos gritando, com um forte sotaque alemão.

O sangue congelou em suas veias.

*Bum!* Elias sentiu um medo terrível.

— *Raus! Raus sofort! Türe auf, Jude!* Fora! Saia imediatamente!  
Abra a porta, judeu!

Foi então que a porta acabou cedendo, caindo pesadamente no assoalho.

Dois cães de guerra se lançaram em cima do velho, que ofegava. Foram contidos por grossas coleiras de couro que estalaram no recinto feito chicote.

Três brutamontes de uniforme escuro apareceram. Soldados. Havia uma estranha caveira espetada na gola do casaco deles.

— Elias Ein? É o senhor? — perguntou um dos homens.

Elias assentiu, num movimento automático. Então os soldados o levaram. E ninguém nunca mais ouviu falar nele...

## ***EPÍLOGO***

Todos os moradores de Braunau tinham visto os soldados da Cruz de Ferro, os Anjos da Morte, como eram chamados, levar o velho Elias. Ninguém sabia para onde eram conduzidos todos aqueles judeus arrancados de suas vidas. Os judeus, os da oposição, os estrangeiros, os homossexuais, os inválidos, os ciganos...

Corriam rumores de que os Anjos da Morte tinham um líder, que era venerado por todos e não tolerava críticas. Muitos afirmavam que aquelas pessoas estavam sendo reunidas para contribuir com o esforço nacional por meio do trabalho, e outros afirmavam que certamente eram mandadas para a morte.

Alguns na cidade ousavam dizer que estava acontecendo algo medonho, que nunca na história da humanidade uma nação moderna e civilizada se esforçara tanto para subjugar tantas populações.

Então, os moradores locais, amargurados pela doutrinação e pelas privações, começaram a denunciar todos os estrangeiros, todas as pessoas da oposição, os "marginais" da região. Foi assim em todo o país, e logo em toda a Europa.

Selecionavam as crianças assim que nasciam, jogando as fracas aos cães, confiando as mais adequadas a amas de leite que lhes davam uma educação perfeita, inteiramente voltada para a nação.

Após o incêndio, Tom tivera a sorte de ser encoberto por uma família benevolente da região, graças à ajuda de Fuchs. Mas o garoto ainda era procurado, certamente porque não parecia uma criança austríaca como as outras, certamente por causa de sua origem.

Achando que iriam agradá-lo, um dia os justos que o haviam resgatado lhe deram uma daquelas famosas trufas de chocolate da

loja dos Kruger. Tom lembrou-se por um instante do rosto de Elias Ein. Foi tomado por uma profunda tristeza porque, ao pensar novamente no velho Sábio, o menino entendeu que nunca mais o veria.

Por intermédio de Fuchs, Marika e Tom ainda puderam trocar algumas cartas. Os dois talvez voltassem a se ver algum dia, a menos que o destino e a política decidissem o contrário.

Tom rezava para que tudo aquilo acabasse logo. Perguntava a si mesmo como tudo havia começado. Às vezes, ficava com a impressão de que já tivera uma história diferente na lembrança, mas era algo que estava muito distante na memória.

Ele já havia esquecido, como todos nós esquecemos.

Ele ficou sabendo que a luta da qual o país participava corajosamente não duraria muito mais, que as autoridades acreditavam que em breve exterminariam seus inimigos externos. E que em seguida viriam mil anos de felicidade...

Então, em seu esconderijo, Tom aguardava a libertação. Ele rezava para os aviões que sobrevoavam sua cabeça destruírem aquele mundo de violência que caminhava para a própria ruína.

Aquela guerra teria que chegar ao fim e Thomas estava decidido a sobreviver, a erguer bem alto as cores da vida. E, vendo-o crescer ao longo dos meses, Fuchs percebeu que aquele menino trazia consigo uma esperança, mais que isso, ele era uma promessa.



A casa do velho Elias, o Sábio, foi derrubada pouco depois de sua detenção. Esgueirando-se pelos escombros, Tom encontrara antigas cartas de sua família vienense, que também não dera mais nenhum sinal de vida. Seus membros deviam ter fugido ou sido detidos.

No chão, em meio ao caos, desenterrou o caderno de anotações de Elias. Ele escrevera: "Não sei se Deus está comigo ou não, mas tenho fé. Em breve, apagarei tudo isso da História. É a

missão que Ele me deu. E o mundo reencontrará sua pureza, reencontrará sua inocência, e esquecerá.”

Tom também tirou dos destroços a antiga caixinha de música de seu velho mestre e um livro que pertencera à sua coleção.

A caixinha de música, cujo conteúdo se perdera para sempre no incêndio, continuava a atravessar o tempo, fazendo ecoar sua pequena melodia. De certa forma, ela se tornou o legado de Elias para Tom. O menino ainda a guardaria por muitos anos.

Quanto ao texto que escapara das chamas, tratava-se do *Arquipélago Gulag*.

Mais tarde, Thomas sublinharia um trecho que, por alguma razão, ficaria gravado para sempre em sua mente:

*Se ao menos houvesse pessoas ruins em algum lugar cometendo insidiosamente atos maus, e se bastasse isolá-las e exterminá-las... Mas a fronteira entre o bem e o mal passa pelo coração de cada ser humano. E quem quer destruir um pedaço do próprio coração?*

Fecho os olhos e são sempre as mesmas coisas que me atormentam: o barulho dos trens passando pelos trilhos, os comboios, os vagões de mercadorias, o frio, a neve dos invernos poloneses e húngaros, a primeira pedra caída no poço sem fundo do esquecimento.

As listas de oponentes, de ciganos, de homossexuais, de resistentes... Os cartazes vermelhos. As denúncias. O olhar daquele pai para o filho em seus braços, de pé, diante do pelotão de fuzilamento. O dedo apontado para o céu. Aquele zumbido na minha cabeça.

Morrerei. E do meu corpo sairá a alma que me habitava, que sempre implorará para os homens não se esquecerem daquilo de que são capazes.

Está se aproximando o dia em que tudo isso se perderá no grande labirinto inabitado dos arquivos.

É o rumo natural das coisas.

Onde estaremos quando triunfar essa manhã assim como as outras, em que, por causa de nós, os filhos de nossos filhos nem se lembrarão mais? Pois esse momento se esgueirá de maneira insidiosa na vida.

E nesse dia, nesse mesmo dia, o que sobrar de mim irá vagar pelas praias brancas da Normandia, para se lembrar, escutar o canto lúgubre das gaivotas e o barulho da rebentação sobre a areia deserta e fria.

*Em homenagem a Dino Buzzati por seu conto "Povero bambino", em  
Il Colombre*

*Em memória do 21 de abril de 2002*



## ***Sobre o autor***

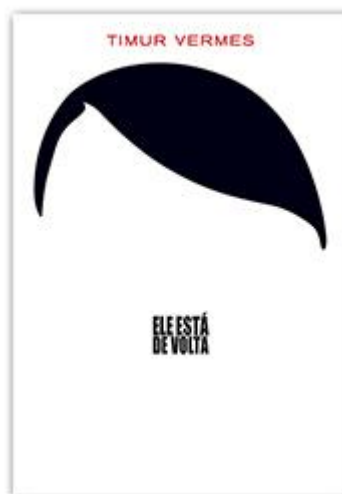


Formado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris, Grégory Samak iniciou a carreira em 1998 no canal de notícias americano ABC News. Depois foi diretor de várias emissoras de televisão na França. Em 2005, participou da criação e do desenvolvimento do canal de notícias francês BFM TV, do qual é cofundador. Samak mora em Paris com a esposa e os dois filhos. *O Livro Secreto* é seu primeiro romance.

***Leia também***

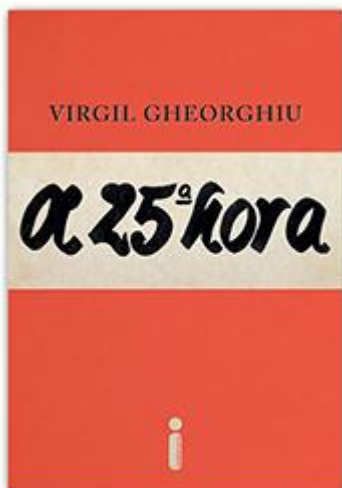


[\*Os óculos de Heidegger\*](#)  
[Thaisa Frank](#)



[\*Ele está de volta\*](#)

[Timur Vermes](#)



[A 25ª hora](#)  
[Virgil Gheorghiu](#)



[Os últimos dias de nossos pais](#)  
[Joël Dicker](#)



*Toda luz que não podemos ver*  
Anthony Doerr